

Aline Cântia Corrêa Miguel

Calunga voz e memória entre os vãos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Teoria da Literatura.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientadora: Prof^a Sônia Queiroz

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2006

Dedico este trabalho ao povo quilombola –
guardião da memória e poesia afro-brasileira.

Agradecer é preciso

Aqui no território Calunga, sob o batuque e benção de tambores afro-brasileiros, percebo que escrever é um ato solitário, mas o trabalho final só existe porque há um encontro de vozes.

Voz firme e sensível da querida Sônia Queiroz. Amante das palavras, ensinou-me sobre literatura, pessoas e sonhos. Obrigada por ter dado asas e chão a esse trabalho.

Vozes amigas da *Avesso Filmes*: André, Cardes e Neimar. Irmãos que a vida me deu de presente, compartilhando dos mesmos sonhos, sorrisos e poesia. À Dani, pela ternura dos olhares. Ao Marne, pelo silêncio que tantas vezes me convidou pra conversar. À Flor e companheiros do Açude, pela amizade e aconchego das vozes que vieram da beira do mar.

Às vozes companheiras que encontrei nas idas e vindas ao Calunga.

A todos da comunidade UNA, por acreditarem no meu trabalho, e aos meus alunos – por serem a certeza de que vale a pena contar o que um dia me contaram por aí...

Aos velhos e novos amigos, pelas conversas, cafés e brincadeiras de roda. Vozes que sorriram diariamente. À Virginia, Neide e Josilei, pelas vozes companheiras nessa etapa final do trabalho. À Cris e ao Gustavo, vozes da arte e da paz. A minha irmã Rita, pela torcida e voz cuidadosa durante todos esses anos. Aos meus pais, por tudo que são e me deixaram ser. Coro preocupado ao telefone, quando eu voltava dos vãos calungas.

A todos os moradores da comunidade Calunga - pela mão estendida, caminhadas, abrigos, orações e tantas horas de conversas nas beiras dos rios e pés de serra. São todas essas vozes.

À voz de Deus que me *alumia*...

Lá

*Onde a terra é farta, a lua é virgem e a noite é sábia.
Onde os homens são tão naturalmente a natureza.
Ele é o que é. Gigantes montanhas que apontam para
o céu. O dedo do moleque. Vãos que valem a pena,
que guardam mistério, energias passadas, vão que
vão além da pena, que concentram força e muita
luta, que guardam a pureza e a inocência das
crianças nas pessoas adultas. Vãos que me levam de
carona por entre montanhas, por entre serenos rios
de águas cristalinas, que nunca hão de minha
memória secar.*

Flor do Cipó
(Floribela dos Santos é quilombola da comunidade do Açude-MG e
conheceu a comunidade Calunga em outubro de 2005.)

Resumo

Calunga, uma comunidade quilombola situada ao norte de Goiás, preserva ainda hoje suas histórias e outras tradições orais. Em meio a muitas vozes, encontramos orações, folias, cantos, lendas, benzeções, contos e narrativas de vida. Poesia oral que transita entre os vãos, recorda o passado e retorna ao presente, traduzindo a vida e a identidade dos calungas.

Palavra-chave: poesia oral, memória, história, narração, performance, quilombo, calunga.

Abstract

The community Calunga, a remainder of old run away slaves, in the north of Goiás, preserves its histories and traditions verbally. In way to many voices, orations, "folias", songs, legends, means to inform, benedictions and narratives of life. Verbal poetry that transits between the vain ones, remembers the past and returns to present, turning into, revealing, expressing the life and the identity of calungas.

Word-key: verbal poetry, memory, history, narration, performance, "quilombo", "calunga".

Sumário

Encontro de vozes	9
Diário de campo da primeira viagem ao Calunga.....	12
Diário de campo da segunda viagem ao Calunga.....	29
Diário de campo da terceira viagem ao Calunga	34
Calunga: os vãos da oralidade	40
Histórias de um Brasil quilombola.....	40
História a partir das histórias... ..	54
Calunga, a palavra.....	74
Entre os vãos: a palavra cantada e contada	91
Narrativas de vida	91
Festas e folias.....	97
Sabedoria dos antigos.....	104
Discurso de cunho social.....	108
Narrativas fantásticas	109
Voz e memória escondida entre os vãos	112
Gravações e transcrições	123
Referências	126
Escravidão – Quilombos – África.....	126
História – Memória – Narração – Performance.....	128

Encontro de vozes

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.

Tierno Bokar¹

Conhecendo as limitações da escrita, quando o assunto é o saber de tradição oral – arrisco deixar aqui as minhas impressões sobre o povo calunga. A partir de uma investigação sobre a cultura da comunidade Calunga, remanescente de quilombos no sertão de Goiás, estão descritos aqui, dentre outros elementos, a memória e seus usos, a benzeção, a culinária, o trabalho e o lazer, as orações, os modos de informar, os cantos, as lendas e as narrativas de vida.

Os textos orais transcritos e analisados neste trabalho apresentam vozes diversas. São histórias que traduzem a vida, as normas internas, a identidade e o passado desse povo que veio de mares distantes. Impressões divididas em quatro capítulos.

Este primeiro “Encontro de Vozes” trata da percepção do viajante sobre outras culturas, a partir da minha própria experiência.

O segundo capítulo conta a História dos quilombos brasileiros e, a partir de relatos orais, as histórias que formam a memória calunga.

As vozes calungas aparecem com mais frequência no capítulo “Entre os vãos: a palavra cantada e contada”. As narrativas, histórias e diálogos transcritos são formados por vários momentos de entrevista. Este capítulo apresenta pouca referência teórica, o que foi uma opção pessoal. Foi uma tentativa de deixar a representação de um universo pela própria voz do

¹ HAMPATÉ BÂ. A tradição viva, p. 181.

contador, que também termina por aproximar o leitor do mundo calunga. É possível, nesse capítulo, a escuta de uma “voz coletiva”, que expressa o passado, as normas locais e o cotidiano compartilhado pela comunidade.

O último capítulo traz reflexões sobre a literatura, memória e oralidade como elementos essenciais para preservação de uma identidade afro-brasileira.

Durante todo o trabalho de pesquisa, utilizei a metodologia da observação-participante. Os cenários das entrevistas foram os mais diversos: a beira de rios, de um fogão a lenha, colheita do arroz, a produção de farinha, entre outros. Essa tentativa foi no sentido de despertar as lembranças e narrativas, sem imposição de valores. Foram utilizados como recursos para registro da voz da comunidade, gravador, filmadora e máquina fotográfica. A gravação sonora permitiu as transcrições das entrevistas e o registro das histórias, canções e orações. O material selecionado foi digitalizado e gravado em CD, que compõe este trabalho.

As transcrições e fotografias deram origem ao livro *Voz Calunga*, que apresenta a comunidade a partir de um encontro de olhares.

As gravações em vídeo tornaram possível a produção de um documentário que registra visualmente os movimentos lúdicos, as expressões faciais e os gestos, que dão mais sentido às narrativas orais.

Um encontro de vozes: a minha palavra, a deles e de outros personagens que passearam por essas idas e vindas à comunidade Calunga. A primeira visita foi em dezembro de 2003 e seguiu até março de 2004. A segunda foi em janeiro e fevereiro de 2005 e a última, em outubro de 2005. Acompanhada de equipamentos técnicos e referências culturais, foi preciso abandonar conceitos pré-estabelecidos e passar a observar e entender o outro.

Nesse caminho, antropologia e literatura travaram um diálogo constante. A aventura de se colocar no lugar do outro, de ver como o outro vê, de compreender um conhecimento que não é o nosso. Nessa encruzilhada, busquei um olhar que me guiou nos mistérios da pesquisa de campo. Percebi que não é fácil revelar, em palavras, um processo criativo coletivo em que se sustenta a comunidade Calunga. Diante do desafio de produzir um texto de cunho científico, não é possível manter a total neutralidade na transmissão desse conhecimento, principalmente quando eles vêm carregados de histórias lúdicas, que já venceram as serras e o tempo.

*Viajar para escrever. Escrever como decorrência da viagem.*² De acordo com Ilka Boaventura Leite, a “literatura de viagem” destaca-se dos ensaios históricos e da literatura de ficção, principalmente porque é considerada *um produto de vivência direta, sem a intermediação dos documentos e principalmente por revelar o produto de descobertas recentes, o novo, o inédito*³. A intenção deste primeiro capítulo é mostrar quem é esse povo calunga, a partir de um encontro de vozes. É importante ressaltar que apresento o outro a partir das minhas impressões, feitas a partir de comparações, classificações e referências das minhas próprias experiências em um mesmo lugar.

*Cada viajante constrói o texto, sistematizando fragmentos da experiência da viagem de outros, de suas vivências, expectativas e frustrações. A viagem, enquanto texto, adquire uma fascinante multidimensionalidade. Traduz um projeto, um trajeto, uma escrita e por que não, várias leituras.*⁴

Enquanto viajante e observadora do cotidiano calunga, apresento aqui os meus próprios relatos construtores de sujeitos: *representações de representações de representações*⁵.

² LEITE. *Antropologia de viagem*, p. 39.

³ LEITE. *Antropologia de viagem*, p. 40.

⁴ LEITE. *Antropologia de viagem*, p. 39.

⁵ LEITE. *Antropologia de viagem*, p. 39.

Os relatos de viajantes são, hoje, amplamente utilizados pela História, Antropologia e Literatura. Geralmente, as informações contidas nessas anotações *suprem falhas decorrentes da escassez e/ou dificuldade de acesso a outras fontes históricas*⁶.

A introdução desta dissertação, a partir dos diários de campo, vem também como uma auto-apresentação enquanto viajante. São textos construídos a partir de vivências e sensações, onde vêm embutidos os calungas e também o “meu” suposto leitor – *fonte de inspiração e alvo principal da representação literária*⁷.

Diário de campo da primeira viagem ao Calunga

Teresina de Goiás-GO, na varanda da Casa Calunga – 26 de dezembro de 2003

Rede esticada, olhares curiosos do lado de fora. Estou em Teresina de Goiás: porta de entrada para a comunidade Calunga. Cheguei hoje cedo e partirei amanhã à tarde para o primeiro povoado: Ema. Lá ficaremos na casa de Ester Pereira – uma calunga que exerce o segundo mandato de vereadora na cidade.

Venho acompanhada pelo fotógrafo Leonardo Boloni, de Uberaba-MG.

Sei que é preciso pedir licença para entrar. Licença a todos que passaram por aqui um dia. Esses vãos e serras foram testemunhas de muitas histórias. Imagino que seria bom se todas as pessoas pudessem conhecer tudo isso aqui – que eu ainda só conheço de ouvir falar... Talvez eu leve um pedaço desse chão através dos meus textos e fotografias... mas tenho medo. Medo que comecem a olhar para a comunidade como se fosse algo raro, fonte de turismo e dinheiro rápido. Quando o olhar é de respeito, a história agradece... porque aqui, “ao pé”

⁶ LEITE. *Antropologia de viagem*, p. 39.

⁷ LEITE. *Antropologia de viagem*, p. 26.

dessas serras, é como se cada pedaço de chão e cada pessoa contasse – em silêncio – a história do povo brasileiro.

Amanhã colocarei, pela primeira vez, meus pés miscigenados, nas terras de negros quilombolas.

Povoado Ema – dia 30 de dezembro

Já estamos em terras calunga. Final do ano e as pessoas da comunidade estão envolvidas com a preparação da Folia de Reis, que sai dia 1º de janeiro da casa da vereadora calunga Ester. Estou em uma casa de adobe coberta por palhas, em um grande terreno. Daqui, posso observar de perto toda a preparação da festa. A mobilização é geral: os homens deixaram a roça para ajudar na construção da choupana, outros mataram um boi para celebrar a fartura. As mulheres prepararam a carne, o arroz e a farofa. Na comunidade, não se fala em outra coisa senão na saída da Folia de Reis e na esperança que ela traz. O tempo está seco e ninguém esconde a preocupação. É preciso chover para plantar o arroz, a mandioca e o milho.

Dia 31 de dezembro

Hoje é o último dia do ano. Agora são seis horas da tarde e passamos o dia em um rio próximo. Daqui a pouco, deverão comemorar a virada do ano.

Dia 01º de janeiro de 2004

Comecei meu ano em uma casinha de adobe, deitada na rede e ouvindo apenas o canto das cigarras. Aqui, não se comemora a virada do ano: estão todos dormindo – descansando para a grande festa: saída da folia de reis.

A festa começou por volta das 19 horas: parentes e amigos que não se viam há tempos aproveitaram para colocar o assunto em dia. Falavam dos meninos, de como estava o compadre, da farinha que sobrou e deu pra vender na cidade e principalmente, da chuva que ainda não tinha chegado. *Ainda não*

chegô, mas hoje o meu cachimbo chiô. Isso qué dizê que vai chovê, contava a Velha Lió. *Não sei não, ainda não apareceu vagalume. E, já viu, quando aparece vagalume, é chuva na certa,* dizia outro. E a discussão seguia adiante... E cachimbo da Velha Lió não mentiu... para alegria de todos, foram embora debaixo de uma forte chuva. Que durou a madrugada toda...

Agora devem ser umas quatro horas da manhã e ainda dá para ouvir um grupo animado tocando sanfona... mesmo debaixo de chuva. Algumas gotas caem bem ao lado da minha rede... O vento forte parece que vai derrubar a porta de madeira.

Dia 07 de janeiro – arremate da folia

Hoje é dia da grande festa: o arremate da folia. Não se fala de outra coisa... Os homens já mataram o boi, as mulheres preparam o alimento. A casa de Dona Lió está cheia de amigos e parentes que vieram do Vão de Almas para participar do arremate. Fiquei do lado de fora observando, anotando e gravando algumas músicas. O Leonardo fez algumas imagens. Passo tempos imaginando como é, pra eles, ter duas pessoas de fora da comunidade participando de uma comemoração tão importante...

Olhava, de longe, a apresentação da Folia, quando Dona Dominga me puxou pelo braço... *vamo lá, menina, vamo dançá a sussa.* Percebo nesse momento, que quanto maior a minha participação, menor a distância entre nós. E depois de ensaiar um ou outro passo da sussa, volto para minha rede. O barracão em que estava dormindo tinha ganhado um outro sentido: era abrigo dos foliões que, em suas redes coloridas, descansavam para o esperado arremate da Folia de Reis.

Deitada na minha rede, ouvindo apenas o galo cantar, ficava observando aqueles foliões dormindo, pensando no privilégio que estava tendo naqueles dias.

Conviver e, de certa forma, fazer parte de um “mundo” onde as pessoas e o lugar parecem contar um pouco da nossa história.

Levantei cedo, com a casa cheia de vizinhos que vinham cumprimentar os foliões. O café da manhã estava caprichado: biscoitos, broa de milho e café forte. O assunto era a festa do arremate que ocorreria no início da noite, na casa do Seu José dos Santos. *O forró vai tá animado, ocê vai vê como que nós dança forró aqui. Vai vê e dançá,* me animou Maria.

E como são vaidosos e gostam de estar sempre elegantes, principalmente nessas festas, a preparação começou cedo. Acompanhei até uma tintura de cabelo, *com tinta da cidade, nós compra sempre porque tem que ficá bonita, não é mesmo?*, pergunta-me Dona Lourdes, enquanto se arruma.

E estavam todos certos. O arremate da folia é mesmo uma grande festa! Não parava de chegar gente: da comunidade, das cidades vizinhas e até de Brasília e Goiânia. O Seu José e sua esposa contrataram um som mecânico e gerador de energia. Também capricharam na decoração da casa: numa varanda do lado de fora, balões coloridos e a “passagem da fartura”, enfeitada por laranjas, biscoitos de polvilho e iluminada com velas feitas de cera de aratim. Essas são velas típicas da comunidade: eles esquentam a cera da abelha aratim e depois passam em longos fios de algodão. Deixam secar as velas, que ficam penduradas em uma árvore. Depois de pronto, enrolam e utilizam para iluminar e também perfumar a casa.

A dança, a reza, as músicas... uma verdadeira imersão nos costumes e tradições desse povo que não se cansa de sorrir e oferecer o que tem. Lembrome do Seu José vindo todo sorridente nos apresentar as suas filhas que moram na cidade, *cuide bem deles, trais a janta depois, tá bom?*, disse ele a uma das meninas. E, logo depois, chegam dois pratos de comida boa.

Com a barriga cheia, era hora de cair no forró. E animação não faltava: jovens, mulheres, homens e até os mais velhos arriscavam um outro passo do forró da cidade. Eu dancei até o pé ficar doendo, conversei com os calungas, aprendi passos novos. Fiquei um pouco decepcionada porque achei que deveriam mesclar um pouco do ritmo da cidade com o do próprio povo calunga. A sussa ficou um pouco de lado nessa hora, e também existem cantores na região como a dupla "Boto e Jorge", que já têm um CD próprio. Nessa festa, eu percebi claramente a influência do que vem de fora. Acho que deveria haver um intercâmbio e não apenas uma "invasão" dos ritmos da cidade.

Dia 08 de janeiro – despedida do povoado Ema

Primeira despedida nessa terra goiana. Partiremos hoje para o povoado Diadema... Não sei o que é maior: a vontade de ficar ou de conhecer as outras pessoas deste lugar imenso... cheio de rios, morros e buritis.

Diadema/Ribeirão – Dia 09 de janeiro

Logo amanheceu o dia 08 de janeiro e nós seguimos com o calunga Dimas para Diadema. Chegamos em uma casa de família grande, com muito calor humano para nos receber. Era casa de Dete, uma mulher forte e bonita. Tomamos café e fomos fazê a primeira visita, acompanhados pelo Júnior, um garoto de 10 anos. Logo na primeira casa, encontramos o agente de saúde Juraci (que logo virou "Jura", o nosso guia). De quinze em quinze dias, ele percorre as casas da região. *Chego nas casa, tomo um café, meço a pressão dos adultos e peso as crianças com até quinze quilo. Quando percebo um problema, mando pra cidade, me conta Jura.* Ele já faz esse trabalho há quatro anos. O trabalho é reconhecido pelos calungueiros que têm consciência da importância da prevenção às doenças. *É bom ter a pressão no controle, né?? Porque assim, na hora que precisá num tem que corrê pro hospitá.* De acordo com Jura, a saúde

do povo calunga é muito boa. *O que mais encontramos são pressão alta, colesterol. Além de picadas de cobra, escorpião e araias.* Juraci conta ainda que alerta as pessoas para o problema da doença de chagas. O problema tem sido resolvido, em parte, com as casas de alvenaria – doadas pela Fundação Palmares há três anos. No entanto, pelo que me contaram hoje, apenas 70 casas foram construídas – as outras permanecem com o mesmo problema. O “cheque-moradia”, um programa do governo, também não tem sido solução, devido às irregularidades. Por exemplo, eles conseguem comprar apenas parte do material necessário.

Ainda de acordo com Jura, essas doenças sexualmente transmissíveis ainda são existentes por aqui. *Também nunca tivemos problemas com viciados em drogas. É como se a gente fosse protegido dos males da cidade.*

Dia 11 de janeiro

Continuamos em Ribeirão e Diadema (os povoados são separados pelo ribeirão dos Bois). Aqui, as pessoas são simples e vivem sempre umas nas casas das outras. Crianças brincando, mães ralhando, jovens gritando. Tudo nosso é novidade. As mulheres ouvem e querem que eu conte as coisas da cidade, perguntam, observam. As crianças também.

Agora, por exemplo, estou na casa de Dona Paula. Pedi a ela que me desse um pedacinho desta mesa para escrever um pouco. Aqui faz silêncio – preciso dele. Ela fez um café, serviu biscoito de polvilho. Nesse momento, quatro pessoas (duas senhoras e duas crianças) me olham escrever. Estão com o olhar fixado há mais de quinze minutos. Fico aqui imaginando o que pensam... Uma pessoa sozinha, vinda de longe, coloca um fone no ouvido e começa a escrever. Elas chegam mais perto, estão atentas... Chega mais um. Agora são cinco. As crianças permanecem em silêncio. Estou completamente tímida, não sei o que

fazê... Chega mais café. Eles começam a conversar, bem baixo – o que é muito difícil nessa comunidade. De vez em quando, levanto os olhos do papel e dou um sorriso. Fico a pensar sobre essa curiosidade. Penso naquele isolamento que era uma certeza na minha chegada.

Ainda não escrevi sobre isso, mas precisei esquecer de todos os meus conceitos pré-estabelecidos, da minha rotina diária – para encarar estes dias calungueiros. Isolamento, por exemplo! O que significa ser isolado? Ficar sem luz, telefone, internet, jornal? O que é isso pra eles? Isolado de *que*, de quem? Estão sempre juntos. A casa está cheia, acordo com crianças chorando, o cheiro do café e do bolo de mandioca, o marido falando alto, vasilhas caindo no chão, vizinho batendo palma na porta da casa aberta. E assim vai, até o cair da noite.

O banho é de rio, mulheres e crianças vão juntas. E lavam roupa, conversam, lavam vasilha, dão banho nas crianças, falam alto, gritam alguém que passa na estrada, tomam banho, e assim seguem até o fim do “ritual” diário... *É uma festa, mesmo sendo obrigação*, costuma dizer Dete – a nossa anfitriã.

18 de janeiro – indo para a cidade

Hoje fui pra cidade. Uma vez por semana, o ônibus da prefeitura busca o pessoal. Como a chuva está pouca e a terra não está boa, eles fazem as compras em Teresina de Goiás. Arroz, feijão, carne e farinha de mandioca são os principais alimentos dessas famílias. As mulheres e homens se arrumam e vão alinhados passar o dia em Teresina de Goiás. Alguns aproveitam para levar as crianças ao médico ou dentista, outros vão comprar o feijão e o leite ou vão passear e distrair um pouco. Como são todos amigos e parentes, a viagem é bem animada, com conversas paralelas e muito bom humor. Na cidade, almoçam

nas casas dos amigos e parentes. Lotam supermercados e o ônibus volta cheio de sacolas.

Um pessoal simples, mas que sempre tem alguma coisa a oferecer, que não liga de colocar mais água no feijão ou preparar um café com leite.

Agora, estou sentada na sala da casa de Dete, escrevendo sob a luz da vela de aratim. As paredes estão sempre cheias de gravuras, orações, letras de música, fotos de cantores sertanejos e imagens de santos. Santa Luzia e Nossa Senhora da Abadia dividem espaço nas paredes e altares. Isso é curioso: a maioria dos calungueiros são católicos ou evangélicos. Pelo menos até agora, ainda não encontrei manifestações do sincretismo africano. Mesmo os mais velhos já foram criados sob a custódia católica... Participei de um culto evangélico. O casal de pastores segue de caminhonete, buscando cada calunga na sua casa.

Dia 21 de janeiro – visita à reunião da Associação Calunga

Saí de casa cedo. No caminhão, cerca de 40 calungas conversavam animadamente. Hoje foi dia de assembléia geral da Associação Quilombo Calunga. O motivo é a eleição dos novos presidentes. Lá, após longo atraso, a reunião reelegera a mesa diretora, com Tico – como presidente – e Éster, como vice. Na reunião, percebe-se que os calungas estão começando a se soltar, dando algumas opiniões e reivindicando pelos seus direitos. O problema, ao meu ver, tem sido a falta de comunicação e esclarecimentos entre os associados.

Conheci Henrique (agrônomo que vai liderar o setor de desenvolvimento sustentável do Projeto Calunga) e Durval Mota, agrônomo e político que apóia os calunga desde 1999 e já conseguiu muito benefícios. Entre eles, construção de uma ponte e das três “Casa Calunga” (casa na cidade que serve como pousada para os calungueiros).

Os dois me levaram para conhecer alguns lugares e quando me deixaram “em casa”, já estava escuro. Quando cheguei, Dete havia guardado um pouco de mingau de milho pra mim. Fomos para varanda e conversamos até o sono chegar.

Dia 22 de janeiro

Pode ser no forró, no samba, nas músicas da igreja ou das folias. Eu gosto mesmo é de dançá e de cantá. Ninguém me segura! Vamos lá, vamos cantá mais uma aí!, grita Cida para a irmã Dete. Ainda jovens, elas moram na comunidade de Ribeirão dos Bois e, assim como a maioria, adoram uma boa festa. Aliás, alegria é a marca registrada desse povo. *A gente tem os problemas do dia a dia, é claro. Mas não dá pra ficá triste o tempo todo. Amanhece o dia, amanhecem os problemas e também as alegrias. E quem é que não gosta de uma farrinha? Eu gosto. Aposto que ocê também.* Esse é o jeito animado de Bené, morador de Diadema. Ele trabalha na roça, mas sempre tem tempo para o seu futebol aos sábados e o dominó nas noites livres.

Em todas as áreas do território calunga, o morador descobre um jeito diferente de se divertir. Em Diadema e Ribeirão, todo sábado à tarde, ninguém pode faltar ao jogo de futebol, no campinho em frente à casa do Seu Romão. Isso aqui é “religioso”. *Se não venho parece que meu sábado não existiu. Dá pra jogá uma peladinha e ainda conversá com os amigos. E o pessoal ainda toma uma cachacinha tamém,* conta Marcos Pereira das Virgens, de 27 anos. Durante a semana, outro jogo entra em cena: é o dominó, que já faz parte do dia-a-dia desse povo. Crianças, jovens e adultos se concentram na casa de Dete e varam a noite gritando e dando boas gargalhadas durante a brincadeira.

Dia 25 de janeiro

Já está chegando ao fim a nossa estadia em Diadema. Foram vários dias convivendo em um verdadeiro núcleo familiar. São casas próximas, onde moram pais, filhos, netos, compadres, primos, avós. Os dias passaram “voando”, as famílias nos deixaram tão à vontade, que às vezes nem me lembro que estou tão longe de casa – e há tanto tempo. Hoje faz um mês que não falo com ninguém do lado das Minas Gerais.

Aliás, a questão da família é essencial. A comunidade se caracteriza por essa proximidade entre as pessoas e pelas famílias numerosas e unidas.

Parecem cuidar de mim o tempo todo. O próprio Jura me disse isso certa vez: *Vô andá com ocê sempre que pricisá. Porque ocê tá na nossa terra, com o nosso povo. E então, tá na nossa responsabilidade, se acontecê alguma coisa com ocê, é como se fosse com a gente, entende?*

Entendo. Passei a entender muita coisa com essa experiência. Por exemplo, como é possível viver sem luz elétrica quando se faz a lamparina com cera de aratim; ou sem televisão e internet quando se pode jogar dominó ou bater papo na varanda até tarde da noite. E o assunto não morre: fala-se da chuva, da roça de milho, da 5ª série que vai chegar, do prefeito e o que ele anda fazendo pela comunidade.

E também querem conhecer as minhas histórias, as coisas da cidade... Relato alguns casos... Mas eu não estou aqui para contar as minhas histórias, pelo contrário, quero ouvi-los. Quero que eles percebam o quanto são importantes, tanto para o meu trabalho quanto para a comunidade.

Aprendi muito sobre a importância do ouvir. As conversas me ajudaram a perceber que meu tempo ali era outro. Eu deveria ouvir muito mais do que falar, porque assim, as perguntas saíam naturalmente. Foi preciso deixar um pouco

de lado as técnicas de entrevista e deixar a conversa fluir naturalmente, em gostosos bate-papos debaixo de árvores, enquanto se ralava a mandioca, durante o banho de rio e outras situações bem menos formais que uma entrevista frente a frente na sala de visita.

Hoje, passei quatro horas vendo uma família produzindo a farinha. Aqui, aos vinte e um anos, aprendi o que é o silêncio. Fiquei horas observando, sem dizer uma única palavra – e fui embora com a sensação de que obtive uma das mais ricas entrevistas.

Mas a partir do ouvir, surge – cada vez mais forte - outra questão tão importante quanto: ouvir e simplesmente registrar? Ou algo mais? O que eu faço daqui pra frente, com o rico material que tenho em mãos?

É era hora de arrumar as coisas e mudar de lugar outra vez. Já estava acostumada com o ritmo... Dessa vez, ficará muita vontade de ficar. O papel de pesquisadora não se perde, mas as histórias se misturam.

Vão de Almas – 26 de janeiro

Estou aqui, tirando um bom descanso, depois de horas de caminhada na Serra do Pula Pula. Quando saímos de Ribeirão, as pessoas estavam se arrumando para ir pra cidade. Era dia de compra.

Saímos por volta de 9 da manhã acompanhados por João, marido de Dete, Jurandi, irmão de Dete, e Seu Patrício – cada um em seu burro. Eu e o Leonardo seguimos a pé. Logo depois da ponte, Seu Patrício seguiu seu caminho. Mais na frente, Jurandi também se despediu. E fomos então com o João, que nos levou até o fim do caminho. E que caminho... Percorremos cerca de 15 km, divididos entre estrada de terra e pedras, subindo e descendo a Serra do Funil (antes conhecida por Pula Pula), que beira o rio Paranã.

Enquanto subia e descia aquelas pedras escorregadias, fiquei imaginando quantas pessoas passaram por ali... há centenas de anos. Homens e mulheres levando mantimentos, ferramentas, crianças e sonhos. Principalmente sonhos.

Chegamos na casa de Dona Eva e Seu Dermetrino.

Aqui da rede, ateadada num casebre do lado de fora da casa principal, observo o comportamento e as conversas dessa família numerosa, cheia de crianças e jovens. São várias casas no mesmo terreno, onde moram avós, pais, sobrinhos e netos. Hoje é dia de fazê farinha e Dona Eva chegou da roça carregada de mandioca. Calunga com seus 70 anos, trabalha melhor que muita gente nova.

Agora são pouco mais de seis da tarde. Eu vim deitar cedo hoje, ainda estou muito cansada por causa da longa caminhada. Deitada, posso ouvir as conversas... Dona Eva e Seu Dermetrino estão ralando mandioca, devem ficar até tarde. Enquanto isso, discutem sobre o fato de estarem trabalhando sozinhos há tantos anos. *Criei tudo no cabo da enxada e agora fica tudo aí, cheio de denço sem podê ajudá.*

28 de janeiro

Parei de escrever aquele dia porque o tempo fechou e choveu muito. Seu Dermetrino e Dona Eva ficaram conversando e ralando mandioca até tarde da noite. Mas no dia seguinte cedo já estavam de pé. Café forte para os adultos e "sopa" para as crianças: água, açúcar e farinha. Logo depois, lavar roupa e vasilha no rio...

Lá pelas 10 horas, acompanhei Dona Eva, sua neta e seu genro até a roça, onde eles iam colher mandioca e buscar lenha. Dessa vez, foram bem longe, em uma trilha cheia de mato e alagados. Na volta, ramas, sacos de mandioca e

lenha se equilibravam em cima das cabeças. *E tem que andá ligero*, me conta Dona Eva, enquanto pula a cerca de madeira (chamada de Espinha de Peixe).

30 de janeiro

Ainda é cedo, não devem ser seis horas... e todas as pessoas dessa família já estão acordadas. Seu Dermetrino já saiu pra roça e Dona Eva está indo lavar vasilha no rio Branco. *Chamava rio das Almas, mas o padre que vem celebrá o festeiro, mudô pra rio Branco*, me explicou Dona Eva.

Aqui no Vão de Almas me questiono muito sobre o meu trabalho. Começaram a surgir as maiores angústias... Estaria fazendo certo? Primeiro porque são muitos assuntos surgindo o tempo todo. É difícil selecionar. Uma conversa que ouvia me dava vontade de escrever... Tudo: as crianças, a relação com os mais velhos, a alimentação, os costumes, as pessoas que conhecia, as brincadeiras, músicas, remédios do mato, tipo de moradia, a roça, relação com o rio, a chuva, a fauna, o meio ambiente. As conversas entre eles, o contato com quem chega de fora, a cidade, a palha, o campo, a fartura, a ausência de miséria, a simplicidade, a mandioca, o arroz e o milho. A educação, a saúde, o buriti, as lendas, o fumo, o cachimbo e o artifício, o gado, a pesca e as criações de galinha. O solo, a canoa e a ponte, a família, as serras, os vãos, a ausência de luz, a candeia. A conservação dos valores, os fazendeiros, o turismo, o Projeto Calunga. As diferenças entre as comunidades dentro da comunidade Calunga.

O silêncio é quem me ajuda a perceber cada um desses elementos... Percebo que na cidade, falamos demais. "Pelos cotovelos", como costuma-se dizer. Aqui tenho cuidado a cada palavra dita.

04 de fevereiro – do outro lado do rio Branco

Ontem, a chuva deu uma estiada no final da tarde, atravessamos o rio de canoa e viemos para a casa do Anísio e de Dona Eliza. Uma família muito alegre com seus seis filhos. No dia que chegamos, Anísio e um de seus filhos nos levou para conhecer o encontro do rio das Almas com o rio Paranã. O lugar é maravilhoso, envolto pelas serras onde moram os outros calungas em comunidades chamadas Contenda, Riachão, Sicuri, etc. Imagina ter um “quintal” desses em casa. Dá para entender porque aqui, quando se pergunta se é melhor morar na cidade ou na roça, é resposta é uma só: no campo, claro.

Na volta do rio, um verdadeiro banquete nos aguardava: Dona Eliza matou um frango caipira para nosso jantar. E aqui – como em todas as casas – enquanto a gente não se servir, ninguém mais se serve. Em alguns casos, eles só comem quando a gente termina. É como se, para os “de fora” não pudesse faltar comida.

Dia 05 de fevereiro

Hoje, acordamos cedo e fomos andar pelas casas mais próximas: todos são do mesmo núcleo familiar. Gente simples, que sempre viveu aqui. Falta dinheiro, mas existe fartura: plantações de arroz, milho, mandioca e diversas frutas e cocos. Aqui, onde estamos, é tudo muito distante. Tanto da cidade quanto entre as casas. Quero visitar Dona Domingas, que conheci lá em Ema – na casa da Velha Lió. Mas fica a 28 km de onde estamos – bem no pé da serra.

10 de fevereiro

Estamos ainda no Vão de Almas. Hoje, andei 20 km na garupa de um burro... estou realmente cansada. Apareceram algumas feridas na minha perna e está chovendo muito há vários dias. Acho que é hora de colocar o pé na estrada e ficar alguns dias em Cavalcante. Mas hoje foi uma viagem interessante...

- *É assim ó, presta atenção: muita chuva no verão e seca no inverno.*
- *Esse aqui é o araçá.*
- *Pega aí o coquinho puxa-puxa pra fingi que matô a fome.*
- *Aquilo ali é buriti, aquele outro é tingui (que o povo aqui usa pra fazê sabão). Essas planta aqui tudo eu conheço... peroba, angico, canela de ema...*
- *Quer uma fruta? Pode comê o cajá que é bom. Só não pode misturá ele com leite depois, tá certo?*
- *Olha ali, é casa de João de Barro, conhece? Esse aqui é o tangará vermelho, aquele lá é o beija-flor de rabo branco.*
- *Ih, andano aqui ce vai vê de tudo. Tem muito viado por aí, até onça diz que tem.*

Acostumados a andar quilômetros por dia, os calunga sabem de cor o nome das árvores e flores que encontram pelo caminho. Assim, sem muitas vezes terem passado por uma escola, sem terem estudado sobre o assunto, mostram a riqueza do cerrado.

12 de fevereiro

Daqui a pouco vamos para a cidade... para chegar lá, vamos atravessar o rio Branco, subir a serra do Pula Pula, descer até a casa do Seu Agripino, pegar um ônibus para Teresina e depois, um caminhão para Cavalcante.

Ontem, acompanhei Anísio nas suas visitas de agente de saúde, que são muito mais que visitas de rotina.

É preciso conscientizá o povo. Falá sobre remédios e prevenção com quem sempre viveu por aqui não é fácil. Mas o maior problema é a distância e dificuldade de acesso. Se alguém fica doente de repente, tem que arrumá uns 14 homens e uma rede para levar serra a fora, fazendo revezamento.

Ele também alerta para o problema da doença de chagas devido aos telhados de palha nas casas da comunidade. *Mas esse é um trabaio que vai mais do que eu posso fazê, porque precisa de borrifação.*

Assim, sem deixar de lado o uso das raízes do mato, o povo calunga vem utilizando os novos recursos para melhorar o próprio dia-a-dia.

Queremos acabá com os problemas, mas sem acabá com as coisas que a gente acredita. Não dá pra deixá de usá os remédio do mato de uma hora pra outra, é nossa medicina, né? A gente achá que remédio que compra em farmácia é caro e tem muita coisa que não é da natureza. A diferença é que ele faz efeito mais rápido porque é mais forte. Então, só se precisá mesmo

afirma Juca – morador do Vão de Almas.

Engenho – Dia 28 de fevereiro

São seis horas da tarde aqui no Engenho.

Passamos alguns dias em Cavalcante, onde precisamos tomar antibiótico para melhorar as feridas. O prefeito Eduardo nos ajudou, deixando que ficássemos no hotel Casa Verde, por conta dele. Foram dias importantes para nos recuperarmos.

Estou na casa da Dona Getúlia e do Seu Cirilo, a janta está quase pronta. Estão esperando o Velho José, que chega com um cachimbo na boca e uma candeia na mão. É hora de servir a refeição e esperar o sono chegar...

Aqui é assim mesmo: levanta cedo e deita com o sol. Capino com o galo cantando, faço fumo, busco raiz do mato, ralho com os meninos, dou milho pras galinhas, capino de novo, vô nos vizinhos... e chega essa hora, quem tem ânimo pra fazêr alguma coisa? É acendê a candeia, proseá um bocado e cai na cama.

Mas, aqui no Engenho, esse jeito rústico de viver está perdendo espaço para as chamadas “coisas da cidade”. A luz elétrica está chegando por aqui. A iniciativa é do Governo Federal que, por meio do programa “Luz para Todos”, instalou uma rede com 19 quilômetros de extensão. Por enquanto, setenta e duas residências da comunidade serão beneficiadas com energia elétrica. Para os calungueiros do local, muita coisa vai mudar daqui pra frente. *Parece que eu tô vivo um sonho e vô acordá ainda. Eu nem acredito que vô podê tê a minha geladeira, o meu rádio e ainda abrí um comércio aqui em casa mesmo. Foram muitos ano sem nada disso. É uma vitória para o meu povo, é no que acredita Dona Getúlia, 54 anos. Atualmente, cerca de quatro mil descendentes de quilombolas vivem nessa região repleta de serras e rios, nos sertões do cerrado goiano. Devido à extensão territorial e às dificuldades de acesso, ainda falta muito para que toda a comunidade seja beneficiada pela energia elétrica.*

Enquanto alguns sonham com a chegada da energia, outros ainda preferem deixar as coisas do jeito que estão. No povoado de Diadema, Dete espera abrir um bar ou um salão de beleza. *O governo já fez as pegadas, acho que dessa vez chega. Vai sê uma maravilha podê trabalhá aqui. Com o tempo eu comprô o material que vô precisá para trabaiaá*, sonha. Já para Velha Lió, no povoado Ema, a energia elétrica representa uma espécie de ameaça. *Eu não preciso disso, não. Sempre vivemos com a candeia. Pra que mudá? Vai é chegá as coisa ruins da cidade, essa tal de televisão... eu tenho medo dos calunga acabá*.

Percebo que, hoje, os calungas estão começando a conquistar seu espaço enquanto grupo significativo da sociedade. Começam a mostrar que existem, no planalto do centro-oeste brasileiro, outras coisas além do cerrado, das cachoeiras e da rodovia Belém-Brasília. Existe uma comunidade que sobreviveu e cresceu às margens dela.

É essa imagem que tentarei levar pra fora desse lugar. Um povo simples, que apesar das dificuldades, me acolheu com braços abertos e sorriso no rosto.

06 de março

Está na hora de voltar pra cidade. Ainda quero conhecer o Vão do Moleque, mas as chuvas estão dificultando o acesso. Dizem que lá vivem cerca de dois mil calungas. Esses dias, conhecemos Dona Joana, de 109 anos. Ainda lúcida, ela já se mostra cansada... não agüenta mais quem vem aqui, tira fotos e não volta mais. No dia que estava lá, chegou um ônibus com cerca de 25 turistas, alguns estrangeiros, e todos quiseram tirar fotos. Era como se ela fosse um objeto de museu. Revoltante.

12 de março

Dia de voltar pra casa. Depois de muito caminhar e tentar caronas para chegar ao Vão do Moleque... resolvemos ir embora.

Foram quase três meses nessas terras. Vou embora e eles seguem a vida de homens e mulheres trabalhadores, que não se importam com a chuva ou com o sol quente para realizarem suas tarefas diárias. Não desanimam com o peso nas costas nem com a longa subida da serra para irem e virem de suas roças, ou com as longas distâncias a serem percorridas para visitarem amigos e familiares. *E sempre achano graça. Porque ficá com a cara feia, não é mesmo? Cara feia não enche barriga, sempre fala a minha mãe, como, um dia, brincou o calungueiro Jura. E é assim mesmo: eles acham graça e beleza na lida diária.*

Com a mesma vontade que vão para as festas religiosas ou dançam a sussa, eles vão para o trabalho. E deve ser essa força a grande responsável pela dignidade do povo. Gente simples e muito humilde, mas com o coração maior que até o próprio território do Calunga. Seguem adiante lutando e socorrendo quem precisar no meio do caminho. *Viver no calunga é coisa para gente forte, trabaidera, e para quem tem fé em Deus e no trabaio, é a lição da Velha Lió, a “Mãe do Lugar”.*

Diário de campo da segunda viagem ao Calunga

29 de janeiro de 2005

Estou novamente na região calunga, ainda em Cavalcante. Venho com André Braga – o Dedé. Cineasta, artista e amigo. Diretor, juntamente com Cardes Amâncio, do filme *Candombe do Açude*, produzido sobre essa comunidade na Serra do Cipó.

Estou na casa do meu outro amigo, também André. No fundo de sua casa, tem uma outra casa, onde moram – em dois cômodos – cinco pessoas. São calungas que saíram das terras há muitos anos. Escrevem seus nomes em papéis pequenos e me entregam. Pedem meu nome e telefone. *É um privilégio conhecê gente de Minas Gerais. Eu nunca tinha conhecido, não.*

O salário de 100 reais de Adriana paga a luz, a água, o macarrão, o leite e, quando dá, o remédio de Dondona. Adriana tem 17 anos e um filho de 3. Engravidou aos 14 e parou de estudar na segunda série. Hoje, trabalha na lanchonete perto do fórum – das oito da manhã às cinco da tarde.

Dondona, a mãe, foi a primeira a chegar na cidade. Hoje enfrenta problemas psíquicos e precisa da ajuda de Adriana para cuidar das filhas mais novas, de 9 anos: Jaqueline e Janaína.

Conto pra elas a história do Sol e do Vento. Encantadas, pedem desculpas por não me darem nada em troca. *Mas e o café?* Pergunto. Elas sorriem. O sol e o vento são amigos.

31 de janeiro

Estivemos na casa de Deuselina, presidente da Associação Calunga. Ela é esposa de Pretão. Mostrei a ela algumas fotos e textos. Pedi que lesse e me contasse o que achou. Quando ela fizer isso, assim como outros calungas, posso fechar um primeiro ciclo. Afinal, preciso saber se estou tendo o respeito que esse povo merece.

Deuselina e Pretão são negros calungas. Conscientes da luta do seu povo, estão cansados de quem vem de fora e age de má fé. Em tantos anos de História, milhares de pessoas já tiraram alguma coisa desse povo. Eles têm razão de desconfiar de tudo e de todos. O processo é lento, difícil. O olhar duro de Deuselina ainda dói aqui dentro.

Conhecemos José Ronaldo, secretário de turismo. Deixou-me feliz ver sua empolgação e trabalho com o povo desse lugar.

01 de fevereiro

Hoje estou em Teresina de Goiás. Depois de um ano, coloco os pés nessas terras de gente boa e simples. Na primeira parada, encontro alguns calungas.

Receptivos. Povo lutador, que sabe dar valor a cada saco de farinha, não desperdiça água, agradece pela chuva, pelo vento e pelo sol. Te convida pra um café, um dedo de prosa na beira do rio. Entre esses, está Adão – irmão do Jura. Jura calungueiro, falador e dono de um coração enorme.

Venho aqui para revê-los, para ouvir as histórias e gravá-las. Para conhecer quem já foi buscar sal em Belém.

Ontem, fomos novamente à casa de Deuselina. Dona Clarinha, aos seus 78 anos, assistiu ao Candombe do Açude. Lembrou-se do povo antigo... e lá veio história... do tatu que saiu pela boca, do povo que escutava música boa, da Igreja Santa Bárbara, do seu batizado aos cinco anos... Histórias de luta e de resistência. Espero, um dia, trazer um candombeiro pra cá.

De Cavalcante pra Teresina de Goiás. Pão de queijo mineiro com coca-cola, em terras Goianas. Depois, Monte Alegre. Dois dedos de prosa com o vice-prefeito Zé Francisco e está arrumado o transporte que vai levar dois jovens para o Riachão – povoado do Calunga. Aproveita e leva mais seis calungueiros, que estão precisando e tentando ir pra lá desde o sábado.

Na caminhonete, a cachaça com pilacontra é o remédio para esquecer o descaso. O riso sai solto, confiante. *Ou é assim, ou num é de jeito nenhum.* Brinca Domingas, de 20 anos, com a filha Débora no colo.

A viagem é longa. Estrada de terra mal cuidada e as pontes de madeiras tornam o caminho uma aventura. Olho ao redor: serras, rios, paredes de pedra feita pelos escravos. Ainda hoje, seus descendentes passam por aqui. São negros fortes, trabalhadores. A caminhonete vai esvaziando devagar. Cada calunga fica no lugar mais perto de casa. Sem lanterna ou vela, seguem trilhas já conhecidas. Caminhos testemunhos de muitas histórias, desde a época em que não Brasil não havia liberdade – nem televisão.

Escola do Riachão é a próxima parada. Jovens professores nos recebem com carinho e a janta está logo quente.

03 de fevereiro

Aqui estou com professores que vieram de fora para trabalhar no Calunga. Estão alegres, se divertem com o forró e a pinga. Aqui do canto da cozinha, vejo esse povo que tem a educação nas mãos. Um povo e uma História.

Cheguei hoje do Areia. Saímos ontem cedo para encontrar nossos companheiros de viagem (de caminhonete) Romão e Eva. A caminhada é longa pra gente que vem “da rua”. Pra eles faz parte do dia-a-dia. É passagem do vaqueiro, da criança que vai pra escola, da mulher que busca água no rio. Estrada aberta com mãos calungueiras. São mãos fortes, que colhem e plantam o milho e o arroz. Que abre trilhas, pesca, aperta o lápis para as primeiras letras. Carrega a lenha, segura outras mãos, abriga animais, embala crianças. São mãos jovens, mãos de iaiás, mãos que fiam e outras que preparam o fumo, o tapiti, a bruaca. Mãos de foliões que tocam o pandeiro e batem a caixa. São mãos de mães, pais, homens e mulheres negros quilombolas.

Seria bom se todos tivessem essa consciência de quanto são bonitas as mãos negras calejadas, o cabelo crespo, o olhar firme, o sorriso limpo e feliz.

Pelo caminho que nos levou ao Areia, passamos pela casa de Dona Maria. No chão, um menino estava sentado. Quando me aproximei, ele sorriu, riu, gargalhou. Com seus dois anos, ainda falando pouco, o pequeno Ademilton, do jeito dele, expressa o que é feliz vivendo ali: com suas galinhas soltas no quintal, buritis de dar gosto, perto de grotas e rios, no coração do Calunga.

Esses encontros, a paisagem fantástica, os rios e as conversas com meu companheiro de viagem, tornam a caminhada tranqüila. No meio do caminho, um canto de mulher: a moça com balde na cabeça corta o cerrado com seu

andar ligeiro. Mais pra frente, dois calungueiros montados passam pela gente e informam... *Pra casa de Romão? Daqui até lá dá bem umas duas léguas.* Alguns cajás, buritis desidratados (doados pela Dona Maria) e lá seguimos caminho até encontrar o sobrinho de Romão e algumas crianças. A indicação de uma trilha, que cai no rio Areia, fecha o primeiro ciclo da viagem. Logo adiante, já vemos Romão, que vinha – às pressas – nos esperar. *Passou dois rapaiz de burro??* Passou sim, Seu Romão. *Eles apiaram lá em casa e avisaram que ocês tavam no caminho. Aí, rompi ligero pra cá.*

Duas léguas são doze quilômetros. Em um lugar sem qualquer meio de comunicação formal, sem correio ou sem carro, Seu Romão foi avisado e já estava com tudo preparado!

Até chegar à casa do Romão, conhecemos parte de sua família. Casas sempre cheias, meninos correndo de um lado pro outro, mães trançando o cabelo das meninas, homens e jovens trocando um dedo de prosa, enquanto secam o fumo no fogão a lenha. Chegamos à casa de Seu Zé e Dona Lucádia, ambos já completam, segundo Romão, 100 anos. Histórias que se misturam no imaginário e no dia-a-diade quem nem mais sabe contar quantos anos já viveu. Almoço na casa de Idacila, uma jovem com 66 anos – alegre e trabalhadeira, não aparenta mais que 40.

Chegamos à casa de Romão já com o sol baixo. É linda e aconchegante. Adormecemos com cachaça, fumo taboquero e sob o cruzeiro do sul e suas três marias. Histórias do nego d'água e do curupira embalaram as preliminares do sono.

08 de fevereiro

Já estou no Vão de Almas, na casa de Dona Eva e Seu Dermetrino. Quando cheguei, Dona Eva havia sonhado comigo e já me esperava. Histórias que vão além de uma resposta lógica.

O sol já caiu e, na minha frente, uma negra linda com seus 22 anos, embala, com cantigas de ninar, o pequeno Leomar.

Diário de campo da terceira viagem ao Calunga**07 de outubro de 2005**

Agora são 10h, o ônibus está parado perto do rio São Francisco.

Terceira viagem ao Calunga. Terceira vez às margens do rio Paranã, sob o céu afro-brasileiro, em terras abençoadas pela batida da caixa do pandeiro. Terras e serras por onde passaram os heróis da resistência. Dessa vez, sigo novamente com o André. E nos acompanha Florisbela, da comunidade do Açude, na Serra do Cipó. Uma comunidade também descendente de negros escravos. Sua vinda, acredito, tornará essa viagem mais rica.

Daqui a 12 horas, chegaremos às cidades de Goiás.

Teresina de Goiás-GO, na varanda da Casa Calunga – 08 de outubro

Finda o primeiro dia aqui nessas terras goianas. A sensação de pisar novamente nessas terras, sentar nessa mesma varanda, troca a imparcialidade de um pesquisador por emoção e sensibilidade de encontros e chegadas. Há dois anos, pisava pela primeira vez, pedia licença para entrar na comunidade, licença a todos os ancestrais.

Oralice nos recebeu na Casa Calunga. Moça bonita, com seus 22 anos, já viveu um bocado. Saiu do calunga aos oito anos. Foi trabalhar em casa de família, lá em Brasília – onde depois foi presa. Segundo ela, porque levou as

sobrinhas para trabalhar. Enfim, saiu do reduto da resistência, preservado há cerca de três séculos, para trabalhar na capital do Brasil – a 300 km do Calunga.

Diadema/Ribeirão – 10 de outubro

Hoje estamos em Diadema, na casa de Dete. Agora é hora do almoço e estamos aqui no Ribeirão dos Bois. O sol está cada vez mais quente.

Trouxe as fotos feitas na última viagem, em fevereiro. Também trago presentes...

Voltando um pouco nos dias, essa tem sido uma experiência diferente. Primeiro porque volto depois de um ano e meio de pesquisas do mestrado, pesquisas de campo em outros lugares, além de estar mais próxima do povo (foram muitas cartas trocadas) e para completar, venho com Flor. *Em busca dos parentes*, como costuma dizer, ela tem dado ainda mais sentido a esse trabalho. Lembro da primeira vez que estive aqui, e uma das idéias era criar formas de comunicação entre as comunidades quilombolas brasileiras. De certa forma, e a longo prazo, isso começa a ser feito.

Dessa vez (finalmente!) vamos ao Vão do Moleque, passando pelo Xoco e pelo Forno. Seguiremos para o Vão de Almas.

Encontramos com Pretão e Deuselina, Cavalcante. Fomos recebidos com sorrisos abertos, expectativas das novidades, histórias. Pretão está cada vez mais animado com nossas pesquisas e andanças... Lembro dos primeiros olhares desconfiados e vejo o resultado de um olhar com cuidado.

No encontro, algo que nos emocionou muito. Conversas entre Flor e Pretão:

- Ah, eu tô achando que vô achá uns parentes aqui, Pretão...
- E pode mesmo! É uma calunguinha, olha só. Aqui é uma mistura, porque o povo andava muito. Ce sabe, né?. Tem gente preta, branca e índio. Minha tataravó mesmo, era branquinha, não tinha um anel no cabelo...
- [Flor se emociona] Igualzinho mamãe fala da minha tataravó... igualzinho...

- *Raimunda que ela se chamava. Raimunda...*
- *A minha também! Nós somos primo, Pretão...*

Primos de sangue ou não (embora, eu acredito que sejam), a cena foi muito emocionante. Percebi o valor da cor, da raça.

Em Teresina de Goiás nos encontramos com Jura, querendo participar do Big Brother. Não só ele, mas também Mariza, a "princesa do forró". Depois, sentamos em uma roda de calungas – das antigas – com suas histórias e versos. Para o significado de calunga, as respostas são muitas. O que todo mundo diz é que tem orgulho... Seu Augusto faz um exercício de memória... vai lá atrás e depois volta. Ele também me chama para um café na padaria ali perto e fala um pouco mais. Começa a contar as histórias do tambor.

A sensação que tenho é que eu sei muito pouco dessa história calunga...

Aqui na casa de Dete, converso com todos, sobre as histórias do povo. Passei tantos dias nesse lugar, que me sinto em casa, vendo o quanto é tênue a relação pesquisadora e amiga. Hoje é dia de fazê farinha lá na roça de Seu Patrício. Passamos por lá, e eles estavam trabalhando desde cedo. Seu Patrício não perde nunca o bom humor, o jeito de brincar com as pessoas – sempre com todo respeito que aprendeu com os mais velhos. *Antigamente num tinha esse negocio de menino ficá passano no meio dos véio, quando os véio conversava não. es, se ia buscá um negócio, tinha que voltar antes do cuspe secá.*

Cida aparece com o pé quebrado... mas não deixa de fazê nada por conta disso: bacia de vasilha pra lavar na cabeça, animação e um vinhozinho no final da tarde. Conta que tem feito umas fotos para o pessoal de fora... *Veio um estrangeiro aqui, (francês?) aqui, eu namorei mais ele um tempinho. Fez umas 36 foto minha...*

Fiquei preocupada e triste com essa história. E fico em dúvida até quando posso, ou não, intervir na rotina desse povo.

Ainda hoje tenho que ir embora... não dá mais para ficar semanas por aqui... Na despedida, Dete fica com os olhos lacrimejados. Prometemos uma volta...

Cavalcante – 11 de outubro

Nesse momento, sentada numa rede, à espera de carona para o Vão do Moleque – penso no quanto ainda preciso voltar, ficar, ouvir. Quantas histórias escondidas nessas montanhas. Até que ponto posso escrever sobre essa história? Pergunto-me sobre a intenção do trabalho. Além de levar essas histórias para o meio acadêmico e valorizar a cultura e a literatura desse povo... Vejo muito sentido nesse trabalho: valorizar a história do povo brasileiro, contar pela memória, pela voz de quem já ouviu falar... Mas, e o que mais posso fazê por eles? O que eles ganham com isso, afinal? Ser, enfim, a letra da voz?

Vão do Moleque – 13 de outubro

Finalmente consegui chegar ao Vão do Moleque, local que eu venho tentando adentrar desde final de 2003. Foram seis horas em cima de um caminhão, dividindo a caçamba com meus companheiros de viagem, calungas, sacos de areia e malas.

Viajei ao lado do Seu Mochila (Francisco dos Santos, conhecido como Mochila por causa do morro do Mochila – onde nasceu). Durante a viagem, ele foi me contando um pouco sobre cada serra, as histórias dos povoados por onde passamos e relembrando suas viagens a cavalo... nas trilhas cavaleiras. Foi um momento muito rico para meu trabalho de oralidade e memória.

Até chegar à Malhadinha – nome do sítio onde ele mora – dentro do Vão do Moleque, passamos por cerca de oito sítios. As casas grandes, de barro e telhado de palha, muito distantes umas das outras, lembram imagens do interior da África. Flor se emocionava e parecia nem acreditar no que estava vendo.

Ainda ontem, dia em que cheguei, fui à reza de Nossa Senhora Aparecida. Percebi o quanto todo um aparato técnico ainda é pequeno – perto da imensidão da oralidade. A reza era na casa da festeira Joana: orações, música, luz. Uma cena que atravessava a oralidade e a história. Quando cheguei, vi que eu tinha esquecido o gravador. Depois de algumas imagens, a fita minidv acabou. Fechei os olhos e senti o lugar, o momento. Então, entendi que algumas coisas são para serem vistas, sentidas – num único momento. *É do merecimento de cada um, como me disse Flor.*

16 de outubro

O Vão do Moleque é bem diferente de todas as outras regiões do Calunga, por onde eu andei. O tempo é de muita seca, as águas dos rios são poucas e estão sujas.

Estão construindo casas novas para os moradores. O acampamento é em frente à casa do Mochila – onde nos hospedamos.

Cavalcante – dia 17 de outubro

Hoje, em Cavalcante, revi – com satisfação – os amigos calungueiros. Li pra eles a matéria Herdeiros da Liberdade, escrita por mim e publicada em novembro passado. Fizemos uma roda e todos ouviram atentamente. Quando terminei, ouvi de Jura: *nossa... é assim mesmo. A letra é sua, mas a palavra é nossa.*

Calunga: os vãos da oralidade

Histórias de um Brasil quilombola

A formação de quilombos no Brasil foi uma das mais importantes formas de resistência à escravidão. Ali, africanos de diversos grupos étnicos administravam suas diferenças e forjaram novos laços de solidariedade, preservando e recriando culturas, como o próprio termo *quilombo*, que vem de *kilombo*, palavra de língua banto.

Sua presença e seu significado no Brasil tem a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. Trata-se dos grupos lunda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbangala, etc, cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire.⁸

Kilombo foi uma sociedade iniciática de jovens guerreiros umbundo adotada pelos invasores jaga (ou imbangala), estes formados por gente de vários grupos étnicos desenraizada de suas comunidades. Assim, para compreender a formação dos quilombos no Brasil, é preciso remeter o pensamento aos povos africanos de origem banto, nos séculos XVI e XVII.

Com efeito, Bantu, que hoje designa uma área geográfica contígua e um complexo cultural específico dentro da África negra, é uma palavra herdada dos estudos lingüísticos ocidentais.

Os estudiosos das línguas faladas no continente africano (Guthrie, Greenberg, etc.), ao fazê estudos comparativos dessas línguas, a partir do modelo das línguas indo-européias, chegaram a classificá-las em algumas famílias principais, entre as quais a família das línguas bantu. [...]

A mesma palavra passou a identificar os povos que falam essas línguas enquanto um complexo cultural ou civilizatório, devido à contigüidade territorial e aos múltiplos contatos, mestiçagens e empréstimos facilitados pela proximidade geográfica entre eles. Os mitos de origem nos ensinam que todos esses povos, hoje com identidades diferentes, foram no início grupos criados por irmãos. [...]

Entender a história do povo banto é essencial para compreender a história do quilombo hoje. A tradição oral ainda é uma das grandes fontes de informação da história da África negra. Kabengele Munanga, no artigo "Origem e Histórico do Quilombo na África", traz a história do mito. A história começa no império Luba (centro e sudeste do Zaire), provavelmente no fim do século XVI. Uma das

⁸ MUNANGA. Origem e histórico do quilombo na África, p. 58.

versões do mito, segundo ele, conta que, após a morte do governante Kalala Ilunga Mbidi, houve uma sucessão de conflitos entre filhos herdeiros do trono. O príncipe e caçador Kimbinda Ilunga, um dos filhos e perdedor do trono, partiu com seus seguidores em busca de novo território. Chegaram a uma aldeia para pedir comida e encontraram a rainha Rweej, que acabara de assumir o trono no lugar do falecido pai.

Encantada pela beleza e maneiras nobres do príncipe caçador, Rweej pede Kimbinda Ilunga em casamento. A tradição proibia a rainha de governar durante seu ciclo menstrual, pois, simbolicamente morta como a lua, ela contaminaria negativamente o país e seu povo. Um dia, aproveitando-se dessa tradição quando entrava em período de menstruação, a rainha Rweej chamou seus notáveis e chefes de linhagens e apresentou-lhes seu marido Luba como novo chefe dos lunda, colocando-lhe o bracelete (rukan), símbolo do poder.⁹

O casamento de Rweej causou descontentamento entre os parentes e população local. Assim, o irmão da rainha, Kinguli, mudou-se para Angola com parte do seu povo. *J. Vansina situa o episódio da emigração de Kinguli no século XVII. Diz ele que a região para onde se dirigiram Kinguli e seus seguidores lunda já havia sido submetida, no século anterior, às invasões do povo chamado jaga ou imbangala.¹⁰* Segundo os estudiosos, o príncipe lunda Kinguli aliou-se, então, aos bandos jaga que dominavam a região antes de sua chegada. Ele e seu exército formado pelos lunda e aliados jaga adotaram o quilombo e formaram um exército mais poderoso constituído de bandos de guerreiros nômades conhecidos como imbangala. Espalharam-se por toda a região de língua umbundo depois de 1610 e se estabeleceram para fundar novos estados (Kalandula, Kabuku, Matanda, Holo, Kasanje, MwaNdonge, etc.). Dessa forma, o quilombo foi formado pelo exército citado, oferecendo estrutura firme capaz de reunir várias pessoas desvinculadas de suas linhagens e disciplina militar.

⁹ MUNANGA. Origem e histórico do quilombo na África, p. 58.

¹⁰ MUNANGA. Origem e histórico do quilombo na África, p. 58.

A palavra quilombo tem a conotação de uma associação de homens, aberta a todos sem distinção de filiação a qualquer linhagem, na qual os membros eram submetidos a dramáticos rituais de iniciação que os retiravam do âmbito protetor de suas linhagens e os integravam como co-guerreiros num regimento de super-homens invulneráveis às armas de inimigos. [...] Algumas evidências lingüísticas vêm em apoio para esclarecer a origem dos quilombos. Entre o povo mundombe de língua umbundu, perto de Benguele, a palavra quilombo significava campo de iniciação, no século XIX.¹¹

No Brasil, esta instituição teria sido reinventada, embora não inteiramente reproduzida, pelos escravos, para enfrentar um problema semelhante, de perda de raízes, deste lado do Atlântico. Quando chegavam ao Brasil, os escravos sofriam o processo de “destribalização”. Na África, a posição hierárquica era flexível e mutável de acordo com as tradições de cada lugar. Quando eram arrancados de seus países e trazidos para o Brasil perdiam esse referencial, uma vez que eram batizados pela Igreja Católica, ganhando um novo nome e posição social já definida e inferior. As hierarquias só eram preservadas nos cantos, batuques, festas religiosas e irmandades, e principalmente, dentro dos quilombos – que até hoje se preservam como formas tribais de organização social. Uma verdadeira troca cultural e aliança social feita entre africanos de diversas regiões da África, além de brancos, mestiços e índios aqui nascidos. Uma nova sociedade que começou a se formar nas senzalas e se estendeu para os quilombos – para onde levaram tradições africanas e também adaptaram aquilo que traziam consigo.

Ainda segundo Munanga, o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano.

Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia pluri-racial que o Brasil ainda está buscando.¹²

¹¹ MUNANGA. Origem e histórico do quilombo na África, p. 63.

¹² MUNANGA. Origem e histórico do quilombo na África, p. 63.

O quilombo não era apenas uma forma de resistência utópica: era uma organização¹³, que sempre surpreendeu pela capacidade de resistência, *destruído parcialmente dezenas de vezes e novamente aparecendo, em outros locais, plantando a sua roça, constituindo-se suas casas, reorganizando sua vida social e estabelecendo novos sistemas de defesa.*¹⁴

*A hierarquia que se estabelecia nos quilombos exprimia um novo sistema de valores criado pelos rebeldes, isto é, significava que a dicotomia senhor-escravo deixava de existir para se estabelecer outra que funcionava dentro dos padrões de controle dos próprios elementos do quilombo.*¹⁵

O quilombo tornou-se parte integrante do sistema escravista. A tentativa de exterminá-lo também. Uma das grandes características dos quilombolas era a prática da guerrilha: assaltavam estradas e fazendas, roubando aquilo que não produziam – objetos e mantimentos. Além disso, muitos escravos participaram de movimentos e revoltas locais. Essa formação quilombola foi comum em toda a América, onde imperou a escravidão.

*Na América espanhola, esses grupos ganharam os nomes de palenques ou cumbes. Na América inglesa, eram os maroons; na francesa, grand marronage (para diferenciar da petit marronage, a fuga individual, em geral, temporária). No Brasil, esses grupos eram chamados principalmente quilombos e mocambos e seus membros, quilombolas, calhambolas ou mocambeiros*¹⁶

Para Clóvis Moura, a formação de quilombos influenciou em muito o comportamento da sociedade, principalmente na criação de mecanismos de defesa – tanto psicológicos quanto institucionais.

A primeira forma de controle social podemos ver nos diversos níveis de justificativas políticas, usadas pelos senhores para a escravidão, e de medidas de pacificação do escravo através do uso da religião ou do feitor, usados pela classe senhorial. O estado escravocrata recorreu a inúmeras formas de controle que vão das medidas do Conde dos Arcos para incentivar as fricções intertribais até a montagem de todo aparelho repressor durante a Colônia e o Império foi

¹³ “As autoridades entendiam por quilombo ‘toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles’ (resposta do Rei de Portugal a consulta do Conselho Ultramarino, datada de 2 de dezembro de 1740)”. MOURA. *Rebeliões na senzala, quilombos, insurreições e guerrilhas*, p. 87.

¹⁴ MOURA. *Rebeliões na senzala, quilombos, insurreições e guerrilhas*, p. 87.

¹⁵ MOURA. *Rebeliões na senzala, quilombos, insurreições e guerrilhas*, p. 87.

¹⁶ REIS & GOMES. *Liberdade por um fio*, p. 10.

*usado contra os negros fugidos; máquina que vai dos alvarás da Colônia, mandando ferrar os fujões, até às leis da regência, contra cativos rebeldes.*¹⁷

Nessa época, o escravo era peça essencial na sociedade colonial. Moura os define como *o esqueleto que sustentava os músculos e a carne da sociedade escravista, porque era o produtor da riqueza geral, através do seu trabalho*¹⁸.

No Brasil, um dos quilombos mais estudados é o de Palmares, formado no início do século XVII, setenta quilômetros a oeste do litoral.

*Palmares foi, com efeito, a maior rebelião e a manifestação mais emblemática, como é sabido, dos quilombos coloniais. Resistiu por cerca de cem anos às expedições repressivas, promoveu assaltos aos engenhos e povoações coloniais e estimulou fugas em massa de escravos na capitania.*¹⁹

No final do século XVI, alguns africanos fugiram para as florestas situadas onde encontramos hoje os Estados de Pernambuco e Alagoas. O grupo cresceu e tornou-se uma comunidade de cerca de trinta mil quilombolas. Era um verdadeiro Estado africano em terras brasileiras, que ganhou o nome de Palmares, pela presença intensa da palmeira pindoba. Os negros se espalharam por uma região acidentada e de difícil acesso, coberta de espessa mata tropical, o que dificultava as investidas dos brancos. Para autores como Clóvis Moura, seguindo as idéias de Abdias do Nascimento, Palmares foi um *desafio permanente e um incentivo às lutas contra o sistema colonial no seu conjunto. Daí, Palmares ter sido nação em formação.*²⁰

O exército que venceu Palmares, em 1694, contava com cerca de seis mil homens: moradores de Olinda, Recife e vilas vizinhas, além de pessoas vindas das Alagoas e também voluntários de todas as partes do Nordeste.

¹⁷ MOURA. *Rebeliões na senzala, quilombos, insurreições e guerrilhas*, p. 251-252.

¹⁸ REIS & GOMES. *Liberdade por um fio*, p. 14.

¹⁹ VAINFAS. *Deus contra Palmares*, p. 63.

²⁰ MOURA. *Rebeliões na senzala, quilombos, insurreições e guerrilhas*, p. 183.

Quilombos das minas

*Os escravos pretos lá,
Quando não dão com maus senhores,
Fogem, são salteadores,
E nossos contrários são.
Entranham-se pelos matos,
E como criam e plantam,
Divertempse, brincam e cantam,
De nada têm precisão.
[...]
Vêm de noite aos arraiais,
E com indústrias e tretas,
Seduzem algumas pretas,
Com promessas de casar.
Elegem logo rainha,
E rei a quem obedecem,
Do cativo se esquecem,
Toca a rir, toca a roubar.
Eis que a notícia se espalha
Do crime e do desacato
Caem-lhe os capitães do mato,
E destroem tudo enfim.²¹*

Este poema, escrito durante o Século do Ouro por José Lisboa, alferes em Vila Rica, mostra a preocupação que os quilombos já causavam à sociedade escravista.

Em Minas Gerais, a escravidão foi uma das formas dominantes de organização de trabalho. Estudos e pesquisas recentes permitem abrir uma reflexão sobre os quilombos neste estado e sua ligação com Goiás – onde fica localizado a comunidade Calunga.

A atividade de mineração foi a grande impulsionadora da economia em Minas, principalmente na primeira metade do século XVIII. Além dela, existiam outras atividades econômicas como agricultura, pecuária e outras ligadas à produção de açúcar, rapadura, aguardente, fiação, tecelagem, etc.²² Brancos, negros, índios e mestiços formavam as categorias livres, forros, escravos e administrados.

Embora os dados não cubram todas as regiões de Minas Gerais, em todas as épocas, há indicadores de que a classe escrava nunca foi inferior a 30% da

²¹ Poema de José Lisboa citado por RAMOS. O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais no século XVIII, p. 164.

²² GUIMARÃES. Mineração, quilombos e palmares, p. 139.

*população total. E que, em algumas regiões, a população livre foi menor que a população escrava. A classe destaca-se por seu número e rebeldia desde princípios do século XVIII.*²³

Foi grande o número dos quilombos nessas Minas Gerais. Magno aponta que os quilombos constituíram uma das mais complexas e completas formas de reação à escravidão. Quanto ao número de habitantes, podiam contar com populações mais reduzidas (menos de 10 escravos fugidos) ou podiam alcançar centenas de pessoas. As atividades econômicas dentro dos quilombos sempre foram muitas, desde a caça até o contrabando, passando pela agricultura, criação de animais, mineração e assalto a tropas e fazendas. Os quilombolas se adaptavam às regiões e suas possibilidades de sobrevivência, mas nem sempre ficavam estritamente isolados da sociedade escravista – ao contrário. Segundo Magno, essas relações manifestavam-se principalmente por:

*Relações comerciais clandestinas com contrabandistas, taverneiros, negas de tabuleiro, fazendeiros.
Ataques a viajantes, tropeiros, fazendas, periferias de vilas e aldeias.
Uma rede de informações que começava dentro das senzalas e terminava dentro dos quilombos.
Relações afetivas estabelecidas entre escravos, forros e quilombolas, visto que estes comumente freqüentavam as periferias dos centros urbanos ou as fazendas do meio rural.*²⁴

Donald Ramos argumenta que, por essas relações, o quilombo fazia parte do sistema escravista de forma muito mais ampla que simplesmente uma fuga dele. Para explicar tal situação, o autor recorre à presença da Igreja Católica que teve importante papel na sociedade mineira.

*São óbvios e claros alguns mecanismos por meio dos quais a Igreja funcionou como instrumento de controle do escravo. No nível mais elementar, por pregar tanto o português como em latim, a Igreja pode usar a língua como mecanismo de aculturação dos escravos boçais.*²⁵

²³ GUIMARÃES. Mineração, quilombos e palmares, p. 142.

²⁴ GUIMARÃES. Mineração, quilombos e palmares, p. 143.

²⁵ RAMOS. O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais no século XVIII, p. 168.

Ainda segundo Ramos, o escravo *podia encontrar seu lugar dentro da Igreja, mas somente ao preço de aceitar pelo menos parte da religião que era a principal correia de transmissão da cultura luso-brasileira dominante.*²⁶

Podemos citar o quilombo de Campo Grande, na divisa com Goiás, entre rios e serras. Segundo históriados, os documentos encontrados direcionam para a existência de diversos quilombos dentro do próprio Campo Grande, todos voltados para o bem comum. A maior preocupação, além da sobrevivência diária (ligada a comida e abrigo), era a segurança do local. Esse sistema de defesa era parecido com o do quilombo dos Palmares: paliçadas protetoras. Não é possível dizer com exatidão o número de quilombolas em Campo Grande, mas na região, estima-se um número de 20 mil escravos fugidos. *Segundo informações que temos, possuíam um rei e uma rainha, embora se refiram ao quilombo como sendo dirigido por uma república.*²⁷

Depois de centenas de tentativas de destruição por parte do governo português, em 1759, o quilombo Campo Grande foi finalmente destruído por um batalhão de 400 homens, comandado por Bartolomeu Bueno do Prado. Antes de chegar ao famoso quilombo, essa marcha destruiu os quilombos das serras de Marcília, da Canastra, o do Paraíba, o do Andaial, os de Andai e Bambuí.

Na fronteira com o Estado de Goiás, os negros que fugiam e encontravam era um local ideal para formação de quilombos: longe de capitânicas administrativas e conseqüentemente das forças coloniais militares responsáveis pela destruição de quilombos. Além disso, as terras escondidas entre serras e rios dificultavam a localização dessas formações quilombolas. A fuga de canoa ou jangada era facilitada pelos rios do Estado, entre eles, o Araguaia a oeste, o Tocantins a leste, o Paranaíba ao sul e o Paranã, que corta o Norte de Goiás. Os

²⁶ RAMOS. O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais no século XVIII, p. 168.

²⁷ RAMOS. O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais no século XVIII, p. 168.

*fugitivos encontravam refúgio nas ilhas e manguezais formados pelos rios, ou rumavam a oeste do Araguaia, que limitava Goiás e Tocantins.*²⁸ Outros Escravos fugiam para as montanhas e para os planaltos.

*Os Montes Pirineus, atrás de Meia Ponte (hoje Pirenópolis), a serra Dourada, perto de Vila Boa, e as chapadas perto de Arraias ofereciam possibilidades sem limites de refúgio. Embora os cerrados tornassem a fuga mais difícil, se os fugitivos alcançassem as matas, galerias e bosques de buritis que margeavam pequenos córregos, poderiam segui-los para escapar à perseguição dos capitães-do-mato.*²⁹

Depois que encontravam seus lugares, adaptavam às novas condições e dificilmente eram descobertos pelos “homens brancos”.

E por fim, tinham ainda outra “vantagem”: a população era muito esparsa, principalmente de brancos – em alguns lugares como Crixás, Pilar, Tocantins e Arraias, 70% da população era negra. Pela lógica, revoltas escravas e quilombos costumavam acontecer com mais frequência quando os escravos africanos superavam numericamente os senhores.

Os escravos vinham geralmente da Bahia para trabalhar com a mineração em Goiás. Gilka Salles aponta que *nos livros de registro da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em Meia Ponte, nos quais foram anotados os batizados do Arraial e seus distritos, 1732 e 1771, eram freqüentes o negro mina e o de nação nagô*³⁰. Ainda segundo Salles, os “minas” eram os escravos preferidos na zona mineradora. *Inteligentes, ativos e laboriosos, já traziam da costa africana alguma experiência da indústria de mineiração.*³¹ José Reis aponta para a presença de angolas na região, sabendo que documentos dos séculos XVIII e XIX apontam para identidades étnicas mais específicas.

Quanto à formação de quilombos em Goiás, os historiadores Luiz Palacin e Gilka Salles identificaram os seguintes locais no século XVIII: Três Barras, com

²⁸ KARASCH. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás, p. 245.

²⁹ KARASCH. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás, p. 245.

³⁰ SALLES. *Economia e escravidão na capitania de Goiás*, p. 230.

³¹ SALLES. *Economia e escravidão na capitania de Goiás*, p. 230.

cerca de sessenta negros; Tocantins, Arraias, Meia Ponte, Crixás e Paracatu (agora Minas Gerais). Mary Karasch discute a localização das comunidades quilombolas goianas a partir da divisão em duas comarcas: a comarca do norte e a comarca do sul. E também nas terras disputadas ao sul e a oeste de Goiás – Mato Grosso e Minas Gerais. Uma das mais ricas regiões mineiras da capitania estavam localizadas a leste de São Félix e sul do Duro³², contando – entre 1731 e 1739 - com cerca de 10 mil garimpeiros. *Ali ficava a chapada dos Negros, perto da atual cidade de Arraias [...] Na comarca do norte, a principal área de quilombos era possivelmente o vale do rio Paranã, e as montanhas vizinhas, como a serra do Mocambo.*³³ Segundo historiadores, o governador Manuel de Mello enviou uma bandeira de sucesso que destruiu um quilombo com mais de duzentos negros fugidos. Foi uma bandeira que, no entanto, não conseguiu eliminar todas as comunidades quilombolas da região do rio Paranã.

*Já que a comarca do norte era uma das áreas mais ricas de mineração, com milhares de garimpeiros africanos ali empregados no século XVIII, acreditando que os quilombos continuaram a florescer nas zonas montanhosas das principais vilas mineradoras – São Félix, Natividade, Arrais e Cavalcante. Já que o rio corria através dessa região, ele pode ter formado uma rota natural que facilitasse o movimento de escravos em fuga.*³⁴

São às margens deste mesmo rio Paranã que encontramos hoje a comunidade Calunga – tema de estudo deste trabalho. As histórias são confirmadas quando ouvimos casos como o de Dona Firmina dos Santos, moradora do Vão do Moleque – Calunga. Segundo ela, *esse povo de antigamente andava demais, não era (interrogação) Meu tataravô mesmo, acho que era isso – tataravô – chegou aqui das Minas Gerais pelo Paranã.*

A escravidão em Minas Gerais e Goiás foi muito próxima e sendo assim, encontramos registros de comunidades quilombolas interligadas. Para Gilka

³² Aldeia jesuítica a leste do rio Tocantins.

³³ KARASCH. O quilombo do ouro na capitania de Goiás, p. 247.

³⁴ KARASCH. O quilombo do ouro na capitania de Goiás, p. 249.

Salles, o primeiro grande quilombo assinalado (em Goiás) situava-se próximo ao rio das Mortes em 1746, nos vastos campos e serras que separavam Minas dos Goiazes³⁵. Era o quilombo do Ambrósio, anteriormente citado.

Acredita-se que a primeira referência a quilombos na região entre Goiás e Minas Gerais relaciona-se a uma bandeira de 1733, enviada a *repelir a agressão dos índios e de destruir o grande número de quilombos que se tinham formado com os escravos fugidos das minas*³⁶. A bandeira, sob a direção de Urbano de Couto, atravessou o rio São Francisco e foi até o rio de São Marcos³⁷³⁸.

*No século XVIII, os governantes de Goiás freqüentemente enviavam bandeiras ao outro lado do rio Paranaíba, outro célebre refúgio de quilombolas, onde se sabe que atacaram quilombos na região do rio Araguaia ou das Velhas, que é um afluente do Paranaíba, e chegaram a Paracatu, onde os quilombos eram também abundantes.*³⁹

Karasch relata as forças de repressão contra esses quilombos, explanando tanto sobre as forças militares quanto sobre o próprio ecossistema que os protegia e ao mesmo tempo ameaçava. As chuvas sempre foram intensas na região e provocavam além de grandes alagadiços, pragas de mosquitos. Eram épocas, no entanto, em que as tropas de bandeirantes ficavam nas cidades.

*A chegada da estação seca então marcava o retorno das expedições de caça humana, que percorriam Goiás em busca de novos cativos entre índios e quilombolas. Aos que tentassem fugir das bandeiras na estação da seca, com freqüência lhes faltava água até para matar a sede. Onde quer que encontrassem refugio também tinham de enfrentar "uma infinidade de insetos", tais como abelhas pretas, borrachudos, carrapatos, pernilongos e bichos-de-pé, que atormentavam os freqüentadores dos rios, matas e cerrados de Goiás.*⁴⁰

Hoje, na comunidade Calunga, encontramos visivelmente estes problemas acima citados em épocas de chuva e seca.

³⁵ SALLES. *Economia e escravidão na capitania de Goiás*, p. 230.

³⁶ KARASCH. O quilombo do ouro na capitania de Goiás, p. 252.

³⁷ O rio São Marcos fica no sudeste de Goiás, parte dele na atual fronteira entre Goiás e Minas Gerais.

³⁸ KARASCH. O quilombo do ouro na capitania de Goiás, p. 252.

³⁹ KARASCH. O quilombo do ouro na capitania de Goiás, p. 252.

⁴⁰ KARASCH. O quilombo do ouro na capitania de Goiás, p. 253.

Os capitães-do-mato eram outra ameaça constante. Estes homens eram caçadores de recompensa que buscavam fazer fortuna através da captura de cativos – sejam vivos ou mortos. Quando voltavam para seus senhores, as penas eram severas. Depois da primeira fuga, era exibido nas ruas antes de ser açoitado publicamente. Depois, era marcado a ferro e brasa, com um F. Caso tentasse novamente, tinha a orelha cortada, e na terceira era morto.

Quilombos Contemporâneos

As comunidades remanescentes de quilombo ainda são desconhecidas de grande parte dos brasileiros. Para a maioria das pessoas, quilombo é algo do passado que teria desaparecido com o fim da escravidão. Assim costuma causar surpresa a informação da existência de centenas deles espalhados por todas as regiões do Brasil São chamadas, hoje, comunidades remanescentes de quilombos, ou simplesmente *quilombolas*. Algumas ainda preservam a língua falada pelos antepassados e também suas tradições.

O resgate do termo quilombo como um conceito sócio-antropológico, não exclusivamente histórico, proporciona o aparecimento de novos atores sociais ampliando e renovando os modos de ver e viver a identidade negra; ao mesmo tempo permite o diálogo com outras etnicidades e lutas sociais, como a dos diversos povos indígenas no Brasil. Vem evidenciar o aspecto militante e de não-acomodação, contrariando os estereótipos correntes de conformismo, sujeição, embranquecimento, malandragem e corrupção que fundamentam as falsas noções de democracia racial vigentes no país desde a Primeira República (1889-1930).⁴¹

Após a abolição da escravidão, o governo brasileiro não fez jus a nenhuma política de integração das comunidades remanescentes de quilombos ao processo

⁴¹ BOAVENTURA. Os Quilombos no Brasil.. <www.ufh.ufse.br/nuer/artigos/osquilombos.htm>

de desenvolvimento do legitimidade do domínio desses grupos étnicos sobre as terras em que moram e trabalham. No último governo, foram criadas secretarias especiais e projetos para atender ao Artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que explicita: *Aos remanescentes de comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.*

Os quilombos de hoje são terras originadas de terras alcançadas pela fuga, fazendas falidas, “doações” para ex-escravos, compra de terra pelos escravos aforriados, prestação de serviços de escravos em guerra e das terras de Ordens Religiosas deixadas à ex-escravos no início da segunda metade do século XVIII.

O mapeamento ainda está sendo feito pela Fundação Palmares – um dos órgãos do Governo Federal que trabalha diretamente com essas comunidades. Acredita-se que exista mais de 2 mil comunidades negras em todo o território nacional.

No Maranhão foram localizadas 401 comunidades negras e, segundo dados do Projeto Vida de Negro, todas são portadoras de uma identidade étnica que remonta à escravidão. Na Bacia do rio Trombetas, no norte do Pará, as comunidades foram identificadas em 1989. Apesar de preservar as tradições originais, enfrentam um sério problema de invasão de empresas mineradoras, fazendeiros e madeireiras. No Estado da Bahia, 300 famílias da comunidade de rio das Rãs, perto de Bom Jesus da Lapa, enfrentaram a ação de um grileiro de terras e depois de muita luta conseguiram uma liminar na Justiça, que lhes garantiu a posse da terra. Já em Sergipe, as 100 famílias de negros remanescentes do quilombo de Mocambo estão em litígio com fazendeiros da região. Também em Sergipe, a comunidade Laranjeiras – que preserva,

principalmente, as tradições afro-religiosas – enfrenta dificuldades de reconhecimento da terra.

No Rio de Janeiro existem dois núcleos rurais de antigos escravos: um deles na fazenda Santa Izabel, em Valença. Ali vivem 60 famílias. O outro é o antigo quilombo de Campinho, que fica perto de Paraty. Os habitantes trabalham em roças e vivem em casas de pau-a-pique. No Vale do Ribeira, em São Paulo, são cerca de 15 comunidades identificadas como descendentes de escravos.

Em todas as regiões de Minas Gerais, encontramos comunidades negras rurais, que têm suas origens ligadas ao processo da escravidão. Próximos a Belo Horizonte, localizamos a comunidade dos Arturos, em Contagem, que mantém o congado como forma de expressão religiosa e artística. As comunidades de Matição e Açude, na Serra do Cipó: comunidades-irmãs, que preservação o candombe – um ritmo afro-brasileiro de devoção a Nossa Senhora do Rosário. Em Belo Horizonte, foi localizado o quilombo urbano do Luízes.

Conservadas pela comunicação oral, a história das comunidades quilombolas brasileiras é contada pelas tradições, festas religiosas e manifestações culturais. Das conversas do lado de fora da casa, das informações trazidas pelos moços e moças da cidade, versos que os mais velhos sabem de cor, histórias contadas pelo tio do avô, lendas e crenças, são mantidos e recriados os relatos orais.

Preservação da cultura e luta pela posse da terra são elementos que caminham juntos nessas comunidades. As terras, ocupadas centenariamente ainda resistem à invasão de grandes fazendeiros, madeireiros, mineradores e grandes projetos de hidrelétricas e bases espaciais.

História a partir das histórias...

A literatura calunga é contada pela memória e resiste ao desgaste do tempo. Sabemos que recompor o passado integralmente é impossível, mas compreendê-lo através da análise dos fragmentos é um desafio a ser enfrentado. Histórias que tantas vezes passaram por Minas Gerais para chegar às terras goianas. Histórias de povos que se separaram ainda na África, foram espalhados Brasil afora e hoje sobrevivem pela memória, pela palavra e pelo canto. Narrativas que não são encontradas em livros ou documentos oficiais, mas continuam vivas nas conversas ao redor do fogão a lenha, nas rezas, nas festas, nas contações de história, nas lendas, nos encontros casuais de compadres e comadres.

O meu avô era calunga. Esse era calunga mesmo, daqueles que veio lá de cima, pra fugir dos patrão, num era? Ele me contava isso. Chegou aqui mais um monte. Vô Elias que ele chamava, conta Dona Joana, de 109 anos. Moradora mais velha de toda a comunidade, viveu alguns anos na cidade e voltou para o Engenho II, lugar onde nasceu. Na cozinha da sua casa, sentada ao pé do fogão a lenha, ela se lembra dos tempos antigos, quando ali, era só

[...] umas casinha espaiada, um monte de mato pra todo lado. Também tinha muito engenho, o povo produzia açúcar, cachaça, rapadura. Nossa, eu já trabalhei demais nesse lugar aqui. Tem muito suor meu nesse chão. Na Serra da Boa Vista, na Fazenda Paciência, Bucanha, Candáu e mais um tanto. Até casa eu já ajudei fazê, acredita? Até casa...

Dona Joana também foi parteira e já “pegou” mais de 150 meninos. Até pouco tempo eu ainda pegava, acho que parei na era de 2001. Tem família que eu coloquei todo mundo no mundo, do bisavô até o bisneto. É muito bonita essa profissão, né?

Essa e outras histórias são contadas pelos narradores orais da comunidade Calunga, localizada entre os municípios Teresina de Goiás, Cavalcante e Monte

Alegre, em Goiás. São cerca de 5.000 pessoas, que mantidas pela tradição de contar histórias, mostram os caminhos da oralidade enquanto manifestação da palavra, memória individual e coletiva de um povo.

O território, apesar das dificuldades de acesso, parecia perfeito para a fuga dos africanos: muitas serras, buritis e principalmente, rios. Entre eles, o grande rio Paranã, que corta o território calunga e tem vários afluentes: rio Prata, Ribeirão dos Bois, rio das Almas (hoje, rio Branco), rio Bezerra, entre outros.

À medida que os quilombolas desbravavam as matas e serras, encontravam outros grupos étnicos: os indígenas das tribos acroá, capepuxi, xacriabá, xavante, kaiapó, karajá, avá-canoeiro, dentre outras. De acordo com as pesquisas da antropóloga Mari Baiocchi (que iniciou o trabalho de reconhecimento do território calunga em 1982), apesar da maioria ser descendente de negros fugidos, a população também apresenta remanescentes de índios e brancos, bandeirantes, posseiros e proprietários de terras, que adentravam aqueles sertões.

Com o tempo, as famílias – formadas basicamente por ex-escravos – iam se distribuindo pelas encostas e vales do rio Paranã. Hoje, são quatro núcleos principais de população: Contenda, Vão de Almas, Vão do Moleque e Ribeirão dos Bois. E todos são formados por pequenos povoados como Engenho, Vargem Grande, Taboca, Tinguizal, Choco, Funil, Riachão, entre outros. Nomes que estão ligados ao dia-a-dia do povo calunga ou falam da sua relação com a natureza.

Muitas histórias desses lugares ficaram perdidas no tempo. Algumas foram reconstituídas pelos antropólogos e historiadores que buscaram fontes primárias (documentos) e ouviram o que os mais velhos ainda sabiam. Embora seja questionada por muitas pessoas, a versão desses estudiosos é de que Contenda

foi o primeiro povoado, seguindo por Sucuri, Vão do Moleque, Vão de Almas e Ribeirão dos Bois.

Segundo Baiocchi, foi publicado o primeiro relato sobre a comunidade em 1970, por Aziz Cosac, na *Folha do Povo*, de Itameri – GO, artigo intitulado “A Arribação dos Calungas”.

Encravada numa cadeia de montanhas num mundo esquecido pela humanidade, a aldeia de Calunga, formada por ex-escravos evadidos da cidade de Arraias, no nordeste goiano, situou-se nos confins daqueles seridós. Mesmo na região, poucas pessoas conhecem a aldeia formada através dos séculos, cujos moradores fazem questão da ausência do homem branco naquelas paragens. Pretos negregosos vivem ali a sua vida tal qual nas aldeias distantes da terra africana, de onde vieram os seus antepassados trazidos nas amarguras dos navios negreiros, cuja condição abominável teve o seu fim decorridos os anos. Antes da chegada do abolicionismo da escravatura, Arraias mantinha uma legião de escravos a serviço de seu povo naquela época. Dentre os que para ali foram destinados, muitos fugiram, escondendo nas serras das imediações passando a viver com os recursos únicos da natureza, temendo a ira dos seus perseguidores.

E assim, foi formada a hoje aldeia Calunga nos sertões goianos nas imediações de Monte Alegre, recanto do rio Paranã. As suas arribanas, construídas com palhas de babaçu e outros coqueiros, conservam características e a simplicidade das aldeias da África. Pretos centenários verdadeiros decanos e negras que ainda conservam as marcas da escravatura fizeram daquela aldeia o seu refúgio, criando os seus filhos, casando nos seus rituais e buscando nas lavouras os seus alimentos e no algodão a matéria prima para os seus enfeites e suas vestes.

A primeira vista a aldeia tem um aspecto sinistro e assustador. Os seus habitantes se escondem à aproximação dos curiosos. Fomos recebidos com hostilidades pelos decanos calungas que a muito custo amainaram com a nossa presença.

O Vão do Moleque pertence ao município de Cavalcante (separado por sete serras mais 50 km) e abriga cerca de 2 mil pessoas, que foram se acomodando ao longo dos anos. O Vão de Almas nasceu de um processo migratório, *onde os moradores do Calunga, Saco Grande e Vão do Moleque, isto é, os Pereira, Dias, Faria, Fernandes de Castro, da Cunha, Mangano, Santos e Ribeiro de Souza, unem-se em alianças matrimoniais, perpetuando a vida*⁴². É realmente muito comum encontrar parentes próximos em lugares bem distantes.

Eu sou sobrinha da Velha Lió, que mora na Ema. Ela foi pra lá quando se casou, não foi? Eu não, eu fiquei aqui mesmo. Mas tenho um ou outro parente que mora no Engenho. A irmã da Lió mora em Diadema. Nós é tudo parente mesmo. De perto e de longe...

⁴² BAIOCHI. *Kalunga*, p.23.

conta Dona Eva, moradora de Vão de Almas.

O Ribeirão dos Bois é a parte mais recente e abriga vários povoados como Diadema e Ema, que atualmente enfrentam muitos problemas de grilagem.

As outras muitas comunidades tiveram suas histórias esquecidas com o tempo. O que se sabe são algumas informações que os mais velhos ouviram e guardaram. A comunidade Calunga é formada por pequenos agrupamentos, que eles chamam de povoados ou sítios.

Ema

Quem passa pela estrada encontra uma porteira e a seguinte placa: *Para Vão de Almas, só carro traçado*. Essa é a entrada para o sítio histórico Calunga.

Ema é a primeira parada (20 km da cidade de Teresina de Goiás) e recebe um fluxo muito grande de pessoas. Gente da cidade, dos vão mais distantes, do próprio povoado. Quem não se conhece começa um dedo de prosa e logo já vira “cumpade”. A casa da líder comunitária Ester Fernandes, ex-vereadora de Teresina de Goiás, é o ponto de encontro. A única casa do povoado que possui água encanada e energia elétrica, é onde todos os moradores de Ema e regiões mais distantes ficam esperando a condução. O ônibus que vai uma vez por semana levar o pessoal para a cidade é gratuito e apresenta boas condições. Chega às oito da manhã e volta às quatro da tarde.

Uma ambulância e um carro – fornecidos pela Fundação Palmares e pelo MEC – também ficam à disposição do povo calunga.

A comunidade vive sob a liderança de Ester, primeira pessoa que se deve procurar a fim de se conquistar aceitação no local. Ela estabelece relações com pesquisadores, jornalistas e políticos da região. A vontade de lutar pela causa a tornou uma líder respeitada e reconhecida, participante indispensável em todas as reuniões que digam respeito à comunidade Calunga.

Nós não tinha muita coisa aqui, não. De um tempo pra cá que começaram a chegar as coisas. Lembro que logo o Lula entrou no governo eu fui lá em Brasília e quando vi ele saindo, agarrei no braço dele e falei: "Eu sou do Calunga, cinco horas daqui. Precisamos de muita coisa." Ele me deu um telefone e eu passei um fax. Tempos depois, as coisas começaram a chegar.

Lá existe uma escola de 1ª a 4ª série, que também é usada como "sala de televisão" para os moradores – crianças e adultos.

Os membros desse povoado, apesar da proximidade com a cidade, ainda vivem da lavoura. Plantam mandioca, milho, arroz, jiló e outros elementos que compõem a alimentação típica da comunidade Calunga. Com uma agricultura de subsistência, usam instrumentos rudimentares como a foice e a enxada. O trabalho nas roças é executado por todos, assim como a produção da farinha, uma atividade exclusivamente familiar.

Caminhando pela comunidade é possível encontrar personagens como Dona Lió, que será apresentada ao longo do trabalho. Assim como a Folia de Reis e outras tradições do local.

Diadema/Ribeirão

Adentrando um pouco mais pelo território calunga, chega-se às comunidades Diadema e Ribeirão. *É tudo um lugar só, mas a gente fala que é do lado de cá do Ribeirão dos Bois é Diadema. E do lado de lá é Ribeirão*, explica Juracy dos Santos, agente de saúde da comunidade.

Os membros da comunidade são unidos por laços de parentesco e comradrio. São verdadeiros núcleos familiares, dividindo terrenos com pais, avós, tios, irmãos.

Também possuem uma escola, com boas salas e instalações adequadas. *A gente tinha placa de energia solar também, mas foi robada*, conta a moradora Susidete dos Santos, 32 anos, aluna da 3ª série primária.

A agricultura é de subsistência, porém já aparecem outros tipos de postos de trabalho – surgidos em decorrência da criação de instituições na comunidade – tais como os de agente de saúde, auxiliar de escola, merendeira e até serviços prestados para uma draga que está instalada na região.

Lá também gostam muito de festas e reuniões. *Aqui nós joga tudo... joga dominó, futebol e muita conversa fora*, brinca Bené?, um dos calungueiros mais animados da região. A liderança é compartilhada. Não há um único líder, mas várias pessoas que são respeitadas, principalmente por conta da idade.

Vão de Almas

Essa é uma das comunidades mais distantes. Para chegar lá, é preciso ir até o Funil e de lá seguir adiante pela serra: a pé ou no lombo de burro. Alguns se arriscam a descer o Paranã de canoa. Outras formas de chegar até lá é pelo Morro do Moleque ou pelo Riachão. As casas são mais distantes uma das outras e às vezes é preciso andar mais de 40 quilômetros para fazê uma visita.

Não existe uma liderança explícita, mas Dona Eva e Seu Dermetrino são as figuras mais respeitadas. Quem desce a serra pelo Funil encontra logo a casa deles, onde encontramos um verdadeiro clã familiar. São filhos, netos, bisnetos, parentes e agregados.

O povoado é dividido pelo rio Branco (anteriormente chamado rio das Almas, mas que teve o nome mudado pelo padre de Cavalcante), que em época de cheias é atravessado de canoa. Existe mais de uma escola no local, com classes multisseriadas, de primeira a quarta série primária.

Aqui que é o Calunga. O Calunga mesmo é aqui ó, não tem outro lugar. Lá depois das serras virou Calunga é de pouco, antes era aqui e detrais daquele morro ali, ó, o moleque, conta Dona Eva dos Santos.

Engenho II

Povoado mais próximo de Cavalcante, é liderado pelo Seu Cirilo e Dona Getúlia. Possui uma escola com classes separadas e muito boa estrutura.

Em 2004, depois de quase 300 anos de história, a energia elétrica chegou pela primeira vez na comunidade. Através do programa "Luz para Todos", o Governo Federal inaugurou uma rede elétrica de 19 quilômetros, que vai abastecer todo esse núcleo.

A região comporta as mais bonitas cachoeiras e trilhas da região e por isso, já está sendo vítima da degradação por parte de turistas, que vêm de todos os lados.

Esse lugar tem história, viu, menina. Eu não tô é nem acreditando que chegou essa tal energia elétrica. Parece sonho. Cada história que os véio contava. Contava que quando chegaram aqui no Engenho, era tudo mato e tinha que esconder no meio das serras, nas caverna. Principalmente quando chegava aqui os revoltosos. Conhece os revoltoso (interr.) Eis num tinha coração não, usava os preto pra puxar carroça. Chegava aqui e matava todo mundo, ou então cortava orelha e mandava pra cidade. Éta povo que sofreu esse povo do Calunga. Mas agora tá todo mundo aqui no Engenho.

No dia-a-dia com o povo Calunga

São seis horas da manhã na comunidade Calunga e o café já está sendo servido... Ao redor do fogão a lenha, crianças com os pratos na mão, mulheres terminando de fritar o biscoito, jovens e senhores já estão tirando o primeiro dedo de prosa do dia. Estão esperando a Velha Lió, que chega com um cachimbo na boca e uma candeia na mão. É hora de se servir e preparar para a lida do dia...

Pode servi aí, os moço. A comida é simples, só que cês viu que foi preparada com carinho, né? No café é café preto mesmo, tem um biscoitim tamém. No almoço num tem carne porque num tá podeno matá o gado, não teve peixe. Mas tá bom, num tá?

pergunta Dona Lió, preocupada com os amigos e parentes, que vivem por lá, jogando conversa fora e pedindo conselhos.

A culinária calunga é feita do arroz, mandioca, farinha, milho, maxixe, quiabo, guariroba, feijão e carne de peixe ou de boi, sempre preparados nos antigos fogões a lenha. Não produzem legumes nem folhas e é raro ver um pé de alface ou chicória em seus terreiros.

O cerrado é outra fonte de nutrientes que os calungueiros aprenderam a consumir. É dali que são extraídas as frutas, palmitos e raízes. É comum ver grupos de crianças pelas matas e beiras de rios em busca de cajá, manga, pitomba, pinha, cereja, murici, goiaba, araçá, entre outros. E sempre voltam pra casa com os bolsos e sacolas cheias. Além dessas frutas, também encontram os coquinhos, utilizados para produzir óleos e temperos para a comida: o coquinho da pindaíba serve para fazê óleo e o pequi para fazê conserva. O gergelim também é muito apreciado por algumas famílias, como na casa de Dona Getúlia e Seu Cirilo dos Santos, no Engenho. Ele é torrado e moído para fazê um tipo de mingau com leite, muito saboroso e nutritivo.

Apesar do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Calunga ser bem amplo, com uma área de 237 mil hectares, suas faixas de terras cultiváveis são pequenas. Com muito cascalho e areia pelos vãos das serras, estas faixas se encontram espalhadas em locais, muitas vezes, de difícil acesso. Às vezes é preciso caminhar uma manhã inteira para chegar até o local, e sempre carregando ferramentas na ida e na volta. Além de ramas de mandioca e sacos cheios de frutas. *A gente costuma construí um ranchinho por aqui mesmo, e muda pra cá na época de plantar e de colher*, explica Dete.

Ao encontrarem uma boa faixa de terra, abrem a roça. Com a madeira cortada fazem as cercas “caiçara e espinha de peixe” que evitam que o gado invada a plantação.

A vida inteirinha foi fazendo isso aqui ó: cerca de caiçara e espinha de peixe. Desde muito moço que meu pai ensinou e meu pai que aprendeu com o pai

dele – o meu avô. Essa cerca de pau traçado e trançado o povo inventô lá pelas andanças deles. Eu já ouvi dizê que precisava iscondê e intão fazia. Mais eu num sei, nunca vi, intao é difícil falá se é verdade. Mas como os mais véio contava, eu conto também pros meus fio.

Lá é comum encontrar a chamada “roça de toco”. *Nóis usa a roça é por poucos anos, depois ela fica aí e vai sê usada só daqui a muito tempo. A terra fica discansano, como se diz, explica Seu Josias, do Vão do Moleque.*

No trabalho da abertura da roça, do plantio e da colheita, se envolvem todos os membros da família. Caso seja preciso, eles podem contar com o apoio dos parentes e vizinhos para fazê a limpeza das roças. Quando as roças são distantes de suas residências, eles fazem abrigos onde dormem durante os períodos de trabalho.

Não utilizam nenhum tipo de agrotóxico para matar pragas e nem adubos para as plantas. Retiram o alimento fresco e em abundância. Somente o excedente da produção é comercializado nas cidades próximas. A farinha da mandioca é o principal produto de comercialização, recebem dos comerciantes locais R\$ 1,80 pelo litro.

É comum ver no meio do arrozal, melancias, mamões, abóbora e gergelim. Aproveitam bem os espaços de terra que podem ser cultivados, mesmos os barrancos mais altos e os buracos no terreno. Periodicamente capinam estas roças cheias de variedades.

Fazem as roças de acordo com as épocas de chuva. Durante a folia de reis, no início do ano, fazem agradecimentos e pedidos por boa chuva ao longo do ano. No dia de São José, fazem a previsão para o restante do ano através de cálculos passados pelos mais velhos.

Quando chegaram na terra que chamaram de Calunga, perceberam que faltava o sal. E para comprar, iam até Barreiras ou Belém do Pará. Chegavam lá no lombo do burro ou em pequenos botes.

Com tanta dificuldade, ninguém lá se preocupava em ser dono da terra, lutavam todos os dias para colocar comida em casa. Para eles, a terra era o lugar de convivência, para morar, trabalhar e viver. Não existia propriedade, para produzir riqueza para uma ou duas pessoas. A tranqüilidade começou a ser afetada lá pela década de 50, quando começaram a construir a rodovia Belém Brasília. Dona Lió conta que era

[...] um barulho danado! Virgem Maria, a gente achava que era o mundo que estava acabando. Depois de muito tempo é que foi sabendo que era os esôros, né?. Nessa época, já começou a chegar gente aqui... mas depois, uns 30 anos mais tarde, foi ficando pior. Nossa, até com revolver fazêndeiro já chegô aqui. Colocou cerca... uma tristeza...

relembra.

Na década de 80, o povo que vivia tranqüilamente, foi encontrando uma série de problemas. Primeiro, cada dia chegava um grupo de garimpeiro. Além do ouro que ainda existia por aqui, havia muitos tipos de minerais: cassiterita, tantalita, manganês, cristal de rocha, brita, calcário e areia. Não demorou e chegaram as madeireiras, dragas e empresas produtoras de carvão. Com elas, chegaram os fazendeiros, que cercaram tudo com arame farpado.

Religiosidade

É inegável a religiosidade desse povo calunga, oração para os mais diferentes tipos: na hora que acorda e quando vai dormir. Oração para acabar com o medo, para curar dor de barriga e cobreiro. E até reza forte para “fechar o corpo” e curar quebranto, mal olhado, feitiço e outros males. *Benze eu aí, Dona Eva! Mas benzê de que, meu filho? De quebranto, é? - Não, de feiura mesmo, brinca um calungueiro.*

Num brinca com essas coisas não. Antigamente num era assim. Eu aprendi que tem que respeitá o santo. Algumas eu posso dizer procê, outras num posso não. Ouve aí a oração pro quebranto: "Nossa Senhora do Destino, o sino num toca, a criança num chora, o galo num canta. Quebra assim esse quebranto." Pronto, viu, como que é?

Depois da reza, principalmente em crianças pequenas, é hora de tirar um cochilo para descansar.

Na comunidade, é comum ouvir de longe, canções de ninar. Dona Eva, do Vão de Almas, costuma embalar os netos na rede. E essa história de acalanto vem lá de longe... Foi através do acalanto, dessas cantigas de ninar, que a escrava negra deixou seu afeto ao menino brasileiro. São cantigas que não se esquecem, e já fizeram adormecer todas as crianças que nasceram livres.

A folia de reis e a importância das festas na comunidade Calunga

A mobilização é geral: os homens deixaram a roça para ajudar na construção da choupana, outros mataram um boi para celebrar a fartura. As mulheres prepararam a carne, o arroz e a farofa. Na comunidade não se fala em outra coisa senão na saída da Folia de Reis. *Desde que eu era do tamanho desse menino aí, eu lembro do meu pai me levando pra Folia. E ele aprendeu com o avô dele*, conta o alferes da folia, Seu Cassiano.

Herança dos portugueses, a origem da Festa de Reis é milenar e representa a alegria e comemoração pelo nascimento do menino Jesus, e da visita dos três Reis Magos (Baltazar, Belchior e Gaspar). As primeiras festas teriam sido realizadas em Portugal no século XIII, onde um grupo de dança popular homenageava os Santos Reis. O início da festa no Brasil está ligado à chegada da família real portuguesa, em 1808.

Para os Calunga, comunidade basicamente católica, a Folia de Reis foi reforçada com terços, fitas e cantos de agradecimentos por graças alcançadas.

A saída da folia começa logo que o sol some entre as serras: parentes e amigos que não se viam há tempos aproveitam para colocar o assunto em dia. Falam dos meninos, de como estava o compadre, da farinha que sobrou e deu

pra vender na cidade e principalmente, da chuva que ainda não chegou. Até se ouvir os foguetes, que avisavam que os foliões já estavam chegando.

Quando a folia chega, o alferes vai à frente e é recebido pelos donos da casa. Então, todos se ajoelham para receber a benção do santo. A dona da casa beija a bandeira e após, muito canto e muita reza, as mulheres se juntam para dançar a sussa. De origem africana, a sussa é dançada pelas mulheres mais velhas, que puxam os versos, ao som do batuque animado dos foliões.

Levanta a saia mulata. Não deixa a saia moiá. A saia custô dinheiro, dinheiro custa ganhá, canta Dona Dominga, enquanto equilibra uma garrafa de cachaça na cabeça.

Nesse momento, percebe-se a nítida mistura das influências portuguesas e da origem africana. No meio de uma celebração católica, uma dança africana – que apesar dos movimentos sensuais e das letras maliciosas – é uma dança de devoção, muitas vezes para pagar promessa. *Por isso que nós dançamo no final da celebração, para agradecer com muita alegria,* conta Dona Lió.

Depois, é hora da janta em uma mesa farta. Eles cantam então, o *Bendito de Mesa*, para pedir fartura e abençoar o alimento. E antes de ir embora, batem a curraleira, com sapateados e cantorias, *como numa catira*, explicam. É a hora da brincadeira: cantam versos já conhecidos e ainda aproveitam para improvisar e convidar as mulheres para dançar a sussa novamente. A animação só termina quando o alferes convida todos a seguirem caminho: é hora de montar os cavalos e começar o giro da folia.

Cavalgando cerrado a fora, os foliões passam a madrugada batendo de casa em casa... onde tudo volta a se repetir: saudação, benção da casa e da bandeira, o café, a broa de milho, a sussa e a curraleira. Até que o galo começa a cantar e os foliões pedem abrigo na casa onde vão passar o dia. Lá é o *pouso*

da folia. Eles dormem em redes, almoçam, rezam e cantam até baixar a noite, quando seguem para mais um giro. E assim será até seis de janeiro, quando poderão arrematar a folia.

O Santos Reis chegou, chegou na porta e parou, e foi dizendo boa noite, boa noite, morador. Esse é canto dos foliões, que batem na porta da casa de Dona Lió, na última madrugada da Folia de Reis. Casa cheia, os calunga se reúnem para saudar os foliões e agradecer as bênçãos do santo.

Foram seis dias trocando o dia pela noite, longe de casa, mas perto de Deus. Agora tem que agradecer, comemorar e suar a camisa dançando nesse fim de festa. Não tá certo?

Tá certo, Seu Emiliano. Então, vamos lá, convida o menino Josué, o mais novo folião. A festa da folia tem algumas regras que devem ser seguidas, principalmente pelos foliões que participarão do giro. A obtenção da graça depende muito da postura dos foliões nesses dias. Não podem namorar, trocar a camisa que começaram a usar no início da festa e nem beber. *A partir de hoje até o dia do arremate, folião tem que cumprir seu dever de foliã*, explica um deles. Mas como ninguém é de ferro e o giro da folia vai ser grande, levam, junto dos instrumentos, a caninha que vai acompanhá-los pelos seis dias de giro. E mesmo quebrando esta regra por alguns momentos, *Deus mostra sua compreensão com os folião*, brinca Dona Domingas.

Estas festas dão oportunidade para os mais jovens se reunirem e conhecerem seus futuros maridos e esposas. E então, surge outra mudança social: o da mobilização espacial.

Família Calunga

Oh, Suziane, chama a Cida pra ir mais nós na casa da Dona Maria, grita Dete Alves para a irmã que está indo lavar roupa no rio.

Não importa se é nas festas, na roça ou no dia-a-dia, os moradores do Calunga estão sempre juntos, um na casa do outro. Essa é uma característica muito forte na comunidade, onde a família tem um papel mais que importante. É a grande referência da forma de ser do povo calunga. Na maioria dos povoados, filhos, netos e pais moram em casas próximas e fazem as principais atividades do dia lado a lado. *Eu saio cedo com meu pai ou com minha mãe para ir pra roça. Atravessamo essas trilhas aí e andamo pelo mato até chegá lá. Fica na ponta do Morro do Migué,* conta João Santos, filho do Seu Dermetrino e da Dona Eva, do Vão de Almas. Na comunidade, as crianças também estão sempre juntas, seja brincando ou ajudando nas atividades diárias, quando descascam mandioca, socam o arroz, lavam louça, fazem o café para a visita que chega. *Vai lá, menino! Ajuda o seu avô a carregá essas rama. E na volta, pega a bicicleta e busca umas fruta no Seu Romão,* grita Dete para o filho Júnior, de 10 anos, que sai ligeiro atrás do avô.

Respeito pelo outro é o que não falta por aqui... E, segundo os mais velhos, ele já foi muito maior.

Vixe Maria, hoje em dia é diferente. Antigamente, se tivessem ocês aqui e eu passasse na frente ou ficasse olhando, era só saí que caía na peia. Graças a Deus, meu pai me educô e eu sei tratá bem todo mundo. Respeito desde o pequeno até o mais velho. E ensino isso pros pequeno... melhor chorar agora, que chorar depois. Esô certa?

pergunta Dona Eva, do Vão de Almas.

Está certa, sim, e os meninos sabem disso. Por isso, o pedido da benção é uma prática tão importante. Além de ser um ato religioso, mostra o quanto é importante saber respeitar o mais velho, porque assim, quando crescer, também vai ser respeitado. *O sangue que corre na sua veia, corre na minha. Se doê nocê, vai duê ni mim tamém. Então, chêra eu. Chêra eu! E pede a benção,*

menino, aconselha Dona Domingas, do povoado Ema, ao sobrinho que andava meio esquecido dessa prática.

A Família Aquino dos Santos

Dete é uma dos filhos de Seu Patrício e Dona Delfina. Mulher sonhadora, criou três filhos e já morou em Brasília duas vezes. A primeira filha chegou quando ela tinha 14 anos e trabalhava em casa de família. Hoje, já é avó de Willian, 2 anos e de Francisco, 4 meses. Com os meninos mais crescidos, ela está voltando para escola.

Enquanto estuda, cuida da casa e ajuda a família no que precisar. *Aqui eu faço de tudo, estudo, faço trança no cabelo das meninas, faço almoço pro meu pai quando a mãe num tá aqui, arrumo casa, pego água no rio. Nossa, chega de noite, eu só quéo cama.* Em casas bem próximas vivem Dete, seus irmãos e pais. Susiane de Aquino é a irmã mais jovem. Mãe solteira, ela vive com as filhas Tainá e Jaqueline. O pai de Jaqueline, 6 anos, mora em Brasília. O de Tainá, 4 anos, em Campos Belos. Às vezes, eles vêm visitar as meninas, conta. Com 23 anos, voltou a estudar e cursa a 7ª série, em Teresina de Goiás. O retorno para escola representa muito para ela, que afirma ter esperança de conseguir um bom emprego na cidade.

Eu gosto de sentá com as mia e contá pra elas como que era aqui. Eu ouvia os mais velho contano, mas menino, já viu, num prestava muita atenção. Agora eu vejo o povo falar lá fora. A gente tem que voltar a estudar porque não adianta ficá só fazendo o serviço de casa não. Pra conseguí emprego tem que ter um estudo, eu gosto de estudar e se Deus quiser, não vô pará não. Quem sabe eu faço até uma faculdade, não é verdade?.

A outra irmã que também mora perto é Cida de Aquino, 28 anos e seus seis filhos: Katiane, Darlene, Rubens, Babá, Adriana e Zazá. Uma turma “da pesada” liderada pela mãe. Enquanto conversa com a visita, ela ralha e brinca com as crianças, coloca água pro café, varre a casa e ainda canta o último sucesso sertanejo.

Se eu não ficá feliz e cantá, como é que eu vô fazê? Olha o tanto de minino que eu tenho pra cuidá. Agora que eu tô trabalhano, tô fazêno almoço lá na draga, dá um dinheirinho pra ajudá um poco. O bom é que mora só gente da gente aqui perto, né?. Então, si pricisá, socorre. Quantas vezes eu precisei... ah, se não fossem eles.

O outro irmão é Cláudio, casado com Cássia, de 15 anos. Eles têm uma filha de poucos meses: Dayane. Além desses, outros irmãos estão espalhados pela comunidade Calunga, Teresina de Goiás e Brasília.

Os pais dessa turma são o Seu Patrício e a Dona Delfina de Aquino. Seu Patrício é homem forte e amigo, está sempre de bom-humor dizendo que *cobertô de rico é lã, de pobre é fogo e cachaça*. E fogo, uma boa cachaça e muito calor humano não faltam na sua casa. Homem trabalhador, ele mora com a esposa Delfina, que tem dividido seu tempo entre a comunidade e a capital Goiânia. Há alguns anos, ela luta contra um câncer no colo do útero. Segundo as filhas, o câncer foi encontrado em estágio avançado. *Tinha que tê um trabaio de conscentização com a mulhé calunga. A maioria num sabe como se cuidá, principalmente as mais velha. Muitas têm vergonha de mostrá e cuidá do próprio corpo. Coisa das antiga*, diz a filha Dete.

Delfina acredita que a força dos amigos e da família foi essencial nesses tempos.

É duro porque a gente vive aqui na roça e de repente, tem que começá a í na cidade grande todo meis. Naqueles hospital grande, aquele tanto de dotô, de gente doente. Ainda bem que tenho minha família que fica perto. E se Deus quis assim, né?, o jeito é lutá. E seguí fazêndo suco com as fruta amarga que a gente encontra...

Nessa terra onde todos plantam, consomem e festejam juntos, é fácil encontrar valores como amizade, respeito e solidariedade.

São gesto simples, que faz a gente querê bem a quem passa aqui. Porque tá na nossa terra, com o nosso povo. E então, tá na nossa responsabilidade, se acontecê alguma coisa com qualquer pessoa aqui – parente ou amigo - é como se fosse com todo mundo

explica Juraci Santos, morador da comunidade Ribeirão e amigo da família Aquino dos Santos.

Filhos de criação

É comum encontrar filhos de criação nas famílias do Calunga. Quando percebem que alguma família passa dificuldades e não tem muitas condições para criar um filho, costumam abrir a casa para o novo morador.

No Engenho II, Francisco Maia mora com o Seu Lió Maia há mais de 40 anos.

Era assim, eu sempre passava lá pelas bandas do vão e via esse menino aqui, magrinho, coitadinho. Mas num podia trazê sem falar com a mulhé. Mas um dia, passano de cavalo por lá, num teve muito jeito, não. O menino tava tão fraco, que se eu num pegasse, ele ia morrê. Ninguém acreditava que ia vivê. Peguei, coloquei no colo e andei foi muito a cavalo com ele. Quando cheguei, a mulhé tamém acolheu

conta Seu Lió, enquanto olha para o filho. Aos 27 anos, Francisco teve um problema de saúde, caiu do cavalo e ficou um tempo desacordado. Desde então, tem muita dificuldade para andar e falar. Como não pode ir para muito longe, sempre pede para que lhe tragam café, frutas e principalmente, muita conversa. Atento a tudo que acontece, passa o dia na janela, observando e admirando o cerrado e as pessoas que passam por ali.

Em Ema, a Maria, vive na casa de Dona Lió há pelo menos uns 30 anos.

Quando peguei essa menina ela era assim, bem piquenininha. E ela não fala. Só ouve a gente e observa. Mas me ajudá muito na cozinha e na roça. Eu já levei demais no médico, pra intendê porque que num fala, né?. Deve ter sido alguma coisa lá na hora do parto, num sei. Mas é minha e eu cuido dela. Há muito tempo... Ela é muito simples. Até no nome. É Maria mesmo, simples assim. Maria. Tem outro nome não

conta a Velha Lió, enquanto observa a filha trazendo um balde de água na cabeça. No rosto, um sorriso parecido com o de Francisco.

Outros elementos calungas

O café e o fumo

Assim como muitas comunidades rurais, os calungueiros mantêm a tradição de “fazê a boca de pito” com o café, embora seja difícil ver um pé em suas roças e terreiros. Antigamente usavam as sementes de uma planta amarela do cerrado que eles chamam de “fedegoso”. Dele se fazia uma espécie de café. *A gente ainda encontra muito dela por aí, mas é muito amarga e não usa mais não. Mas antes, eles contam, era só o fedegoso mesmo*, conta Cida de Aquino, de Ribeirão.

Nas noites de lua cheia ou de céu estrelado, é muito comum um grupo de homens se reunirem para tomar café e fumarem seus cigarros ou cachimbos. É quando eles colocam a conversa em dia, falam da roça, do rio e muitas vezes, até mesmo de valores e também de política.

O tabaco é cultivado em seus terreiros e preparados em casa. Ele vira o fumo de rolo, ou, como é chamado por lá, “taboqueiro”. Os mais velhos gostam de usar o cachimbo feito do galho da roseira ou de barro. É como um ritual, sempre na mesma hora. E muitos ainda utilizam o artifício⁴³ para acendê-los.

O fumo é usado em combinação com a cinza dos fogões a lenha para fazerem a higiene bucal. Os mais velhos ainda ariam os dentes com esta mistura. É o que faz o Seu Piu Piu, que mora em Ema. *Antes de sair de casa, ele sempre faz isso. Algumas pessoas acham graça, mas a gente já se acostumou já*, conta sua filha Irene Rodrigues. Também mascam o fumo como forma de aliviar a dor de dente. Alguns ainda fazem o “moído” ou rapé, à base do fumo e de outras ervas.

⁴³ Isqueiro típico Calunga, feito com chifre de boi e algodão.

Utensílios domésticos

Ao longo destes anos, as pessoas que chegaram no calunga desenvolveram técnicas para a fabricação de utensílios importantes no uso do dia-a-dia. Fizeram pilões com as madeiras do cerrado, engenhos para moer a cana, quibanos, peneiras e “tapitis”, para a fabricação da farinha. Do barro cozido fazem seus potes, além de outras peças, como pratos e cachimbos. O barro também é usado para fazê a própria casa, usando tijolos de adobe.

Usam a fruta do tinguizeiro para a fabricação de sabões. Da cera da abelha aratim derretida e do pavio feito das fibras do algodão, fazem a candeia, uma vela que ao ser queimada, solta um cheiro adocicado. *E é bom pra dô de cabeça, precisa vê*, conta Dona Maria Santos, moradora de Diadema e irmã da Velha Lió.

As doenças *da cidade* chegaram por lá. Então, não tem jeito de ignorar. Sabendo disso, as prefeituras das cidades mais próximas criaram um programa de capacitação para agentes de saúde da comunidade. Em Diadema, o morador Juracy - mais conhecido como Jura – percorre as casas da região de 15 em 15 dias. *Chego nas casas, tomo um cafezinho, meço a pressão dos adultos e peso as crianças com até 15 quilos. Quando percebo algum problema, encaminho para um médico na cidade*, conta ele. O trabalho é reconhecido pelos calungueiros que já têm consciência da importância do trabalho de prevenção. *É bom ter a pressão sempre controlada, porque se precisá ir para o hospital não é na hora que já está no fim*, afirma Vitor Maia, 39 anos. Segundo o Jura, a saúde do povo Calunga é muito boa.

O que mais encontramos por aqui são pressão alta e colesterol. Além disso, existem muitos casos de picadas de cobra, escorpião e arraias. O trabalho de prevenção é muito bom para as doenças que já existem e para aquelas que ainda nem chegaram.

Moradia e lazer

Vamos entrano que a casa é nossa. Já vem logo pra cozinha, que é pra mó de fazê o café pra gente tomá, convida Dona Paula da Cunha, moradora da comunidade Diadema.

Entrar nessas casas é conhecer um pouquinho da história de quem vive lá. Nas residências de alvenaria, retratos antigos e fotos de artistas enfeitam as paredes. É comum encontrar também desenho de crianças, orações escritas à mão e até letras de músicas. O menino Rubens de Aquino, da comunidade Diadema, costuma desenhar automóveis que conhece nas revistas ou vê na cidade, depois dá de presente para o avô. *Esses aí foram tudo eu que fiz. Qué dizê, tem um que foi meu primo, mas eu ajudei, sabe? Gosto de desenhá esses carro grandão, nao sei o nome, mas é bonito,* conta Rubens enquanto aponta orgulhosamente para a parede da casa de Seu Patrício de Aquino. Sua tia Dete Alves, também gosta de pregar fotografias e textos nas paredes. *Esse aqui foi a minha filha que colocou, ela adora o Zezé di Camargo e Luciano. Tem foto e tem a música que ela copiô e colô, fica bonita, num fica?,* pergunta Dete à irmã Cida de Aquino, que sai cantarolando um dos sucessos da dupla.

Enquanto a dona da casa prepara um café adoçado com rapadura, a janta ou o almoço, os visitantes aproveitam para enrolar seus cigarros de palha e jogar conversa fora... *São nessas conversas que a gente fica sabeno o que acontece por aqui... a cozinha da casa é o rádio dos calunga. Um fica sabeno uma história aqui, conta pro outro ali e por aí vai...* Assim todas as notícias são espalhadas com rapidez, e o bate-papo vira o meio de comunicação mais eficiente na comunidade. As casas estão sempre cheias de gente... Logo cedo já se ouve crianças chamando, maridos falando alto, vizinho batendo palma na porta de casa, vasilhas caindo no chão... e por aí vai, até a noite.

Casa Calunga

A casa da líder comunitária Ester Fernandes é o ponto de encontro, onde todos os moradores de lá e regiões mais distantes ficam esperando a condução. Nessas horas, todos ficam por dentro das novidades da cidade, da roça, quem nasceu, como foi a festa na casa da comadre. E por aí vai... até o ônibus chegar. Na volta, mais novidades e histórias para contar.

Na hora do lazer, os calungueiros também se encontram na cozinha ou do lado de fora. Na Folia de Reis da casa do Seu José Pereira das Virgens, comunidade Ema, foi feito um “puxadinho” que virou salão de festa. O forró correu solto a noite toda. *Ficô bunito, num ficô? Tô até achano que vô deixá isso aí pra festa do ano que vem*, disse Seu José enquanto descansava para dançar outra vez.

As casas são distantes e para se deslocar de um agrupamento para outro, às vezes é preciso caminhar mais de um dia. Mesmo assim, há muita interação entre seus moradores. Um sempre tem notícia do outro, já ouviu uma história parecida, canta as mesmas folias, reza pelos padroeiros, sabe de cor o caminho das pedras e não mede esforços para ajudar quem precisa. Nesse lugar, transitam as mais diversas formas de comunicação. São manifestações culturais e religiosas, histórias, crenças que ultrapassam o tempo, preservando uma organização de limites incertos e mágicos.

Calunga, a palavra

No continente africano, a tradição oral, baseada na experiência e na iniciação, vai além das lendas, dos relatos mitológicos ou históricos, das canções e histórias de bichos. É ela que recupera e relaciona os aspectos da vida cotidiana.

A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra [...]. Nas tradições africanas [...] a palavra falada se empossava, além de um valor

*moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nelas depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de "forças etéreas", não era utilizada sem prudência.*⁴⁴

Lá, a relação mais forte é entre o homem e sua própria palavra. Ele é a sua Palavra, porque ela encerra o testemunho daquilo que ele é. Não existe o papel nem a escrita como forma de provar. A verdade é dita. E repassada.

Para situar a Palavra neste contexto oral, retornaremos à criação do homem e suas revelações.

*A tradição bambara do Komo*⁴⁵ *ensina que a Palavra, Kuma, é uma força fundamental que emana do próprio Ser Supremo, Maa Ngala, criador de todas as coisas. Ela é o instrumento da criação "Aquilo que Maa Ngala diz, é!", proclama o chantre do deus Komo.*

*O mito da criação do universo e do homem ensinado pelo mestre iniciador do Komo (que é sempre um ferreiro) aos jovens circuncidados revela-nos que quando Maa Ngala sentiu falta de um interlocutor, criou o Primeiro Homem: Maa. [...] Síntese de tudo que existe, receptáculo por excelência da Força suprema e confluência de todas as forças existentes, Maa, o Homem, recebeu de herança uma parte do poder criador divino, o dom da Mente e da Palavra.*⁴⁶

Percebe-se aqui, a importância da palavra na tradição africana. O homem foi criado porque precisava ser interlocutor.

Essa é a história do nascimento do homem que, segundo o mito, é formado por tudo aquilo que já existiu antes dele (mineral, vegetal e animal). *Ensina-se qual deve ser seu comportamento frente à natureza, como respeitá-lhe o equilíbrio e não perturbar as forças que a animam, das quais não é mais que aspecto visível*⁴⁷. Aos poucos, ele vai descobrir o quanto é importante sua relação com o mundo das forças e aprenderá a dominá-las, chegando ao estágio mais avançado: um *Maa*. Depois de iniciado por *Maa Ngala*, o Homem (*Maa*) teve como missão transmitir tudo que aprendeu ao seus descendentes, e esse foi o início da grande cadeia de transmissão oral iniciatória da qual a ordem do Komo

⁴⁴ HAMPATÉ BÂ. A tradição viva, p. 182.

⁴⁵ Uma das grandes escolas de iniciação do Mande (Mali). (Nota do autor)

⁴⁶ HAMPATÉ BÂ. A tradição viva, p. 184.

⁴⁷ HAMPATÉ BÂ. A tradição viva, p. 185.

(como as ordens do Nama, do Kore, etc., no Mali) diz-se continuadora.⁴⁸ Ele recebeu três potencialidades: poder, querer e saber, elementos que permanecem silenciosos dentro dele. Eles permanecem em repouso, até que a fala possa colocá-los em movimento. *Numa primeira fase, tornam-se pensamento; numa segunda, som; e, numa terceira, fala.. A fala é, portanto, considerada como a materialização, ou a exteriorização, das vibrações das forças.*⁴⁹

Assim, até chegar a *Maa*, as palavras eram todas divinas porque haviam caído na materialidade. Por essa questão, afirma-se que, na tradição africana, a fala é tida como um dom de Deus. *Ela é ao mesmo tempo divina no sentido descendente e sagrada no sentido ascendente.*⁵⁰

O “falar” e o “escutar” na tradição africana são, portanto, muito mais que sentidos orgânicos. São, na verdade, os responsáveis pela criação e recriação de realidades. A fala é a exteriorização da força. Ou seja, toda manifestação de força e sentimento – seja qual for a forma assumida – é fala. *Tudo é fala que ganhou conhecimento e sentido*⁵¹. Em fulfulde, *haala* (raiz verbal: *hal* – “dar força”) é a palavra que designa fala. Na tradição peul, o Ser Supremo – chamado de *Gueno* - atribui força a *Kiikaka* – o primeiro homem. *"Foi a conversa que fez Kiikala forte", dizem os Silatigui (ou mestres iniciados peul).*⁵² Hampaté Bâ explica que, para os africanos, a fala pode criar a paz, assim como pode destruí-la.

*É como o fogo. Uma única palavra imprudente pode desencadear uma guerra, do mesmo modo que um graveto em chamas pode provocar um grande incêndio. Diz o adágio malinês: "O que é que coloca uma coisa nas devidas condições (ou seja, a arranja, a dispõe favoravelmente)? A fala. O que é que estraga uma coisa? A fala. O que é que mantém uma coisa em seu estado? A fala"*⁵³

⁴⁸ HAMPATÉ BÂ. A tradição viva, p. 185.

⁴⁹ HAMPATÉ BÂ. A tradição viva, p. 185.

⁵⁰ HAMPATÉ BÂ. A tradição viva, p. 184.

⁵¹ HAMPATÉ BÂ. A tradição viva, p. 185.

⁵² HAMPATÉ BÂ. A tradição viva, p. 185.

⁵³ HAMPATÉ BÂ. A tradição viva, p. 182.

A oralidade africana está muito ligada à questão religiosa. A fala, ao tirar do sagrado o seu poder criador e operativo, relaciona-se com a conservação ou ruptura da harmonia no homem e no mundo que o cerca.

No Calunga, a relação com a palavra também é extremamente forte e, constantemente, os mais velhos lembram isso. Quando não têm certeza de alguma história, preferem guardar, a contá-la sem certeza da verdade.

A palavra *calunga*, de origem banto, é também muito forte na comunidade.

O termo *banto* foi utilizado pela primeira vez, segundo Nei Lopes⁵⁴, em 1862, por Wilhelm Bleek, filólogo alemão. O nome designa um grande grupo de línguas e dialetos negro-africanos e é empregado para *caracterizar aqueles falares nos quais a palavra nomeia os seres humanos é sempre – com pouquíssimas variações – ba-ntu (singular: um-ntu), sendo ntu o radical e ba o prefixo plural*⁵⁵.

São cerca de 500 línguas do grupo banto faladas na África Negra, que, segundo os estudiosos se formaram a partir de uma hipotética antiga língua comum. *Essa língua, reconstruída cientificamente e denominada protobanto, se fundamenta em cerca de 3.000 raízes que se encontram em todas as línguas bantas.*⁵⁶

No dicionário de Nei Lopes, o vocábulo

*"Calunga (Deus), do verbo oku-lunga (ser esperto, inteligente), encontra-se no dialeto dos Ambós e em outros grupos vizinhos. O prefixo ka aparece aqui sem a função diminutiva usual, sua característica. Antes, pelo contrário, impõe-se como uma afirmação de coisa importante, grande, valiosa" (LIMA, 1977: 152). Para os umbundos, "Céu é céu, calunga é calunga [...] Céu é a morada de Nzambi, calunga o lugar para onde Kalung'a Ngombe leva as pessoas que vem buscar." (Manuel P. Pacavira, Nzinga Mbandi, Luanda, 1985, p. 56).*⁵⁷

⁵⁴ LOPES. *Novo dicionário Banto do Brasil*, p. 17.

⁵⁵ LOPES. *Novo dicionário Banto do Brasil*, p. 17.

⁵⁶ LOPES. *Novo dicionário Banto do Brasil*, p. 17.

⁵⁷ LOPES. *Novo dicionário Banto do Brasil*, p. 57-58.

Para o lingüista Roberto W. Slenes,

[...] é possível que nlungu (em kikongo) e ulungu (em kimbundu) sejam derivados da mesma raiz que calunga, também por metonímia (isto é, que de "rio/mar" tenha-se chegado a "canoa"). Seja como for, para os escravos falantes desses três idiomas, ou para os povos que compartilhavam sua cultura, "malungo" não teria significado apenas "meu barco", e por extensão "camarada da mesma embarcação", mas também significava a linha divisória, ou a "superfície", que separava o mundo dos vivos daquele dos mortos; portanto, atravessar calunga (simbolicamente representada pelas águas do rio ou do mar, ou mais genericamente por qualquer tipo de água ou por uma superfície reflectora como a de um espelho) significava "morrer", se a pessoa vinha da vida, ou "renascer", se o movimento fosse no outro sentido.⁵⁸

Ainda segundo este autor, os estudos mais avançados sobre o conceito de *calunga* se referem aos bacongo, os falantes de quiicongo.

O vocábulo *calunga* existe também no quimbundo e umbundo e tem para os falantes desses dois idiomas praticamente o mesmo sentido. *Para o bakongo, como para boa parte dos povos da região Congo-Angola a cor branca simbolizava a morte; os homens eram pretos, os espíritos, brancos.*⁵⁹ Acredita-se, a partir disso, do tráfico de escravos e também da relação do oceano com o *calunga*, tornou-se fácil a identificação – por parte dos bakongo – da terra dos brancos – *Maptu* – com a dos negros. (*Maptu, 'Português' ou 'Portugal', deriva de Mputulukeza, que era como os bakongo pronunciavam 'Português'*)⁶⁰.

Slenes faz referência ao antropólogo Wyatt MacGaffey ao afirmar que os bakongo de hoje ainda acreditam que os *mortos vão para a América (concebida como um composto de América e Europa) e sempre foram*⁶¹. Neste caso, o tráfico de escravos é lembrado como uma feitiçaria que transportou um grande número de escravos para a outra "costa".

*Ainda de acordo com este autor, os bakongo consideram que "barcos de vários tipos são veículos para o transporte de almas", como também são os outros veículos do homem branco, como trens e caminhões.*⁶²

⁵⁸ SLENES. "Malungu, ngoma vem!", p. 9.

⁵⁹ LOPES. *Novo dicionário Banto do Brasil*, p.58.

⁶⁰ SLENES. "Malungu, ngoma vem!", p. 9.

⁶¹ SLENES. "Malungu, ngoma vem!", p. 10.

⁶² SLENES. "Malungu, ngoma vem!", p. 10.

Uma história contada por MacCaffey retrata todo esse conjunto de significados para a palavra *calunga*.

Durante uma pesquisa sobre os bakongo em 1970, MacGaffey, um norte-americano branco, frequentemente foi abordado por pessoas querendo ter notícias sobre seus parentes falecidos na América, ou perguntando quando o restante dos "americanos" voltaria. A indagação parece traduzir, também, uma outra crença antiga dos bakongo: a de que a pessoa poderia voltar da América para a África, através de calunga, não apenas como "alma", depois da morte física, mas ainda durante a vida, se ela guardasse sua pureza do espírito. Num estudo sobre africanos de origem congoleza levados para a Jamaica como trabalhadores sob contrato (indentured servants) no período 1841-65, a historiadora Mônica Schuler nos fala sobre a preocupação dessas pessoas em manter a integridade espiritual: "acreditava-se que a abstenção do sal conferia poderes especiais aos dos espíritos", entidades que não comiam sal, "fazendo com que as pessoas 'viesses como um bruxo', 'interpretassem todas as coisas' e tivessem força suficiente para voar de volta à África".⁶³

Na cultura Congo, o sol pode representar, metaforicamente, a força ou o poder de uma pessoa. Assim, *calunga* também é, segundo Robert Thompson, a barra horizontal do cronograma congo, cujas pontas – cada uma terminando num pequeno círculo – representam os quatro "momentos" do sol. Ele explica que

O ponto mais alto do desenho (o círculo no braço de cima da cruz) simboliza não apenas o meio-dia, mas também a masculinidade, o Norte, e o auge da força de uma pessoa na terra. Analogamente, o ponto mais baixo representa a meia-noite, a feminilidade, o Sul, e o auge da força de uma pessoa no outro mundo.⁶⁴

Slenes completa ao explicar que *os pontos ou círculos nas extremidades da linha horizontal representam, respectivamente, o Leste (à direita) e o Oeste (à esquerda); e os dois momentos em que o sol rompe a barreira de calunga: isto é, o da madrugada e o do pôr-do-sol⁶⁵*. Nos longínquos rituais dos bacongo, o rei era eleito imbuído das características do sol.

Segundo Glória Moura, entre os povos congos *calunga era uma palavra ligada às suas crenças religiosas⁶⁶*. O nome tinha referência ao mundo dos

⁶³ SLENES. "Malungu, ngoma vem!", p. 10.

⁶⁴ SLENES. "Malungu, ngoma vem!", p. 10.

⁶⁵ SLENES. "Malungu, ngoma vem!", p. 10.

⁶⁶ MOURA. *Uma história do povo Kalunga*, p. 18.

ancestrais. Os africanos dessas regiões acreditavam que as pessoas deveriam prestar culto aos seus antepassados.

Para eles, o mundo era representado como uma grande roda cortada ao meio e em cada metade havia uma grande montanha. Numa metade da roda, o pico da montanha ficava virado para cima. Mas na outra metade a montanha estava invertida, de cabeça para baixo. De um lado da roda, a montanha de cima representava o mundo dos mortos, terra dos ancestrais. As duas montanhas eram separadas por um grande rio, que eles chamavam de Calunga. Por isso, para eles, calunga era o nome desse lugar de passagem, para onde os homens podiam entrar em contato com a força de seus antepassados.⁶⁷

Para eles, *calunga* significava pessoa ilustre, aquela que possuía a força dos seus antepassados. Segundo historiadores, os reis só governavam enquanto eram capazes de manter a população unida em volta dessa força. *Por isso, no cortejo dos reis e rainhas dos Maracatus, sempre foi obrigatória a presença da boneca que chamam calunga. Ela é o símbolo da realeza africana e do poder dos antepassados.⁶⁸*

Segundo a lenda, o herói civilizador ambundo⁶⁹, Angola Inene, trouxe as *lungas* do mar. Para o pesquisador e embaixador Alberto da Costa e Silva, que por muitos anos serviu na Embaixada do Brasil em Angola, esta origem poderia ser o resultado de interpolação européia, do traduzir equivocado de *Calunga*, 'as grandes águas', por oceano Atlântico.

A Calunga tornou-se assim, e desde há bastante tempo - a contar do fim do século XIII - fonte de poder político e de uma organização social fundada na terra, num sítio preciso, e não apenas na estrutura de parentesco. Muito embora tenha sido depois suplantada, em quase toda parte, por novos símbolos da centralização estatal, persistiu como emblema dominante no baixo Lui e ligada ao nome de numerosos ancestrais e fundadores de reinos, bem como aos títulos de vários sobas. Entre os cubas houve um Calunga; Calala Ilunga foi o herói civilizador dos lubas; os quiocos possuem um Calunga entre os seus maiores; os povos do sul do lago Maláuu dizem que Calunga lhes trouxe as novas instituições; a palavra aplica-se entre os lundas, ao senhor, ao chefe, ao rei, e, entre os congos, era, a um só tempo, o título mais comum dos quitomes, uma grande extensão de água e a vasta corrente mítica a separar as duas montanhas que formavam o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. A boneca, com o seu nome, atravessou o Atlântico e sobrevive nos maracatus brasileiros.

⁶⁷ MOURA. *Uma história do povo Kalunga*, p. 23.

⁶⁸ MOURA. *Uma história do povo Kalunga*, p. 23.

⁶⁹ Segundo maior segundo de Angola, os ambundo que são falantes de quimbundo e habitam o norte do Planalto de Benguela.

Cada lunga vivia num determinado curso d'água, sendo bem guardada por uma linhagem. O chefe conhecia o segredo da comunicação com as forças espirituais da boneca. Essa linhagem sobrepunha-se às demais e sua cabeça possuía autoridade territorial sobre toda a área banhada pelo riacho ou pedaço de rio onde morava a lunga. Era ele quem alocava as terras a novas famílias que para ali quisessem mudar-se e, paulatinamente, senhor das chuvas e da fertilidade da terra, passou a receber tributos e a concentrar riqueza e poder. Estabeleceu-se também uma hierarquia entre os vários guardiães de calungas: o custódio da estatueta do rio principal era mais importante do que o dos riachos tributários, a graduação da autoridade fazendo-se conforme a hidrografia.⁷⁰

Em Recife, a Calunga está ligada ao cortejo das nações africanas, no maracatu. Dança típica do Nordeste, principalmente em Pernambuco, Maracatu é um termo africano que significa dança ou batuque, onde o grupo sai fantasiado às ruas para fazê saudações aos orixás, em um cortejo carnavalesco em que reis, rainhas, princesas, índios emplumados e baianas cruzam as ruas dançando, pulando e passando de mão em mão a calunga, boneca de pano enfeitada presa num bastão. Ao primeiro acorde do maracatu, a rainha ergue a calunga para abençoar a "nação". Atrás vão os personagens, com chapéus imensos, evoluindo em círculos e seguindo a procissão, recitando versos que evocam histórias regionais.

Nos dias atuais, a *Calunga* faz parte do ritual do maracatu, ao encarnar a força dos antepassados do grupo. Em sua honra são cantadas, ainda dentro da sede, as primeiras loas, quando a *Calunga* é retirada do altar pela dama-do-paço e passa às mãos da rainha, que a entrega à baiana mais próxima e assim se sucede, de mão em mão até retornar novamente às mãos da soberana.

Segundo Nei Lopes, Calunga tem ainda muitos outros significados. Na Umbanda, é cada um dos integrantes da falange de seres espirituais que vibram na linha de Iemanjá.

Nos desenhos infantis, as figuras humanas são chamadas de Calunga, que também pode significar camundongo. Outros significados recorrentes são:

⁷⁰ SILVA. *A Enxada e a Lança*, p. 52.

pessoa de baixa estatura, principalmente por ser aleijado da coluna vertebral. Esboço da figura humana que os arquitetos fazem para planejar obras. Pargo. Indivíduo Preto.

Na região do Triângulo Mineiro existe o linguajar Calunga – uma mistura de línguas de origem africana.

Tem dois significados no Nordeste: pode representar boneca de pano, madeira ou outro material e é denominação do trabalhador que auxilia o embarque e desembarque de cargas de caminhão, o chamado "calunga de caminhão".

Os significados não param por aí. Existem ainda as variações do termo, como *Calunga Grande* – nome em língua banto para o Oceano – o mar, a enormidade das águas salgadas. *Calunga Pequena* – a terra que recebe os corpos e os transforma em semente para uma nova vida. *Calunga Grande* também foi tumba, e trouxe os corpos de milhares e milhares de africanos(as) reduzidos à escravidão. *Calunga-ê* – personagem mitológico afro-brasileiro. *Calungagem* – macaquice, trejeito, requebros, graçola. De *Calunga*, indivíduo preto. *Calungamba* – feiticeira. Possivelmente da fusão de *Calunga*, morte, e ganga. *Calungangombe* – Personagem mitológico afro-brasileiro. Divindade das profundezas da terra. Do quimbundo *Calungangombe*, um dos nomes do Deus Supremo. *Calungamzambe* – Divindade da morte. Fusão das expressões *Calunga* e Zâmbi. "Calungar" – Falar. *Calungueira* – embarcação de pesca. De *Calunga*. *Calungueiro* – Pescador de pargo.

O palavra *calunga* também é usada no comércio e em outras atividades. Nos livros da doutrina Espírita, Calunga é o autor espiritual de *Pensamentos que Resolvem*, *Mestre de Mim Mesmo*, *Auto Ajuda* e *Idéias Fortalecedoras*.

Uma grande rede de materiais de escritório leva o nome Calunga. Segundo explicação do assistente de *marketing*, a expressão *Calunga*, "Tudo de bom" em *dialeto banto africano*, foi ouvida pela primeira vez no País, em 1972, quando o empresário do setor gráfico, Damião Garcia, decidiu instalar uma pequena papelaria na Vila Mariana, zona sul de São Paulo.⁷¹

Calunga também virou tema de música, brincadeiras infantis e cantigas. Alguns exemplos relacionados:

Algumas canções em que aparece o nome calunga

Calunga

Zeca Pagodinho
Composição: Zeca Pagodinho/Sylvio da Silva

Pelo sul, pelo norte
Calunga
Conservai minha sorte
Calunga
Eu confio em você
Não me deixe sofrer
Macumba
Pelo meu caminhar
Eu quero encontrar
Quizumba
Toda vez que eu lhe chamar
Virá De Angola como Moçambique
Ou África, Igejá
Se o mar da paixão
Ilunda
Um pobre
Afunda
Se o vento soprar
Quando a onda do mar Resmunga
Nem o filho de oba
Poderoso orixá Rejunga

Fruta gogóia

Gal Costa
Composição: folclore baiano

Eu sou uma fruta gogoia
Eu sou uma moça
Eu sou calunga de louça
Eu sou uma jóia
Eu sou a chuva que molha
Que refresca bem
Eu sou o balanço do trem
Carreira de Tróia
Eu sou a tirana bóia

⁷¹ www.kalunga.com.br, acessado em outubro de 2005.

*Eu sou o mar
Samba que eu ensaiar
Mestre não olha*

Yaya massemba

Autores: Roberto Mendes e Capinam

*Que noite mais funda calunga
no porão de um navio negreiro
que viagem mais longa candonga
ouvindo o batuque das ondas
compasso de um coração de pássaro
no fundo do cativoiro
É o semba do mundo calunga
batendo samba em meu peito
Kaô Kabiecilê Kaô ôô
Okê Arô Okê
Quem me pariu foi o ventre de um navio
Quem me ouviu foi o vento no vazio
do ventre escuro de um porão
Vou baixar no seu terreiro
Epa raio machado trovão
Epa justiça de guerreiro
o batuque das ondas nas noite mais longas
me ensinou a cantar
Ê semba ê ê samba á
dor é o lugar mais fundo
é o umbigo do mundo
é o fundo do mar
Ê semba ê ê samba á
no balanço das ondas
Okê Arô me ensinou a bater seu tambor
Ê semba ê ê samba á
no escuro porão eu vi o clarão do giro do mundo
Ê semba ê ê samba á
é o céu que cobriu nas noites de frio minha solidão
Ê semba ê ê samba á
é oceano sem fim sem amor sem irmão
ê Kaô quero ser seu tambor
Ê semba ê ê samba á
eu faço a lua brilhar
o esplendor e clarão
luar de Luanda em meu coração
Umbigo da cor, abrigo da dor
a primeira umbigada
Massemba Yáyá
Massemba é o samba que dá
Vou aprender a ler
Pra ensinar meus camaradas*

Brincadeiras de crianças

Duas crianças sentadas defronte ao pé uma da outra baterão simultaneamente com as mãos abertas: primeiro nos joelhos; depois cada uma com a sua direita na sua esquerda; depois com a sua direita na esquerda da companheira, e vice-versa; e, outra vez, cada uma com uma mão na outra;

outra vez nos joelhos; e assim por diante, sempre na mesma ordem, sem parar.

Cantam ambas modelando as cantilenas pelas palmas:

Lá detrás da serra...

*Lá detrás da serra,
Calunga,
Tem uma mulatinha,
Calunga
Com cara queimada,
Calunga,
Quem foi que queimou?
Calunga,
Foi sua senhora
Calunga,
Por causa de que?
Calunga,
Por causa do peixe frito,
Calunga,
Que o gato comeu,
Calunga.
Que é do gato?
Calunga.
Fugiu pro mato,
Calunga,
Que é do mato
Calunga.
O fogo queimou,
Calunga.
Que é do fogo?
Calunga,
A água apagou
Calunga.
Que é da água?
Calunga,
O boi bebeu,
Calunga.
Que é do boi?
Calunga,
Está amassando trigo,
Calunga.
Que é do trigo?
Calunga,
A galinha espalhou,
Calunga.
Que é da galinha?
Calunga,
Está pondo ovos,
Calunga.
Que é dos ovos?
Calunga.
O frade bebeu,
Calunga.
Que é do frade?
Calunga,
Está dizendo missa,
Calunga.
Que é da missa,
Calunga.
Está no seu altar,
Calunga.*

Que é do altar
 Calunga.
 Está no seu lugar,
 Calunga.
 Também se continua cantando:
 Mandei fazê uma casa
 Calunga,
 De quatro janelas,
 Calunga,
 Duas para frente,
 Calunga,
 Duas para o mar,
 Calunga,
 Para esperar meu mano,
 Calunga,
 Quando ele chegar,
 Calunga,
 Se ele chegar bom,
 Calunga,
 Para trabalhar,
 Calunga.
 Se ele chegar doente,
 Calunga,
 Para se tratar,
 Calunga,
 Se chegar quebrado,
 Calunga,
 Para se encanar,
 Calunga...
 Papagaio louro,
 Calunga,
 Do bico dourado,
 Calunga,
 Levai esta carta,
 Calunga,
 Ao meu namorado,
 Calunga,
 Que ele não é frade,
 Calunga,
 Nem homem casado,
 Calunga

Vamos fazêr uma casa...

Procedência: Comunidade quilombola Mussuca

De mãos dadas, as crianças rodam cantando a letra abaixo.
 Vamos fazêr uma casa
 Oh! calunga,
 De porta e janela
 Calunga
 Para esperar seu mano
 Calunga
 Quando chegar da guerra
 Calunga
 Se ele vier ferido
 Calunga
 É para se tratar
 Calunga
 Se ele vier morto
 Calunga
 É para se enterrar
 Calunga

Lá detrás da serra
Calunga
Tem uma cabrochinha
Calunga
De cara queimada
Calunga
Quem foi que queimou
Calunga
Foi a senhora dela
Calunga
Por causa de que
Calunga
Por causa dos peixes fritos
Calunga
Que o rato comeu
Calunga
Cadê o rato
Calunga
O gato comeu
Calunga
Cadê o gato
Calunga
Fugiu pro mato
Calunga
Cadê o mato
Calunga
O fogo queimou
Calunga
Cadê o fogo
Calunga
A água apagou
Calunga
Cadê a água
Calunga
O boi bebeu
Calunga
Cadê o boi
Calunga
Foi carregando o trigo
Calunga
Cadê o trigo
Calunga
A água apagou
Calunga
Cadê a água
Calunga
O boi bebeu
Calunga
Cadê o boi
Calunga
Foi carregando o trigo
Calunga
Cadê o trigo
Calunga
A galinha comeu
Calunga
Cadê a galinha
Calunga
Está botando ovo
Calunga
Cadê o ovo
Calunga
O frade bebeu
Calunga

*Cadê o frade
Calunga
Está dizendo missa
Calunga
Cadê a missa
Calunga
Já se acabou
Calunga*

Pontos cantados de exú calunga

*Rodeia, rodeia,
Rodeia, meu santo Antonio rodeia
Rodeia, meu santo Antonio rodeia
Meu santo Antonio pequenino,
Amansador de burro brabo
Que mexe com seu calunga
Tá mexendo com o diabo,
Rodeia, rodeia exu rodeia.*

*Exu é caiana,
Quem te mandou, caiana
Foi exu caiana, eu meu,
Protetor caiana,
Ele é quem mi livra, caiana,
De todo horror, caiana.
Exu caiana bis.*

*Eu to te chamando, ó calunga
Pra você trabalhar
Quando eu te vejo, ó calunga
Vejo também a sereia do mar bis.*

Calunga por eles

O que é calunga? *Essa plantinha que tem aqui. Se cresce, a terra é das boa.* Quem explica é Seu Patrício, morador do povoado Diadema. A planta pequena - *simaba ferrugínea* – é encontrada na maioria dos quintais e sua raiz é usada para dor de estômago e problemas no fígado.

Porque antigamente num tinha esses remédio do mato não. Intão o que o povo usava era essa plantinha que chamava de calunga. Aí, ficou calunga aqui. Seu Mochila, do Vão de Almas, completa a explicação sobre o nome da comunidade.

Calunga? Calunga é aquele rio que passa o Calunga todo. Dona Eva fala que Calunga é o grande rio Paranã. Em tupi, Paranã significa “parecido com o mar”. Como já foi dito acima, então, podemos pensar na idéia de que o Calunga

é a esperança da volta pelo mar. Ou o grande mar que os separa do “mundo dos brancos”.

– *Calunga é um córrego. É nossa raiz. (Antonio Pereira das Virgens)*

– *Calunga? O que que vem sê Calunga? Calunga cê sabe o que que é? Agora eu vô falá. Calunga vem de ser uma coisa. Aquilo é uma, é de quando ingerô a nossa raiz e se nós tamo aqui ingerô a nossa raiz, nós invém daquela raiz. Tratano de calunga, calunga, calunga... intão nós somo calunga. Nós, eu pelo meno, nós num somo ninguém pra explicá proceis pruque que é que nós somo calunga. O lugá que chama Calunga. O lugá. Toda vida já era Calunga. (Augusto dos Santos)*

– *Inzamina que lá é um lugar puro, aí nessa via de Vão de Alma. Lá pra lá dentro. Levô pro laboratório inzaminô que quem é os calunga completamente sadio é aí dentro. (Antonio Pereira das Virgens)*

Calunga tem muito valor lá fora. Aqui dentro num chega é nada. (Marilene dos Santos, 39 anos, moradora do Vão de Almas)

Na escola eu aprendi que quem libertô os escravo foi a princesa Isabel. Mas como nossos parente fugiram antes, eles que ficaram livres sozinhos. (Júnior Alves, 10 anos – Ribeirão)

Tem que valorizá mais. Muita gente vem aqui, mas fazê que é bom pocos faz. Acho que os próprio calunga fazê mais coisa. O pessoal vem e manda a gente não queimar lavôra, não cortar árvore, não caçá. Mas eles não moram aqui pra ver como é. Infelizmente é assim. (Juracy Santos, 30 anos – comunidade Diadema)

Eu sou calunga. E tenho muita satisfação em falar que eu sou calunga: povo bom de verdade, que ajudá e não tem essas malvadezas de fora. (A Velho Lió – comunidade Ema)

Sou calunga e sei de toda a história do meu povo. Saí daqui pra estudá em Goiânia e agora que esô me formando na faculdade, quéo ajudá quem ficô. Fico triste quando venho e vejo que as coisas não andam. E não é por culpa deles. (Marilene Rodrigues, Goiânia, estudante de História)

A gente merece a luz que tá chegano. Trabaiamos muito e já passou da hora de tê uma ajuda assim. E mais, os nossos parentes quando ainda eram escravos, sofreram muito. Lá fora e aqui também. Tem que valorizar (Dona Getúlia Santos – Engenho II)

Sou calunga e quéo trabaiá a vida toda pelo meu povo (Cesariano Vieira, Engenho II)

Calunga não pode perder o orgulho de ser calunga, não. É por isso que eu luto para que as crianças continuem estudando aqui mesmo. Luto para trazê a 5ª, a 6ª e as outras séries... o jovem que sai daqui e vai pra cidade conhece outro mundo e esquece. O calunga pode acabá assim. (Seu Cirilo Santos, Engenho II)

Eu canto pelo meu povo e para o meu povo. Já conheci outras comunidades que nem essa e levei o canto pra lá. Foi bom conhecê gente que nem a gente e ver as diferença. Agora eu vô pra África, descobrí como que tudo começou. (Boto, músico calunga - Vão do Moleque)

Entre os vãos: a palavra cantada e contada

A comunidade Calunga sobrevive, pois, do texto oral: são os cantos entoados em dias de festa, o discurso político dos recentes líderes, as histórias fantásticas e as narrativas de vida. Para Zumthor, as histórias, assim como os sonhos só existem quando são narrados.

Somos seres da narrativa, tanto quanto de linguagem. À medida que me atribuo a tarefa de reter um pedaço do real passado, minha tentativa é, em si mesma, ficção. Se formo um discurso ficcional, para comunicar o resultado, ele será necessariamente narração, quaisquer que sejam talvez minhas precauções estilísticas visando à nudez do relato. [...] O que se produz assim, parece-me, na apreensão dos fatos, não é muito diferente do que se produz para cada um de nós no modo como se percebe, no dia-a-dia, sua própria existência. Todos nós percebemos nossa vida através da ficção – e essa ficção é nossa vida.⁷²

Dessa forma, Zumthor reconhece o valor de cada uma das vozes que participam do processo de transmissão e recriação⁷³ e reelabora o conceito de tradição, integrando nele o presente e o futuro.

Reconhecer a singularidade da voz equivale ao reconhecimento do autor, seja ele um profissional do verbo (cantador ou poeta popular) ou contador de histórias, ou ainda um homem ou uma mulher testemunhando sua vida cotidiana, porta-voz, porém, de uma memória coletiva, assumida pessoal e comunitariamente⁷⁴

São essas vozes, formadas na memória coletiva, que apresento neste capítulo. Vozes de mulheres e homens herdeiros e guardiões da palavra oral.

Narrativas de vida

Fugas e sonhos – no quilombo do Calunga

Marilene dos Santos, moradora da comunidade Vão de Almas⁷⁵

Minha vó, quando me pegô da minha mãe, eu tava de peito. Otio meis. Minha mãe e meu pai vivia uma vida muito ruim, porque meu pai tinha uma superstição de tanto tempo, dizia que eu num era fia dele. Aí num quiria separá dele, aí me pegô e me deu pro meu vô.

Eu falei pros minino: "eu vô!" Coloquei tudo na sacolinha, aí eu falei pra eis: eu vô fugi. Aí, quando foi de madrugada, que o galo cantô, eu alevantei e avisei pra eis: "eu vô imbora." Eis disse – "Cê vai?" Eu disse – "Vô."

⁷² ZUMTHOR. *Escritura e nomadismo*, p. 48.

⁷³ QUEIROZ. A voz de Paul Zumthor, p.

⁷⁴ SANTOS. Uma poética em permanente reconstrução. Citado por QUEIROZ. A voz de Paul Zumthor, p. 20.

⁷⁵ Entrevista realizada em março de 2004.

Aí, fui vê se tava vigiano, coloquei minha rôpa dentro duma bruaca e levei lá pra istrada da roça e aí a minha vó alevantô e perguntô: " adonde é que ce já evai?" – "Não, eu vô é lá na roça pra assuntá se tem bicho."

Aí eu já tinha lá com a bruaca escundida. Chegô lá só passei a mão nas minha sacolinha, larguei bruaca pra lá e eu fiz uma voltona assim... de noite! Na beira do rio e ante passei na passagem que eles tinham me ensinado. De noite... quando eu cheguei na passagem, quand'eu cheguei do lado de lá da passagem tinha uma cascata. No que eu falei: "no que eu tô aqui, num tô nem aí com aparência." É, se eu escapá, se eu não escapá eu não tô nem aí. E eu casquei o pé. Sartei o rio e ví'mimbora. E casca'quí, casca'culá, Vô num batedoro, vô notro. Vô num batedoro, vô notro . Antê eu inxeguei. Antê eu inxeguei a cerca da casa. Aí eu perdi! Eu perdi e saí numa estraada... numa ôtra casa lá prum ôtro rumo... aí falei, num é aqui não. Aí voltei cá pa trais.

Voltei, tornei pegá batedorzinho aí, vim até inxeguei a cerca da casa branca, eis tava levantano. Aí eu subi (aí eles tinha um cachorro muito valente). Aí quando eu subi em cima da cerca, o cachorro deu fé, aí o cachorro latiu. Aí, minha irmã saiu pra fora e falô "Anísio, se ocê adivinhá quem que vem ali". Ele disse assim: "- Deixa de graça..." – "Mesmo, vem cá procê vê. Oia lá Sá cunhada lá incima da cerca." Aí ele saiu pra fora e disse assim: "maas cunhada, a senhora veio mesmo..." Eu falei: "Vim. Num falei concês que eu vinha?" Aí, ele falô assim: "cum quem que ce veio?" Aí eu falei: "Uai, eu vim pegano o rumo aí e era onde eu saísse. Se eu saísse aqui, se eu não saísse aqui, eu num sabia nem onde é que eu ia certá." Aí, ele saiu pra lá e me troxe pra dentro de casa. E foi ele que cabô de mi criá.

Foi...

Aí daí pra frente foi bão demais. Eu tinha liberdade com tudo. Num precisava trabaiaá tanto, eu ajudáva eis assim, mas esforçada igual eu era. Quando tá muito novo dizem que depois que tá perdido não caça caminho, né??

Aí eu fugi no mês de maio, quando foi em junho eu fui na festa lá. Quando cheguei lá tava tudo bando de bão comigo, de coisa quéendo que eu voltasse de volta. Eu disse "não", não volto de jeito nenhum. Aí eu fugi no mês de maio, faió juín, juio, agosto, setembro, outubro, minha irmã fugiu. Ela fugiu pra casa dum cunhado dela lá incima, bem longe. Essa daí foi pra bem pra longe. Bem longe. Essa daí foi bem pra longe. Lá pra cima assim. Aí o pai dela foi atrás dela, trôxe ela pra casa ôtra vez. Aí, quando foi em junho, eis arrumô casamento, quando foi em junho, ela casô.

Eu fazia de tudo! Essa daí ó, caiu o cabelo da perna todo, só de fiá. As coisa pra gente aqui dentro, Aline, há... tá fácil é agora. De primero, as coisa era difícil demais. Nós sofria, era difícil. Ixi, a vida pra nós aqui dentro agora, tá mais fácil. Só num é mais fácil porque assim, de primero, tudo que ce plantava dava. Tudo que ocê plantava dava. Se ocê plantava o mio, dava. Tratava mandioca, dava. Tratava algodão, dava. Feijão dava. E agora em diante que a chuva tá ficano mais custosa, mais difícil. Oce planta uma roça, até onte ocê planta num ganha. No ôtro ano já ganha, mas ganhado. Aí a pessoa fica que num tem dispensa, né?? Aí fica comprano direto, comprano direto. Trabaiano só pra comprá, só pra comprá. Nos mesmo que podia produzi. Mas de primero não. As coisa era mais difícil, mais nós tinha fartura. Tinha fartura. De primeiro ocê plantava um pôco de arroz, ce tinha muito arroz. E hoje procê comê muito arroz, ce tem que plantar muito arroz.

Antigamente a dificuldade era só o sal mermo., porque de tudo plantava. Plantava o arroz, plnatava a mandioca, plantava o mio, plantava o feijão, plantava tudo. Abobra, melancia, jiló, quiabo, tudo. De tudo.

Criava galinha, meu vô tinha era muito gado. Fico foi tudo pros bicho, pras lumbriga. Porque ele era debaixo da linha, criava mas num cumia. Pão duro... (risos) Prefiria comprar um quilim na mão de ôtro que matá uma pra comê. Mexia com cavalo, nós mexia com cavalo, nós mansava era cavalo brabo do veio, nósminino – minino muito tentado. Ah. Colocava cavalo aí no pasto, mandava minino pegá, e lá minino pegava! Vai dá água minino! Um pegava um, muntava, um pegava ôto muntava, ôtro pegava ôtro, muntava. Aí, o dia todo. E ó, ó, era cada pedra que dava. Caia era só sacudia poeira, minino chegava triste. "– Uai, que que foi, minino, ce caiu?" "– Não, caiu não!" Hun... num caiu... a custela que sabe. Num podia falá, que se falasse apanhava.

Depois de hoje eu penso assim, eu trabaiei demais, fui sofrida demais e agradeço por eis, agradeço pelo que eis fez comigo, me puxo pra trabaiaá bem,

não fiquei pessoa à toa, vagabunda. Num estudei, mas num fiquei pessoa boba. Ao meno de sirviço, como se diz, eu sei fazê di tudo.

Agora, eu tento passá pros meu fio. Puxá pra trabaia e pra istudá, isso daí eu ponho. Minino cumigo não lerda não, que isso aí comigo, ele trabaia mermo. A toa num fica não. Agora, pra modo de deixá meu fio sofrê, passá fome, com fome eu num deixo não.

Nós sofreu dimaisi, nós cumeu até sopa de beju. Sopa de beju. Tinha vez que eles tinha um jeito, mas num coisava pra nós jantá. Um pezinho de mandioca, relava, secava a massinha ó, e cuiava ela, e fazia o beju e ia pro mato. Panhá coco, pra quebrá o coco, tirá o leite do coco, só pra fazê a sopa. É.

Quebrava coco pra tirá o dendê, pra fazê a farinha do dendê. Tem coco de painha e tem indaiá. E dendê.

Agúia de coquéo

Marilene dos Santos

Cê acridita, eu aprendi a custurá com agúia de coquéo. Coquéo, esses coco que dá aí. É mermo! Aprendi a custurá com agúia de coquéo e agúia de vassôra. Eis tinha agúia, eis meu vô mais minha vó, eis comprava agúia mais num dava nós cum medo de nós perdê. Num dava de jeito nenhum. Nós tinha vontade de custurá, tinha vontade de fazê lencim pra dá dá rapaiz, pra dá namorado. E aí, o veio comprava um pano pra dá pra veia, nós tirava pedaço de pano, escundia, ia custurá no mato. E aí, pra custurá, como, né?? Cadê agúia?? Aínós arranjava assim os ispinhu de coquéo e eu incharcava o curim dele assim e furava, e aí, nós apanhava um fuso e levava pro mato, cum um capuz por riba e uma linha beem finiiiiinha.... fininha.... fininha, ficava igual linha de carreter. Ai agora ia custurá, uma ia alinhavano e ôtra ia custurano. uma ia alinhavano e ôtra ia custurano. Ah, rapaz intrava im lenço bunito, custurado por guia de vassora. Ah, já dei muito lenço pra namorado, lenço, tuaia. Dei demais. Tinha dia que custurava tudo com agúia de vassora.

Inté hoje eu faço rôpa. Se a sinhora vê, aí, ó... cueca, sunga que eu faço pros meu minino aí. Calcinha, eu faço uma calcinha, merma coisa que ocê comprá lá na cidade. Ieu faço muita custura pro povo.

Desde eu minina que eu faço rôpa. Minha mãe era alfaiate, mas só que eu num aprendi com minha mãe, porque eu num fui criada cum eia. Eu aprendi mermo foi com a minha vontade aí por natureza mermo. As ôtra me ensino, porque as ôtra foi tudo criada com ela. Ih, minha mãe fazia de tudo, de rôpa, ela fazia de tudo, tudo quanto é tipo de rôpa.

Ih, já usei rôpa de algodão demais. A raiva que nós tinha aqui era isso de ir pra festa vistido com esse ropão de algodão e já teno namorado. Quando essa rôpa molhava, um peso, um peso! E pior que num tinha ôtra pra trocá, era essa e essa mesmo. Ia vistido nessa e voltava vistido nessa. Eis fazia era tudo brancão, aí, nós que ranjava aquela frusana que na casa do meu vô tinha um pezão de uma florona rosa, né?. Aí, nós panhava a rosa. Isquici o nome da planta... ela é um pau, e dava uns flors bunitinha, bem rosa mermo. Se ocê vê agora, nós ia e pintava as rôpa branca. E ôtras, nós pintava com ani. Ce cunhece ani? Pois é, nós pintava com ani. Aquele pau cabelo de negro tamém dava uma tinta bonita. Tira a casaca dele, amassa e dá um caldo bonito.

E sapato? Sabe como que era? Sapato era só mesmo o pé no chão... sapato, eu vim usá sapato quando eu vim pra casa do meu cunhado.

A História do Filipo

Marilene dos Santos

Eu passei o filipo no rapaz namorado meu. Era namorado meu. Ele passô o filipo ni mim e me pediu o embornal. Embornal... De tira, de pano. Aí eu imendei, imendei, imendei, imendei até que fiz um embornal bem bunito. Aí, eu pá, o filipo dentro. Aí, ele pergunto o que que eu quiria. (Filipo é banana gêmeo). Aí eu coloquei o filipo dentro e ele perguntô o que que eu quiria e eu

falei que quiria uma chinela. Aí, ele comprô uma chinela pra mim e a chinela fico grande. Aí quando eu vim pra casa do meu cunhado, eu troquei mais minha irmã. Nós colocava o filipo e dava enganado. Ais veiz acontece assim, ocê passa um filipo ni mim, ne. Aí, eu vô e pago assim... Se ocê passá um filipo nimim, quando eu fo passar um filipo nocê, eu tenho que te pagá primero. No pagamento que eu ia pagá ocê, eu enrolava o filipo dentro. Aí eu falava procê: ocê recebe o meu e paga o meu que tá dentro. E aí ocê já tava me devendo. Com qualquer pessoa.

Primero amo

Marilene dos Santos

Meu primero namorado eu lembro que eu tava bem piquininha. Eu tava vistida intê de saia sem blusa. Os peito nem sonha de tê. Já namorava. Diz que namorava assim, só pra falá. Mas pra eu chegá nele assim, não. Eu tinha um medo de homi, que me pegasse. Homi num chegava em mim não. Eu fui criada assim, meu vô, todo final de semana na casa dele tinha um baile. Ele era tocado de sanfona, de viola. Ele mermo fazia o forró. Ele juntava a harmonia daqueis povão tudo, as vizinhança dele tudo... todo final de semana. Todo final de semana tinha baile na casa dele. As ôtra dançava, eu num beirava baile não. Ele dêxava, eu que num gostava mesmo. Eu, pra mim dançá, só se fosse mais muié. Mais se falasse pra mim – dança mais um homi. Aí não, aí eu era implicada.

A sussa... quase todo mundo daqui de dentro dança a sussa... eu danço, eu canto... É difícil. Hoje os mais moço hoje dança quase que mais mió que os mais véio.

Idas e vindas pra ficar

Dete dos Santos, moradora do povoado Ribeirão⁷⁶

Ah, quando eu saí daqui a primêra veis eu tava com 9 anos. Com uns oito, nove ano de idade. Eu sempre trabaiei na roça. Do tamanho dessa minina de Aparecida já trabaia na roça. O pessoal ia capinano, a gente ia pegano os fio, pra plantá. E assim foi por diante. Aí depois eu voltei, minha vó num quéia deixá eu ficá lá, eu voltei. Ah, nessa época eu num fiquei nem um ano não, minha vó num dexô eu ficá lá. Ieu já ia istudá lá, né?, mas ela num dexô. Porque foi ela que me criô, né?? Minha mãe só me tirô do peito e intregô pra minha vó. Fui criada com a minha vó. Aí voltei pra cá. Aí comecei a estudá.

Tinha escola aqui já, mais só que era difícil. Era a casa da gente, nós morava lá do ôtro lado do rio, fica ali perto do colégio. A gente morava ali perto, aí a gente tinha que atravessá o rio e ir lá pra perto de onde ocês almoçô ontem. A gente ia pra lá, de a pé, ais veis tinha lanche ais veis num tinha. A gente passava muita necessidade, passava fome nas estrada até chegar em casa, né?? Aquele tanto de criança. Só as criançada, aí brigava na estrada, na hora do recreio, nó, brigava tanto. Um dia eu briguei tanto mais o pai dessas minina que eu trancei o cabelo dela, minina foi uma briga mesmo. Rolô porrada, nós brigava muito. E aí nesse intervalo eu num aprendi. Nada. Aí depois eu fiquei grávida, a gente começô a namorá cedo aí eu peguei, engravidei. Foi aqui, engravidei. Do João. Ele trabalha aqui. Foi com uns doze anos. Mas só que num foi ele meu primero namorado não. Aí eu engravidei dele, aí separei dele. Naquela época assim, a gente num sabia que existia prevenção, sabe aqui era muito esquecido a parte da saúde.

A gente tinha muita doença, sarampo, catapora, muita criança. Até eu te falei que minha tia uma época perdeu duas minina tudo num dia só, uma morreu de manhã e ôtra a tarde. Porque num tinha vacina naquela época. Vacinava com criulini. Era, eis fazia assim, remédio casero.

⁷⁶ Entrevista realizada em fevereiro de 2005.

Meu caso com o João foi passageiro, a gente conheceu, namoro e tal, né?? Aí engravidei, fui morá com ele, num deu certo. A gente separô, aí eu fiquei grávida, fui pra Brasília trabaiaá. Aí eu trabaiei lá, comprei as coisa tudinho, comprei inoxoval, rôpa de grávida, eu ficava com uma família, o cara que era fazêndeiro. Ele comprô uma fazênda aqui. Essa fazênda aqui que quando a gente vem pra cá tem uma entrada, a mesma entrada que tem pra cá tem pra lá. Esse cara chamava Nonato, que eu trabaiaava pra ele. Eu fiquei lá atéé... aí quando foi em agosto, eu num trabalhei o mês todo de gravidez. Aí quando foi em agosto a minha irmã ia casá aí eu peguei e vim dia 10 de agosto. Eu lembro até como se fosse hoje. Eu peguei e vim. Eu tava grávida da Suzivane. Aí eu peguei vim agosto, ficô setembro, outubro, novembro. Dezembro eu ganhei ela. Dia 16 de dezembro eu ganhei ela. Foi a parteira. Aí depois que eu ganhei ela fiquei mais de ano separada dele. Depois que eu fui ficá com ele de novo. Quando eu ganhei, assim, antes deu acabar o resguardo ele não veio. Aí depois ele veio. Ai nesse tempo tive ôtros, conheci ôtros... ficá esse tanto de tempo parada... carro parado num ganha frete, ne? (risos) Aí pego e ele voltô de novo aí eu fui morá lá em Brasília. Aí depois eu voltei pra cá de novo quando eu já tinha o Júnio. Eu trabalhava em casa de família e ele trabalhava na horta, hortalice. Ai engravidei de novo, de uma ôtra menina minha que morreu. Tive dois aborto. Já com 9 meses. Nem sei como que aconteceu isso, acho que é porque eu trabalhava muito. Trabalhava o dia todinho. Às veis eu ia dormi, chegava em casa assim umas cinco horas, largava serviço as cinco horas, ne. Ai chegava em casa eu ia fazê a janta, da banho na Susivane, eu ia lavá rôpa, depois que ela durmia, lavá rôpa. Aí depois ia tomá banho e ia dormí. Eu trabaiaava demais. Aí eu perdi essa. Aí depois eu ganhei essa daí aí perdi essa menina. Aí engravidei de novo. Do mesmo jeito que uma nasceu a ôtra nasceu. Aí depois que veio a Silvania. Aí depois que vinha o Junior. Aí eu vim pra cá, ganhei ele. Aí depois eu voltei de novo. Depois que eu ganhei eu voltei pra lá. Aí depois que ganhei o Júnio, fui pra lá aí voltei pra cá de novo e aí vim operá. "Não agora chega, chega de tanto filho" Ah não, a vida da gente assim, tudo pobre, ter muito filho é difícil porque não pode dar uma educação melhor pro seu filho, não pode dar um estudo melhor pra ele porque tudo depende de dinheiro que a gente num tem. Então é muito difícil.

Na minha vida o que eu mais arrependo é sobre a leitura. Eu quéia muito saber ler escrever, ter uma profissão na minha vida. Já tô velha já. Quando eu tava estudano eu ficava pensano... no, eu veia desse jeito no meio desses menino. Eu já sô vó já. Tudo com oito ano, nove, dez ano. Muito difícil.

Pra sonhá

Dete dos Santos, moradora do povoado Ribeirão⁷⁷

Meu sonho, sei lá. Pra mim tá meio tarde pra sonhá. Ais veis quando vier a luz, eu posso montá um salão. Eu criei meus fio desse jeito, trabaiano, esforçano bastante. Porque eu penso: "é tão rui ocê tê fio e chegá assim..." Ainda bem que Deus nunca deixô faltá assim na minha casa, comida. Não tê nada que comê. Nunca aconteceu isso. Nem eu deixo acontecê. Então é isso, esforço muito. Trabaiaava na roça, pra nunca deixá faltá pros meus fio.

Eu num quéo que eis fique que nem eu, sem sabê nada. O que eu num tive, os meus fio vão tê. Os jovens hoje, sei lá, eles quéem mais, sei lá, quéem se divertir e não têm essas coisas. Aí começa por aí, aqui num tem. Aí quando eis cresce mais um pôco, qué saí. E aqui mesmo só fica mais os véio, àis veis um dia também pode mudar. É igual aquele dia que eu te falei na reunião que nós foi, que nós tem que pensar numa coisa assim, tipo numa associação. Uma empresa, seja ela qual for, seja de rôpa, de sapato, qual coisa. Mais que gera mais emprego pras pessoa, pra num tê que tá saino. Senão num vai existi mais, num vai existi mais ninguém pra contá história. Ais veis eu fico pensano, por exemplo, minha filha vai e sai. Também vai e casa por lá e vai rompeno. E aí eis saindo do lugar deis pra procurá ôtros meio de vida e os de lá vindo pra cá. Intão acho isso retorna mais difícil pra gente.

⁷⁷ Entrevista realizada em fevereiro de 2005.

Assim desde que eu sô criança que eu ôço falá, que nos somo descendente de escravo e tudo. Aí eu fico pensano, é uma coisa certa. A gente foi numa reunião em novembro lá em Goiana, foi em novembro que a gente foi. Falô muito sobre que as pessoa num pode tê preconceito. Os branco que tem muito preconceito, não todos, mas muito tem. Fala "ah, os preto fidido, num sei o que" Ridículo, acho que cada um divia respeita o lado das pessoa, mas tem uns que num respeita. Num tá nem aí. Pra eis, só os branco que tem importância. Intao eis fala pra nós estuda bastante. O preto também. Antigamente num tinha, mais hoje tem preto presidente, advogado, tem juiz, tem tudo. Então, tá melhorano bastante. Antigamente era só os branco que mandava e agora não, já tem muitos preto que é alguma coisa na vida. Os branco divia valoriza mais os negro porque se não fosse eles...

A única coisa que eu sinto mais falta aqui, energia... entendeu? Assim, educação pros fio da gente, ne? Ter mais estudo pros fio da gente. Na parte de saúde também, nós ter um médico bão, se as pessoa adocece aqui, até chegá no hospital mais melho minha filha ela já tá nas última. Quando adocece aqui, ocê precisa de vê, agora não, agora tá bom tem ambulância aqui, a gente paga seis reais por mês, se precisá da ambulância qualqué hora do dia ô da noite, mais antes era difícil, se ocê num tivesse dinheiro pra pagá um carro pra te levá morria aí. Médico bão num para aqui, acho que num tem. Meu irmão mesmo foi pra campos belo, teve que pagá 40 reais, tava sintino uma dô. Pagá a consulta.

Sempre eu vô no médico, assim exame de câncer de mama eu faço em casa. Tem que cuida, ainda mais pra nós que é difícil, tem que previni. O caso da minha mãe mesmo que tava com câncer, se tivesse visto num tava com esse problemão todo. Naquela época num existira isso, ah, eu num vô deixá ninguém vê meu corpo, esse é meu corpo. Ah, mas isso daí acabô, num existe isso mai não. Os médico taí é pra isso, tá ganhano é pra isso. Vai fazê quase na marra, chorano. Aí descobriu que tava com isso. Nunca teve orientação com isso.

Aqui nessa região aqui eu nunca oví fala de uma criança que morreu de fome, assim "hoje eu nunca almocei". Igual a gente vê muito na televisão esses países, na Angola, por exemplo – ele com a Xuxa, o Didi – um tanto de criança morrendo de fome. Eu já vi também, em Brasília, aquele tanto de mindigo catano na lichera, pra cumê. Eu fico morreno de dô. Tem gente que chega um ôtro na casa dele pedino comida e eis num dá, né?? Aqui, nós aqui é o contrário. Uma pessoa que a gente nunca viu na vida chega pedino comida, uma cumida, nós num vai dá? Pelo meno o que a gente tem a gente oferece. Ôtra parte que eu fico com dó assim desses mindigo, fica dibaxo da ponte... assim nas rua pra lá, no tempo de frio, quando dá fazêndo frio. Eu num gosto nem de vê.

Chegando as coisas da cidade...

Seu Patrício, do povoado Ema⁷⁸

Lá no Vão de Almas tá do mesmo jeito, lá lá que era pió. Ó, gente lá naquele tempo via o avião passá, teve um baruião uma veiz lá. Teve um avião que baixô lá a primera vez, a muié correu, rodô assim que ó, pra todo mundo na capoeira. Todo mundo assim... carro? Eu conheci carro passa aqui, uma veis duas por semana e tinha a balsa lá lá no Paranã. Hoje já tem estrada por lá de Carvalcante pra lá pro Vão de Alma, já tem estrada por ôtro saí, canoa de motô. Já tá começano já a tê uma luiz aí, né?. De um tempo pra cá, mas naquele tempo era dêxado. Porque naquele tempo num tempo. Ih, o pessoal daqui mora é aqui é, tá tudo morreno aqui. Nasceu aqui, criô aqui, morre é aqui. Alguns que sai pra fora, vai ganhá um dinherinho, torna a voltá pra vim. Desde que eu tô na vida, sessenta e pôcos anos... vejo falá dos escravo, mas num conheço não.

⁷⁸ Entrevista realizada em fevereiro de 2005.

Fui lá na cidade, moiei, tomei chuva. Tô gripãno de novo. Ieu tem hora que eu vô falá procê, essa história de que vacina na gripe dá é mais gripe. Vô tomá mai não.

O Sal buscava longe...

Dermetino dos Santos, Povoado do Vão de Almas⁷⁹

Saía pelo Paranã, caía no Tocantins até sair lá cidade de Belém. Ih, mas demorava... saia no dia primero de maio e só voltava no primero de maio do ôtro ano. Lembro que era uma choradêra na ida e ôtra na volta. De tristeza e na volta de alegria. Tinha que i devagá. Quem ia correno na frente, voltava a pé. O animal não güenta. Tem que ir no ritmo no animal, pra chegar bem e descansado.

Algumas viagens em busca do Sal

Seu Antonio dos Santos dos Anjos e Seu Augusto Pereira das Virgens, do povoado do Vão de Almas⁸⁰

Antônio: – Dêxa eu conta proceis uma história: eu tenho 55 anos, eu saía do Vão de Alma mais meu pai pra comprá sal im Arraia. Essa cidade aqui movimentô foi agora. Cresceu ligero.

Augusto: – Cresceu ligero.

– Eu cunheci aqui só uma casinha ali ó, aquele posto que tá ali, num tinha não. A prefeitura bem ali, ali que eu apiava cavalo. Ai nós ia, nós gastava oito dia pra ir em Arraia comprá sal. O sal de pedra. Nós gastava pra modo de ir lá.

– Agora hoje já acabô, agora ocê compra o sal aqui.

– Meu pai também saía pra Formosa pra compra o sal. Pois é, meu pai saía do Vão de Alma pra comprá o sal em Formosa. Era um mês praí e ôtro pra voltá. Num i xistia istrada não. .

– Quando nós nasceu aí saiu da lombeza, todas as coisa deis era fácil, tá entendeno? Roça eis plantava com muitas coisa, fruta, pra turma cumê, os fio num saia robano casa de ninguém, negócio de fica atentano casa de ninguém. Meu pai mêmo, graças a Deus, fui bem criado, meu pai tinha gado, criava raposa, galinha, tudo ele criava. Aí, todo mundo, os fio educado. Se eu tava aqui e ocê tava aí, chegava ocês pra cunversá cum meu pai, só assim do véio passá assim, nós saía. Num ficava junto não, divisa com ninguém não. Aí agora é só minino chegano, é assim. Tudo tinha

Festas e folias

O povo calunga aprendeu a adotar maneiras próprias para demonstrar a sua religiosidade. A principal delas são as festas populares, que têm um papel social na comunidade. Pelo fato de ser dividida em fazendas sem um meio de transporte que possa ligá-los, são nestas festas que parentes distantes se reencontram, crianças são batizadas, namoros viram casamento oficial, lideranças locais encontram com representantes políticos e ouvem as

⁷⁹ Entrevista realizada em fevereiro de 2005.

⁸⁰ Entrevista realizada em outubro de 2005.

reivindicações. Enfim, é quando eles percebem que fazem parte de um todo, *de um povo que tem uma história, uma identidade*⁸¹. *Eu venho todo ano, já moro em Goiânia desde menina, mas acho que tem que vim sim. É na Festa da Nossa Senhora da Abadia que relembro que sô calunga de verdade. Nao quéo perder isso não*, afirma a calunga Irene dos Santos, que foi estudar fora quando tinha 8 anos.

As festas e os cantos são importantes heranças trazidas pelos primeiros moradores da comunidade Calunga. Como eles vieram de vários lugares e chegaram ali em momentos diversos, algumas festas também são típicas de cada lugar. A grande festa do Vão de Almas é o Império de Nossa Senhora da Abadia, e acontece em agosto. No Vão do Moleque, se comemora a Senhora do Livramento, em setembro. No mês de outubro é a vez da Senhora do Rosário, festejada no Tinguizal. No entanto, outras, como as folias, acontecem em praticamente todos os povoados.

*Celebrava-se no Natal e na festa dos Reis Magos o nascimento de Jesus Cristo. E celebra-se com pano roxo de luto nas igrejas, na Semana Santa, a sua morte pela redenção dos nossos pecados. Celebravam-se em maio e junho as grandes festas do Divino Espírito Santo e, no mês de agosto, a subida de Nossa Senhora aos céus, na Assunção. Celebravam-se São Benedito e Nossa Senhora do Rosário nas irmandades negras. E celebravam-se os santos mártires e muitos outros: São Sebastião cravado nas flechas, Santo Antonio de Lisboa que ajuda a achar o que foi perdido ou São Gonçalo do Amarante, que dançava a noite inteira com os ladrões e prostitutas para impedir que eles fosse cair em tradição. Tudo era motivo para celebração e festa, mesmo os escravos, apesar dos maus tratos que sofriam no trabalho cotidiano, tinham lugar garantido. Por isso as festas sempre tiveram essa intenção de incluir todo mundo, criando um sentimento de que as pessoas pertenciam de fato a uma comunidade*⁸²

A sussa

A dança da sussa é tradicional na comunidade Calunga. Segundo os mais velhos, é de origem africana e imprescindível nas festas religiosas. Eles formam um círculo com alguns tambores (previamente aquecidos no sol) e pandeiros. Enquanto os homens tocam, as mulheres dançam com suas saias rodadas e

⁸¹ MOURA. *Uma história do povo Kalunga*, p. 26.

⁸² MOURA. *Uma história do povo Kalunga*, p. 52.

coloridas. A música é composta por duas fases: na primeira é cantada em ritmo mais lento sem o toque do tambor. Na segunda, o ritmo é acelerado e acompanhado de batuques, gritos e cantorias – aprendidas oralmente ao longo do tempo. É nesse momento que as mulheres entram para dançar. Algumas mulheres são consideradas “especialistas em sussa”. É o caso de Dona Maria, do Ribeirão. Ela montou um grupo de mulheres dançadeiras de sussa, que fazem passos acrobáticos com garrafas de cachaça na cabeça.

Para Zumthor, por meio da voz há a expansão do corpo. *A voz não se esgota naquilo que ela transmite; e a oralidade põe em funcionamento tudo que em nós se destina ao outro, mesmo o gesto mudo. Aqui é todo corpo que, através da voz, se desloca, se movimenta, dança.*⁸³

No giro da Folia dos Reis Magos, sempre que alguém dá esmola e pede uma sussa, a festa ganha animação. Na Folia de 2006, podemos presenciar duas sussa animadas, que começa com bons tragos de cachaça para *limpá a garganta*, como explicou Seu José Pereira das Virgens. Seguem duas cantigas de sussa ditadas por Dona Lió:

Me ajudá meu companhero...

*Me ajudá meu companhero
Que eu também te ajudáei
Eu ando pelo meio da rua
Procurano um amô que eu tenho
Mas eu ando, meu companhero
Pelo meio da rua
Procurano um amô que eu tenho
Olê olê olê olá olá olê
[neste momento começam os tambores]
Me dá o laço
Me dá o laço
Me dá o laço qué pra pegá
Me dá o laço*

Samba da saudade

*Fazê um samba pra matá minha saudade
Rapaziada, família de gente boa
Vamos dançar todos*

⁸³ ZUMTHOR. *Escritura e nomadismo*, p. 95.

E a família da patroa

A Saia

*Levanta a saia muié
Num deixa a saia rastá
A saia custo dinheiro
Dinheiro custo ganha
Isto é bom isto é bom
Vamo ao mundo girá
Vamo vê a nossa sorte
Que Deus tem pra dá*

A canção “A Saia” é a mais cantada entre as sussas. Sempre que alguém pede pra mostrar como é, eles pegam a caixa e começam a cantarolar *levanta a saia muié*. A canção é um trecho revisitado do lundu “Isto é Bom” – hoje considerado de domínio popular. Segundo o escritor e pesquisador José Ramos Tinhorão, a música foi publicada – pela primeira vez – em 1797, no folheto *Almocreves de Petes*, em Portugal.

Diálogo sobre a sussa

Augusto e Antônio, Vão de Almas

Augusto: – *Ele é bom pra batê. Com a sussa, com cantiga, com tudo, com pandero.*

Antônio: – *Nóis aprendeu, nóis era minino. Nóis aprendeu na Romaria de Nossa Senhora da Abadia. Ocê conhece a Romaria de Nossa Senhora da Abadia, não?*

– *O maior prazer deis era isso aí ó, aí passava ôtro dia fazia uma sussa boa, agora não, já tá esqueceno. Mas antes não, mas toda vez na porta da igreja tinha uma sussana, num tinha, cumpadi? O povo dança a vontade... e a minha aligria, mas o povo dançava.*

– *mais tá voltano de novo, viu, cumpadi?*

– *tá voltano por isso. Porque nóis precisa pegá isso, esses calunga de nóis precisa reforçá porque o que ele era. Num é o que ele num era. O que ele era!*

– *E não esquecê daquela tradição antiga. Aquela tradição que nóis tinha, nóis tem que continuar ela. Continúa ela ôtra veis pruque sinão nossos fio mais novo num entende nada. Num entende nada e num aprende nada. É isso, num entende nada. E nóis precisa disso, precisa. Precisa harmonia. Que é pra mode nóis mostrá pra eis que quando Deus mandá levá nóis, eis sabê cumé que era que nóis achô e vamo dexá. E quando pessoá de fora vié, que venha sabeno como que é o ritmo de nóis, no nosso lugá – aonde nóis nasceu, aonde criou. O jeito que nóis é criado e de que jeito nóis toca a nossa vida.*

– *Esses de agora...*

– *Pois é, mas os véio...*

– *Mais eu tô falano dos novo, pra eis vê a tradição de nóis, a criação nossa. Eis vai vê como é que é, porque nóis num vai voltá não.*

– *Nóis parô um tempo, num parô?*

– *Parô.*

– *Mais esse negócio que falo que nóis era calunguero nóis vai continuar cumo que era.*

– *É, cumo que era.*

- Num vamo pará não, vamo botá pra frente.
 - E a folia que nós andava tamém, folião. Isso aí tamém isqueceu, num qué mais não.

- Tem uma festa lá lá junto da Isté lá.

- Se ocê vê a gente batê os pandeio, tem uma reza lá mei dia. E tem uma folia, que vai arremata agora dia 20. Na casa do Rumão.

[...]

- A terra que era nossa que nós mora, ali, ali, o festejo ali era duma muié com nome de Serva, que era curadeira e os índio era aí dessa lagoa, morava aí dentro. Aí, a Serva foi e pediu os índio pra dexá pra eis, pra ir criá o povo, aí o índio foi e deu pra ela a terra ali e de forma que a terra ali deu ela o festejo é de Nossa Senhora das Neve. É de Nossa Senhora das Neve. Ali o festejo é de todo mundo que chega ali. Nossa Senhora da Badia, a senhora pode sê do fim do mundo a senhora mora, onde que a senhora mora, mais se a senhora chegô na romaria, é da senhora. A senhora tem libedade de chegá a hora que ficá a onde que a senhora qué.

- Se a senhora quisé manda fazê um barraquinho pra senhora pra todo ano a senhora í, num tem ninguém que fala nada. A senhora limpa os pé dela tamém.

- É, num é meu, num é da senhora, é da Nossa Senhora das Neve. É da Santa.

- É uma santa. Padroeira do lugá. Os de antigamente já dexô essa santa na igreja e nós adora ela e ela adora, ajudá nós. Nossa Senhora da Abadia é padroera dos Calunga.

- Nossa Senhora das Neve e Nossa Senhora da Abadia.

- Isso, elas duas. E mais as ôtras imagem.

- E antigamente, minha senhora, num tinha império lá nessa romaria de agora. Nós festejava, mais num tinha imagem – só o louvo. Aí um sagento, de Campos Belo, foi muitas veiz e num tinha imagem. Aí ele cunsegiu arrumá uma imagem da Nossa Senhora da Abadia pra pô lá. No tempo que esse sagento de Ca[o]mpos Belo levô essa imagem foi que começô esse império.

- Foi!

- E veio muita gente. Gente de loonge!!

- O home chamava Raimundo

- Chamava Antonio Sagento!

- Antônio Sagento. Foi até o rapaiz que foi buscá.

- A imagem de Nossa Senhora da Abadia, que levô lá, uma iluminária bunita. E de lá pra cá, o Império nunca parô e tá siguino todo tempo. Lá na Romaria do Vão de Alma tem um império e uma image de Nossa Senhora da Aparecida e outra image do Divino. Tem dois império numa romaria só. Dois de agosto e ôtro dizessei, aí se cair dia 14 num domingo é Império do Divino é domingo. E aí se caí dia dezesseis é dia dizessei. Só que a festa é do dia catoze pro dia quinze. De agosto. Num tem menos num tem mais.

- O que manda pro dia lá é a contagem do mês, mais que a festa é nesse dia é. Se a senhora fala assim: "não, num vô na festa porque caí no dia doze", se fô, a senhora perde porque é catorze ô quinze. Né?, amigão?

- É.

- Folia de Cipó, girá no barraco todo, é. Folia de Cipó. Sai de dia. Folia dos arrumero.

- A Folia do Cipó? É praque prá girá os barraco que é dentro da sipuá, né?? Sabe como que é que os povo roda, mas a Folia do Cipó...

- Xo, xo eu explica pra ela! A Folia do Cipó funciona assim: só lá na capela tem de cem barraco, tem mais de cem. Essa folia tem que tem que cantá nos barraco de dia, em todo que é barraco. E situa pra pudê emarratá, mais a gente num sabe que hora, remata até doze hora da noite.

- Não, se num dé pra cantá nas barraca tudo, deixa pra ôtro dia.

- É, mais tem que cantá pros arrumero.

- É pidino ismola! É... pidino esmola, mais é pro santo.

- É, pro santo, pra igreja.

- Pra igreja! É, agora dá pro santo, leva bota pra igreja, pra arrumá a igreja.

- Se a senhora tivé lá assim, se a senhora tivé arranjada num lugarzinho, eis canta pra senhora e se a senhora achá bunito, a senhora manda gritá uma curralêra, se a senhora achá bunito, agora dá um litro de pinga que o povo bebe e aí que o pau quebra.

- É, aí que o pau quebra!

- Tem a hora da reza, tem o mastro pra alevantá. Alevantô o mastro e agora tem ôtra canturia.
- É, outra canturia.
- Vai tocano numa viola e tocano uma caxa pra tudo quanto é barraco. Alvorada.
- Isso, alvorada.
- Noite intêra!!!
- Ali fala o nome da sinhora mais do seu marido e ocês dá um litro de pinga pra eis tomá e todo mundo vai fazendo fichinha ali e vai saino. E aí a sinhora: "Oh, turma boa aqui do Vão de Alma"
- Eis canta é só Lovado. Se a sinhora tivé marido ele lóva a sinhora, se a sinhora num tivé, ele lóva do mêmo jeito. Do mêmo jeito, ninguém iscói ninguém não. Se tivé marido lóva os dois.
- O dono da casa, escuta essa narração: "Se ocê num tivé muié dá pinga pra nós, pro sinhô fulião" Tem duas muié? "Dono da casa, ocê é animado - dá pinga pra nós e deixa ocê conservado" Pois é, essa é boa, não é?

Cantos de Folia de Reis

Os cantos de Folia de Reis foram repassados oralmente. É a palavra-canto.

Os cantos de Folia de Reis inauguram o ano novo calunga, trazendo esperança de chuva e fartura o ano todo. Os três primeiros cantos da folia foram ditados por Ilma Bezerra e quarto por Antônio Pereira, em janeiro de 2006.

É chegado o mês de janeiro...

É chegado o mês de janeiro
 É chegado o dia seis.
 É chegado, é chegado, é chegado o dia seis
 É chegado, é chegado, é chegado o dia seis
 Lá da banda do Oriente
 São chegados os três reis
 São chegados os três reis
 São chegados os três reis
 São chegados, são chegados, são chegados
 São chegados, são chegados, são chegados
 Os três reis
 Os três reis
 Acordai quem está dormindo
 Neste sono tão profundo
 Neste sono, neste sono, neste sono tão profundo
 Neste sono, neste sono, neste sono tão profundo
 Venha ver o Deus - Menino
 Redentor de todo o mundo
 Redentor, redentor, redentor de todo o mundo

É chegado o mês de janeiro...

É chegado o mês de janeiro
 É chegado o dia seis.
 É chegado, é chegado, é chegado o dia seis
 É chegado, é chegado, é chegado o dia seis
 Lá da banda do Oriente
 São chegados os três reis
 São chegados os três reis
 São chegados os três reis
 São chegados, são chegados, são chegados

*São chegados, são chegados, são chegados
 Os três reis
 Os três reis
 Esta casa está bem feita
 O telhado é de vidro
 Acordai quem está dormindo
 Neste sono tão profundo
 Neste sono, neste sono, neste sono tão profundo
 Neste sono, neste sono, neste sono tão profundo
 Venha ver o Deus – Menino
 Redentor de todo o mundo
 Redentor, redentor, redentor de todo o mundo*

Porta aberta e luz acesa...

*Porta aberta e luz acesa
 Recebei com alegria
 E seja hoje visitado
 Do nosso Pai que nos cria
 Do nosso Pai que nos cria
 Que hoje vem lhe visitá
 Também vem pedir esmola
 A quem for servido dá
 E quando dé a sua esmola
 Dela não faça lembrança
 E achará seu nome escrito
 Lá na bela aventura
 Chegança dos Santos Reis
 O Santos Reis chegô,
 Chegô na porta e parô
 E foi dizendo boa noite,
 Boa noite, moradô.
 Santos Reis chegô dizem:
 Do principio do terrero
 A sua casa vim benzenu
 Pra intrá esse sinhô
 Pra intrá com Jesus Cristo
 Cheio de graça e amô
 E que essa casinha tão bem feita
 Foi feita por muitos anjos
 Pra livrar da tentação
 E que a casinha tão bem feita
 Aprumadinha no lugar
 Muitos anos viva nela
 Quem dentro dela estiver
 Marido, mulher e filho
 Jesus veio abençoar*

Canto de folia

*[...] baixa a rama que eu quéo panhá limão
 Zezão meu amigo estô aqui
 E eu vim falá uma verdade
 Eu vim falá do nosso trato
 Que ocê num tava lembrado
 [...] me convidô desde o ano passado
 E nós deu a garantia
 e já fiquemo combinado
 E agora temos que comparecê
 Pra num fica desacreditado
 É que nós aqui nesse sertão
 nós é discipluo de amizade
 Só canta o que vem da biblia sagrada*

*Eu vô eu vô amanhã eu vô segui viagem
 Zezão meu amigo eu tô aqui
 E eu vim falá uma verdade
 Eu vim falá do nosso trato
 Que ocê num tava lembrado
 [...] me convidô desde o ano passado
 Aí nós deu a garantia
 e já fiquemo combinado
 E agora temos que comparecê
 Pra num fica desacreditado
 É que nós aqui nesse sertão
 nós é discipluo de amizade
 Só canta o que vem da bíblia sagrada
 Nós vamo girá com essa fulia
 É pro bem da humanidade
 E tirano uma boa esmola
 Deixano tudo abençoado
 Que a turma do São Domingo
 Que são uma turma animada
 E nós não somo campeão
 E somo quente na parada
 Somo batizado na Igreja de São João
 E em cima desse chão
 Nós num temo medo de nada.*

Uma das orações da Folia de Reis foi ditada por Dona Lió:

*Meu Senhor, bom Jesus da Lapa
 Dono do meu coração
 Vós me livra do inferno
 Me dê uma boa salvação*

Sabedoria dos antigos

Sem “conhecimento das letras”, Dona Lió sabe como ninguém contar as histórias antigas, cantar versos das folias, impor ditados populares ou reconhecer para que serve cada planta do quintal.

A tarde já está caindo quando ela coloca um embornal à tiracolo, pega o seu facão e segue caminho pelo cerrado. É dia de colher algumas raízes do mato que servirão como remédio para dor de barriga, febre, gripe, cólica, picada de cobra e por aí vai. Em uma rápida caminhada, ela encontra mais de 15 tipos de plantas.

Aprendi com a minha mãe que aprendeu com a minha avó. Antigamente não tinha esse tanto de doença que tem hoje não. E eu que não abro mão dos remédio do mato para ficá enchendo a barriga com esses negócios de farmácia. Pra que? Eu nem sei quem que fez. Uso é isso daqui ó, o mentrasto para dor de barriga, o grapiá para a gripe, rabo de galo para hemorragia

Como o povo Calunga sempre conviveu com o cerrado, aprendeu a conhecer essas raízes e assim, a utilizar a natureza como aliada para sua sobrevivência. O Seu Dermetrino, de Vão de Almas, tem 75 anos e garante nunca ter ido ao médico,

Sempre uso remédio do mato e também é difícil de eu adoecer, graças a Deus. Todo dia de manhã eu tomo uma mistura com raiz de jalapa e nada de ruim me pega. Olha aí esses meninos de hoje, tudo cheio de gripe, não pode pegar uma friagem. Antigamente a gente morria era de velhice, e não dessas coisas ruins

diz ele, que até hoje se vira com o que aprendeu com os antepassados, como, por exemplo, a lasca de chifre torrada e moída para curar dor de estômago. *Se cheirar este pó, se alivia dor de cabeça*, completa ele, que acredita que as doenças de hoje chegaram junto do pessoal da cidade.

Alguns remédios indicados pela Dona Lió

Raiz de lacraia: dor de barriga

Grapia: gripe

Orelha de jegue: febre – tem que dar banho na criança

Tiricera: para cortar febre

Rabo de galo: incômodo, dor, hemorragia

Negramina: cólica

Sambaíba: picada de cobra (é só ralar o tronco, tirar o caldo e juntar com raiz de cauã)

Pra tudo: como o próprio nome diz, serve para tudo mesmo

Zarabatana: para picada de cobra *zarabatana para acabar com olhos parados sem pentana*

Alecrim: nervos

Raiz de perdiz: para tudo, qualquer enfermidade

Roseira de espinho: cólicas menstruais.

Lobim: intestino

Pau terra: estômago

Calunga: lombrigueiro

Bananeira: tem resina que é bom para dor de dente e as folhas são boas para os rins e também para dor de barriga

Pacari: a espuma da folha faz fechar as feridas

Folha de Imburana: dor de garganta, resfriado

Benzeção

Na cultura oral do Calunga, quem trata dos doentes é o rezador, o benzedeiro. São diversos elementos para as típicas benzeções: chá de raízes, folhas, flores, cascas, sementes; tomam cachaça com raízes, banho com plantas medicinais, fricção com cachaça, inalação da fumaça de certa resina sobre brasa contra dor de cabeça, colocam folha de fumo na barriga contra a dor e esquentam uma metade de laranja-da-terra na chapa do fogão para colocar na caxumba. Algumas moléstias são curadas na Sexta-feira da Paixão. Alguns só benzem antes do nascer do sol. Existe também o banho de cheiro.

Ôve aí a oração pro quebranto: "Nossa Senhora do Destino, o sino num toca, a criança num chora, o galo num canta. Quebra assim esse quebranto." Pronto, viu, como que é?

Benção dos barqueiros, antes de sair na canoa

*Rio abaxo, rio acima, numa canoa furada
Arriscano a vida pruma coisinha de nada
Tô home quando imbarca deve rezá uma veiz
Quando vai casá treis*

A tradição das parteiras

No Calunga, as mulheres têm o filho na própria casa, acompanhadas de cuidado e zelo pelas chamadas "parteiras tradicionais". As mulheres são iniciadas no ofício pelas parteiras mais velhas, que passam seus conhecimentos a filhas,

sobrinhas e netas. Irene dos Santos teve o primeiro filho nas mãos de Dona Mariana. A partir daí, virou sua ajudante e já realizou 30 partos. Dona Mariana, que já “pegou” 98 filhos, diz que o trabalho é feito com a ajuda de uma erva chamada mentraz: parte da planta serve para banhar a barriga da grávida e outra parte a parturiente bebe na forma de chá. *É só sigurá, puxá e pronto: mais um minino pra gente cuidá.*

Dona Eva dos Santos, do Vão de Almas, chamada de madrinha e mãezinha, explica o que aprendeu com a mãe – que aprendeu a avó pega de cachorro: *pra cortá o umbigo podemos usá lasca de bambu. É só tirá a casca com uma faca quente no fogo e cortá a parte de dentro. O cordão do umbiguim é amarrado com fio de algodão.*

Casos de Partêra

Marilene dos Santos

Eu já fiz, fiz curso das partêra. Sô partêra.

Eu peguei só quatro. Eu só chego, pego com Nossa Senhora do Parto.

Eu via as ôtra na hora que ia pegá um minino, com Dona Eva aí. Eu ficava de cima, né?? E ela – toda vida essa muié gosta de mim – essa Dona Eva. Toda vida, de toda vida ela tem o maior carinho comigo. E toda vez que ela ia pegá um minino numa casa que eu tava, ela ia e me chamava.

O primero minino que eu vi muié ganhano foi dessa Juana aí. E nesse tempo, eu moça ainda. Eu moça, e ela teve uma minina. Que essa minina dela já é casada. A minina dela, de tão piquininha, só se ocê visse o tamaninho da minina quando ela ganho – as parteira nenhuma quis cortá o umbigo da minina. “– E num vô cortá o umbigo dessa minina, que se cortá o umbigo dessa minina, essa minina num escapa.” Eu falei: “-- me dá esse trem aí que eu vô cortá. Marra aí que eu vô corta!” E tiá – a gilete. Cortei, me dá o gai que eu vô queimá. Peguei o gaio, queimei. Aí, hoje, eu sô até madrinha da minina aí. Hoje tá muierão aí, com dois fio. Muierão de dois fio.

Tinha uns catorze anos, eu.

Calunga é gente de valô.

Tem gente que diz assim: “Ah, o Calunga”. Na cidade mesmo, quando vê a gente passano... fala Ah lá os calungueiro, Oh os caminhão dos calungueiro. Bem assim que fala!

Muitas veiz eis achá que a gente num tem valor. Nós num tem valor é aqui dentro, mais pra fora daqui nós tem muito valor. Nois tem muito valor demais. Eis pide as coisa falano que é pro calunga e calunga num arranja nada.

Mas isso aí porque eis ainda tá pensano em nós aqui muito besta. Mas é que eis tão achano que nós num achá assim, quando tá indo uma pessoa assim, nós quéê mandá fazê uma reclamação pro governo, dependeno nós num achá? Num achá porque a gente num qué, mais deixa juntá uma turma aqui pra fazê uma reunião e mandá pro governo pra vê, num é?

Oração das parteiras

Nossa Senhora do Parto, me dá uma força, uma coragem e ajudá essa muié fazê o parto ligero.

Nossa Senhora do Parto. Nossa Senhora do Livramento. Livra esse minino de tudo que é mal e me dá corage pro parto ligero.

Discurso de cunho social

Sobre o Calunga e o Açude

Florisbela, Serra do Cipó⁸⁴

- Lá no Cipó, quando acabô a escravidão, aí daí, tipo, alguns foram embora pra muito longe que ninguém nunca mais viu (veio pro Calunga...) e aí ficô uma mulhé que também era parente nossa, mamãe conta, ela ficô um filho no braço - amamentano. Daí ficô uma semana assim sem tê nada pra comê, aí ela voltô lá na fazênda do Cipó pedi um pôco de comida, o pessoal escurraçô ela de lá, sabe. Bateram nela, mandô ela embora. Aí ela andô tipo uns seiscentos metro e não agüentô, morreu e ela deitô amamentano o nené?m. Morreu. Quando eles encontraram, o nené?m tava amamentano sangue, porque ela num tinha nada. Aí eles pegaram ele, criaram ele - que por sinal é meu parente - sumiram com ele. E lá Cipó Velho, hoje, quando ce chega pra conversá, eles distorcem toda história, dizem que os negro nunca foram mal tratados, que eles recebiam eles como se fosse da família. Sabe, que dormiam dentro de casa, num dormiam na senzala. Num adianta eles falarem isso. Igual um dia que cheguei lá e a Dona Antonia veio falar comigo... ah, essa minha parente que era minha bisavó, ela tinha uma daquelas sedes da fazênda era dela e ela foi expulsa de lá depois que ela teve esse envolvimento com esse bisavô meu assim. Aí daí, a Dona Antonia, um dia eu estive lá - tava eu e uns amigos meus - ela virô e falô "Ah, porque aqui, sua família num foi judiada não. Nós somos família." Aí, eu falei, é, Dona Antonia, agora que a senhora reconhece isso, porque a senhra não tem que fugir da história do seu bisavô ô do seu pai, assim. E ninguém melhor do que a gente, sabemos que foi maltratado sim, a gente sente. Igual o Pretão falô comigo ontem: "Eu tô te falano isso porque eu sei que ocê sente a mesma coisa que eu.", sabe, e a gente sente. Não adianta ocê falar "não naquela fazênda ali os escravos sentava na mesa pra comê, tomá café da manhã" A gente tem que mostrar pro povo que tamo vivo mesmo. Porque vem lá o ôtro e manipula a gente, faz a gente ser escravizado de novo, de ôtra forma. entendeu? De uma forma que ocê não tá levano chicotada de verdade, mas ocê leva muita chicotada de moral.

O Calunga de antes e o de hoje

Deuselina, do povoado Engenho II⁸⁵

O que eu vejo hoje na comunidade do Calunga é completamente diferente do que era antes, há uns vinte e pôcos anos, né?? Porque hoje as pessoas vêem o calunga com ôtros olhos, já interessam em fazê alguma coisa, só que eu acho que o interesse num era como era antes. Já com a grilagem dos fazêndeiros, né?? Os calunga já saíram já civilizaram com ôtras pessoas diferentes aí influênciano né?? Então mudo muito o Calunga. Pro um lado bom e pro ôtro péssimo né?? Porque tá indo muita coisa pra dentro das comunidade e não é bom pros calungas. Acabano com a cultura deles, né?? Eles vão esquecendo, vendo ôtras coisa que não é de valor pra eles e acaba aprendendo, fazêndo, achano que é o bom e tá sirvindo de ruim pra comunidade e pros próprios, né?? Da comunidade. Então eu acho que eu tô vendo assim que nuns sentido

⁸⁴ Outubro de 2006, no Vão do Moleque.

⁸⁵ Entrevista realizada em janeiro de 2006, em Cavalcante-GO.

tá melhorano, mas em ôtros tá piorano. O que eu quéia mesmo no meu modo de pensá, eu quéia mesmo que os governante, que as pessoa que tem fluência com os meio com os quilombos, que tem como ajudá-los, e que fizesse um estudo dentro das comunidades, é, eu num diria assim um treinamento, mas uma organização, sei lá, capacitação, orientação, pra os jovens, os adolescentes, pra que eles valorizassem a cultura, e acreditasse naquilo que é deles, e batalhasse pra conseguir aquilo que é de valor, que as pessoas de fora tão vendo, tão quéendo, né?? Porque calunga hoje tá longe, mas os próprios calunga não vê isso, sabe. Eles qué as coisa de fora, sendo que os que tão lá fora quéem vim pro Calunga. Então, eu quéia assim que eles tivesse consciência do que eles têm de valor, né?? É que pudesse usufruí daquilo, trabaiá em cima daquilo que eles têm, pra desenvolver, sei lá, que saísse mas que voltasse pra sua cultura e ganhá em cima do que eles têm e não deixar os de fora vim e fazêr as coisas pra tirar proveito em cima deles.

Narrativas fantásticas

Artifício pra casá com a princesa⁸⁶

Seu Dermetino dos Santos, povoado do Vão de Almas

Foi falano pro rei que o pai dele tinha ponta de vaca. É ponta de vaca! Uma vez meu pai que contô e eu nunca foi isquici.

Um moço quéia casa, né?? Mas o pai da dona era bravo que só ele.

Tá bem! ocê é rico, né??!?! , perguntô o rei. "É, meu pai tem uma ponta de vaca". Aí ensaio, né?? O casamento com a fia dele.

No dia marcado pra acontecê o casório, o rapaz mandô chamá o pai pra assistí. O pai chegô, naquela tanguinha , né?!? Chegô naquela Tanguinha, e falô "Uai, moço, que esse véio é rico e chegô nessa tanguinha? Tanguinha é calcinha rasgada. E aí, agora, a gente tem é casa. Mas ocê num disse que o seu pai tinha uma ponta de vaca?", "ó aqui, daí meu pai...", "Aí. Não é ponta de vaca?" "É uma ponta de vaca! é ô não é, seu rei?, perguntô o rapaz. "É!", Fechô! É ponta de vaca! É ponta de vaca!! Ponta de vaca!

Tem o Dono da Mata

Dona Antônia, Vão de Almas⁸⁷

Aqui tem o moço que a gente chama de "Dono da Mata". Tem uns que chamam ele de... como é mesmo? Caipora, eu acho. Mas é assim, se fô caçar e encontrá com ele, pode sabê que não volta pra casa. Ele é o amigo dos animal da caça e não deixa homi nenhum chegá perto. Num deixa não. Eu nunca vi, graças a Deus. Nunca vi nenhum desses, mas muita gente já viu. Uns viu uma vez só, ôtras já num tem sorte. Minha muié aí viu.

No Paranã: o nego d'água

Dona Antônia, Vão de Almas⁸⁸

Cresci ovino as história do nego d'água, da mula sem cabeça e do lobisomem. Meu pai que contava e eu vô te contá uma que eu sei bem... na quarta-feira de cinza, num pode saí de casa de meio-dia pra tarde. Num pode não porque o lobisomem vem e te pega. Sabe quem é o lobisomem, né?? O homem que cruzô com a irmã. Eles invadem as casas pra robá fruta, destruí as planta, rôba

⁸⁶ Gravação realizada em janeiro de 2004.

⁸⁷ Gravação realizada em janeiro de 2004.

⁸⁸ Gravação realizada em janeiro de 2004.

gaio, galinha. Eu já vi homi virar lobisomem, bem ali ó, na capela. Deus que me livre!!

Nego d'água

Dona Eva, povoado do Vão de Almas⁸⁹

Quando eu era mais jovem, né?, eu vi o nego d'água. Vi umas três veiz, mas já tá é bom até dimais. Saí correndo todas as vez que ele apareceu. É feio de fazê dó: careca, a cabeça até brilha, tem que vê, bem piqueno, com as mãos igual de pato. Fica na água, se te pega, te leva pro fundo dela e te mata, te afoga. Se ocê quisé vê ele, é só ficá espiano ali no rio durante a noite. Mas eu num vô mais ocê não.

⁸⁹ Gravação realizada em janeiro de 2004.

Voz e memória escondida entre os vãos

Para escrever este trabalho foi preciso parar. Parar para ouvir e escrever. Foi necessário viajar para vãos distantes, passear por outras linguagens, sair de uma rotina para vivenciar outros tempos. O tempo da percepção, de uma memória que vai e vem. Tempos de plantar, outros de colher. Tempo das festas, da escola, do silêncio. Foi preciso silenciar para compreender a poética do povo Calunga. Não há documento escrito que registre o que é certo ou errado. Não existem escolas formais que ensinam os nomes de cada raiz do cerrado, o melhor tempo para semear, as rezas das parteiras, as benzeções contra quebranto, as histórias sobre viagens em busca do sal. O que existe entre eles é a sabedoria da palavra.

São vozes calungas também nômades, que transitam entre os vãos e se reencontram nas festas religiosas, na visita ao parente distante, no tempo-lugar de transição entre o ouvir e o transcrever.

Construção histórica a partir da memória coletiva

Os calungas lembram histórias, estabelecem relações e vivem suas vidas. Nesse espaço de convivência, nos convidam a conhecer as narrativas históricas e sua atuação no presente.

A segunda parte do Capítulo 2 apresenta a história do Calunga a partir de depoimentos orais. Essa construção textual nos leva a refletir sobre a memória e sua relação com a narrativa histórica. A partir dos depoimentos, gravados e transcritos, foi possível conhecer a visão que os moradores da comunidade (os narradores orais) têm de suas vidas e de um passado distante – tanto o vivido quanto o não vivido por eles. Para Le Goff, *a memória contém os elementos básicos para a construção de uma concepção histórica*⁹⁰. Construção feita no

⁹⁰ LE GOFF. *Ensaio de Ego-História*, p. 172.

presente, a partir de experiências do passado, a memória pode ser coletiva ou individual. Para Maurice Halbwachs, a memória, por mais particular que pareça, remete a um grupo. Não podemos refletir sobre a manutenção das tradições orais sem falarmos de memória e naquilo que ela vai registrar a partir de uma seleção. Essa seleção acontece quando a memória recupera fragmentos significativos, que são transformados em tradição. Este é o ato do esquecer para lembrar, ressaltado nos estudos de Paul Zumthor: *Nossas culturas se lembram esquecendo, mantêm-se rejeitando uma parte do que elas acumularam de experiência, no dia-a-dia.*⁹¹ O esquecimento torna-se elemento essencial nesse processo porque permite que elementos da memória coletiva permaneçam como cultura. Recompôr integralmente o passado é impossível, mas é possível recontá-lo a partir de fragmentos de uma interpretação. Os vazios vão se tornando essenciais para a continuidade da história. *Memória e esquecimento são instrumentos conjuntos e indissociáveis de toda ação.*⁹²

Percebemos, ao longo desse trabalho, diversos vazios. Percebemos, também, objetos de memória: o artifício, o cachimbo, a vela de aratim, as bandeiras das festas religiosas, o embornal. O artifício é o isqueiro aprendido com o povo indígena. Quando o Seu Dermetino explica história do objeto e relembra o conto do rei, remete a um passado experimentado a partir das histórias contadas pelo pai. O cachimbo é utilizado pelos mais velhos nos momentos de descanso e na hora de dar conselhos aos mais novos. A vela de aratim é o recurso utilizado para *alumiar* na ausência da energia elétrica. Seu uso remete aos primeiros contatos com a natureza e aprendizado de retirar dela o que é essencial para o cotidiano da vida humana. As bandeiras das festas religiosas vêm das folias, que chegaram ao Brasil com os portugueses e remetem

⁹¹ ZUMTHOR. *Tradição e esquecimento*, p. 15.

⁹² ZUMTHOR. *Tradição e esquecimento*, p. 20.

ao catolicismo O embornal é a bolsa a tiracolo usada por todos os calungas adultos. Usam quando vão para o rio, para a roça ou para a cidade. Costume transmitido de geração para geração, assim como o lenço colorido na cabeça, a saia rodada, o pote de água na cabeça e a criança a tiracolo – heranças africanas no sertão brasileiro.

*O tempo histórico não é o tempo vivido. [...] Fotografar, registrar alguns ângulos das diversas dimensões do real é uma forma de estabelecer, associar acontecimentos e fatos.*⁹³

Assim, a reconstituição, utilizando seus próprios sujeitos é essencial porque evoca a memória e vai além do recordar. A partir da lembrança dessas histórias, o passado e o cotidiano ganham significados, evitando que se percam raízes, lastros e identidades.

As vozes e o tempo não são únicos: entrecruzam-se passado, presente e futuro, a lembrança e o esquecimento, o individual e o coletivo.

Poesia Oral

A análise da voz poética calunga surge a partir da reconstituição da fala e da performance pela ligação de rastros encontrados durante a pesquisa de campo. Encontramos, nos relatos do capítulo 3, traços característicos de uma poesia oral. Uma poesia que é transitória, nômade.

Para começar a discorrer sobre o tema “poesia oral” é interessante pensar na sua constituição enquanto conceito e objeto de estudo. A princípio, o termo utilizado era *literatura oral*. Ele foi usado pela primeira vez em 1881 por Paul Sebillot, que desvinculava totalmente esse tipo de literatura da escrita. *Literatura de quem não sabe ler nem escrever*⁹⁴, como a definiu Câmara Cascudo. Literatura oposta à literatura “elitizada” e erudita, uma vez que a escrita era a

⁹³ VEYNE. *Como se escreve a história*, p. 74-75.

⁹⁴ CASCUDO. *Literatura oral no Brasil*, p. 23.

forma privilegiada de se fazer comunicação, deixando as manifestações poéticas orais às margens da literatura “formal”.

Paul Zumthor, estudioso que transita por questões relativas à vocalidade, escrita e memória, redireciona a poesia oral, indo além da “investigação folclórica” para evidenciar seu valor literário. Ele faz suas observações acerca dessa marginalidade:

O “resto”, marginalizado, caía em descrédito: carimbado “popular” em oposição a “erudito”, “letrado”, tirado (fazem-no ainda hoje) de um desses termos compostos que mal dissimulam um julgamento de valor, “infra”, “paraliteratura” ou seus equivalentes em outras línguas. Mesmo em 1960-5, ao menos na França, prejudicava gravemente o prestígio de um texto do (suponhamos) século XII a possibilidade de provar-se que seu modo de existência havia sido principalmente oral. De tal texto admirado, tido por “obra-prima”, um preconceito muito grande impedia a maioria dos leitores eruditos de admitir que tivesse podido não haver nunca sido escrito e, na intenção do autor, não haver sido oferecido somente à leitura.⁹⁵

Zumthor trata de vocalidade, evoca a poesia oral. Uma poesia que assume seu papel de comunicadora a partir de elementos como intérprete/narrador e ouvinte. Uma forma de comunicação que não é contrária à escrita, mas tem suas funções compartilhadas.

Nesse momento, motivada também pelos estudos culturais, a literatura começa a dialogar com outras artes e disciplinas das ciências humanas. Neste trabalho em específico, a poesia calunga “conversa” com a fotografia, a dança, o cinema (na produção do documentário que acompanha a dissertação e tenta preservar ao máximo a performance), a História e a Antropologia. Jonathan Culler afirma que *considerar a literatura como um discurso entre outros parece uma efetiva e recomendável estratégia*⁹⁶ porque alguns textos literários, uma vez vistos como construção histórica, permitem que as várias vozes sejam ouvidas. A análise do texto literário a partir dessa abordagem vai além das discussões teóricas de gênero, cânones e períodos pré-marcados. Quando a literatura

⁹⁵ ZUMTHOR. *A letra e a voz*, p. 08.

⁹⁶ CULLER. Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo. Disponível em: <http://www.rubedo.psc.br/Artlivro/insinver.htm> Acesso em: fev. 2006.

“abraça” outras disciplinas, ela permite a atribuição de novos sentidos ao texto estudado.

Na oralidade, as manifestações poéticas podem ser entendidas dentro de uma historicidade. A identidade, em contínua atualização, continua ligada à memória e conseqüentemente, ao passado.

Os contadores de história retêm na memória fragmentos da experiência vivida, que articulam num discurso poético. Nas narrativas de vida o cotidiano e a própria existência do contador torna-se discurso ficcional. Ou nas palavras de Zumthor: *Todos nós percebemos nossa vida através de uma ficção – e essa ficção é nossa vida*⁹⁷.

Marilene dos Santos, na narrativa “Fugas e sonhos no quilombo Calunga”, vai ao passado e volta para narrar um fragmento de sua história de vida. Ela narra a história enquanto rala a mandioca. Ao seu redor, crianças e jovens estão sentados ouvindo. Diversas vezes ela pára o serviço para “desenhar” com as mãos e com o próprio corpo, fatos da narrativa. Quando diz, por exemplo: *Eu falei pros minino: “Eu vô!” Coloquei tudo na sacolinha, aí eu falei pra eis: Eu vô fugi. Aí, quando foi de madrugada, que o galo cantô, eu alevantei e avisei pra eis: “eu vô imbora.” Eis disse – “Ce vai?” Eu disse – “vô.”* Nesse momento, Marilene coloca parte da farinha ralada no embornal que tem ali perto e levanta-se como se fosse embora realmente. Todos à sua volta estão atentos à contação da história. Mais tarde, alguns recontam para quem não estava ali, a narrativa ouvida, refazendo o mesmo gesto, que faz parte da performance, tantas vezes mencionada por Zumthor.

A performance é a materialização de uma mensagem poética por meio da voz humana e daquilo que a acompanha, o gesto, ou mesmo a totalidade dos movimentos corporais. Hoje, o fato de que muitos artistas performem seus textos nos conduz a uma prática que era comum na Idade Média. [...] Ora, nossa velho corpus poético medieval só tem “forma” nesse sentido, sua forma

⁹⁷ ZUMTHOR. *Escritura e Nomadismo*, p. 49.

é alguma coisa que está se fazendo pela mediação de um corpo humano; esse corpo, através da voz, do gesto, do cenário onde ele se coloca, está em vias de realizar as sugestões contidas no "texto".⁹⁸

Ao longo da sua narrativa, Marilene continua "ilustrando" sua história.

É, se eu escapá, se eu não escapá eu não tô nem aí. E eu casquei o pé. Sartei o rio e vi'mimbora. E casca'qui, casca'culá, vô num batedoro, vô notro. Vô num batedoro, vô notro . Anté eu inxeguei. Anté eu inxeguei a cerca da casa. Aí eu perdi! Eu perdi e saí numa estraada... numa ôtra casa lá prum ôtro rumo... aí falei, num é aqui não. Aí voltei cá pa trais.

Nesse momento, estão todos atentos para saber o fim dessa história. Afinal, Marilene chegou ou não à casa da irmã? Ela faz mais suspense... Quando diz: *E casca'qui, casca'culá, Vô num batedoro, vô notro. Vô num batedoro, vô notro.* E ela sai novamente de onde está e se esconde atrás da coluna de madeira que divide a choupana de palha onde estamos. Na última frase – *Aí voltei cá pa trais* – ela olha para todos para manter o suspense.

A performance do contador, seja ele autor ou não da história, é um dos elementos essenciais para disseminação do texto oral. Ela tem importante participação na reação do ouvinte: seja de alegria, tristeza, convencimento, desprezo. No caso de Marilene, uma pessoa querida na comunidade, há uma aproximação maior com o seu público. Existe, nesse caso, uma completa interação entre intérprete, obra e ouvinte.

Vale refletir sobre os termos texto e obra, assim definidos por Zumthor:

[...] texto é a seqüência lingüística que constitui a mensagem e cujo sentido global (o sabemos) não é redutível à soma dos efeitos de sentido particulares produzidos por seus componentes sucessivos. A obra é aquilo que é poeticamente comunicado, aqui e agora: texto, sonoridades, ritmos, elementos visuais e situacionais: o termo abarca a totalidade dos fatores de performance, fatores que produzem juntos um sentido global, que também não é redutível à adição de sentidos particulares. Neste sentido, a obra é por natureza teatral; o teatro é sua forma acabada, mas toda performance o sustenta de alguma forma.⁹⁹

⁹⁸ ZUMTHOR. *Escritura eomadismo*, p. 55.

⁹⁹ ZUMTHOR. *Escritura e Nomadismo*, p. 142.

Assim, o corpo carrega o discurso em que se apóia a poesia. Outro narrador calunga que podemos citar é Seu Patrício, o “Patição”, que reúne as pessoas da comunidade Ribeirão no terreiro da sua casa. Sempre atencioso, oferece catuaba e biscoito frito de mandioca, assenta-se na porta da casa e deixa espaço livre para que as pessoas se *acheguem*. As histórias vão sendo contadas levemente e assimiladas pelo público presente. *Ó, gente lá naquele tempo via o avião passá, teve um baruião uma veiz lá. Teve um avião que baxô lá a primera vez, a muié correu, rodô assim que ó, pra todo mundo na capoeira.* Esse é um dos ápices da narrativa. Seu Patrício levanta e roda como se estivesse vendo realmente o avião. Primeiro levanta os braços como se ele próprio fosse o avião. Em seguida, começa a rodar e correr sem sair do lugar. O público delira, gargalha e não perde nenhum detalhe da primeira vez que apareceu avião no Calunga. Zumthor fala da importância do público:

O ouvinte faz parte da performance da mesma forma que o autor e as circunstâncias. O ouvinte é “interpelado”, como se diz, ele intervém, ele é um dos componentes fundamentais dessa poesia vocal, componentes sem os quais ela não existiria. Em raros casos, o ouvinte aparentemente faz falta. Mas essa aparência é enganosa. [...] O ouvinte engajado na performance contracena, seja de modo consciente ou não, com o executante ou o intérprete que lhe comunica o texto. Estabelece-se uma reciprocidade de relações entre o intérprete, o texto, o ouvinte, o que provoca, num jogo comum, a interação de cada um desses três elementos com os outros dois. Por isso, quando, na poesia oral, quem a diz ou o cantor emprega o “eu”, a função espetacular da performance confere a esse pronome pessoal uma ambigüidade que o dilui na consciência do ouvinte: “eu” é ele, que canta ou recita, mas sou eu, somos nós; produz-se uma impessoalização da palavra que permite àquele que a escuta captar muito facilmente por conta própria aquilo que o outro canta na primeira pessoa.¹⁰⁰

Nas narrativas do sal, Seu Augusto e Seu Antônio dão suas contribuições pessoais, empregando o “eu” observado por Zumthor. - *Dexa eu contá proceis uma história: eu tenho 55 anos, eu saía do Vão de Alma mais meu pai pra comprá sal im Arraia. Essa cidade aqui movimentô foi agora. Cresceu ligero.*

¹⁰⁰ ZUMTHOR. *Escritura e nomadismo*, p. 92.

Outra observação importante de Zumthor é sobre a relação entre memória e esquecimento. *Culturas só se lembram esquecendo*¹⁰¹. Vejamos a seguinte narração, em forma de diálogo, reproduzida também no capítulo 3, por Seu Augusto e Seu Antônio:

- *Folia de Cipó, gira no barraco todo, é. Folia de Cipó. Sai de dia. Folia dos romero.*
- *A Folia do Cipó? É pruguê prá girá os barraco que é dentro da sipuá, né? Sabe como que é que os povo roda, mas a Folia do Cipó...*
- *Xo, eu explico pra ela! A Folia do Cipó funciona assim: só lá na capela tem de cem barraco, tem mais de cem. Essa folia tem que tem que cantá nos barraco de dia, em todo que é barraco. E situa pra pudê rematá, mais a gente num sabe que hora, remata até doze hora da noite.*
- *Não, se num dé pra cantá nas barraca tudo, deixa pra ôtro dia.*
- *É, mais tem que cantá pros romero.*
- *E pidino ismola! É... pidino esmola, mais é pro santo.*
- *É, pro santo, pra igreja.*
- *Pra igreja! É, agora dá pro santo, leva bota pra igreja, pra arrumá a igreja.*
- *Se a sinhora tivé lá assim, se a sinhora tivé arranjada num lugarzinho, eis canta pra sinhora e se a sinhora achá bunito, a sinhora manda gritá uma curralera, se a sinhora achá bunito, agora dá um litro de pinga que o povo bebe e aí que o pau quebra.*
- *É, aí que o pau quebra!*
- *Tem a hora da reza, tem o mastro pra alevantá. Alevantô o mastro e agora tem ôtra canturia.*
- *É, outra canturia.*
- *Vai tocano numa viola e tocano uma caxa pra tudo quanto é barraco. Alvorada.*
- *Isso, alvorada.*
- *Noite intêra!!!*
- *Ali fala o nome da sinhora mais do seu marido e ocês dá um litro de pinga pra eis tomá e todo mundo vai fazendo fichinha ali e vai saino. E aí a sinhora: "Oh, turma boa aqui do Vão de Alm!a"*
- *Eis canta é só Lovado. Se a sinhora tivé marido ele lova a sinhora, se a sinhora num tivé, ele lova do mêmo jeito. Do mêmo jeito, ninguém iscói ninguém não. Se tivé marido lóva os dois.*
- *O dono da casa, escuta essa narração: "Se ocê num tivé muié dá pinga pra nós, pro sinhô fulião" Tem duas muié? "Dono da casa, ocê é animado - dá pinga pra nós e deixa ocê conservado" Pois é, essa é boa, não é?*

Percebe-se a seleção de lembranças feitas por cada um deles para contar sobre a Folia do Cipó. A memória que é coletiva recuperou e preservou aquilo que foi considerado importante para o momento. Essa é uma permissão dada pela poesia oral: ela sustenta a possibilidade de criação de espaços e tempos diferentes a partir da performance e do público que a presencia. A performance vai sendo aperfeiçoada a partir dessas contações, um movimento que garante a

¹⁰¹ ZUMTHOR. *Introdução à poesia oral*, p. 15.

preservação das tradições orais do Calunga. Os dois contadores afirmam isso quando explanam que:

Augusto: – *Tá voltano por isso. Porque nós precisa pegá isso, esses calunga de nós precisa reforçá porque o que ele era. Num é o que ele num era. O que ele era!*

Antônio: – *E não isquecê daquela tradição antiga. Aquela tradição que nós tinha, nós tem que continuá ela. Continuá ela otra veis pruque sinão nossos fio mais novo num intende nada. Num intende nada e num aprende nada. É isso, num intende nada. E nós precisa disso, precisa. Precisa harmonia. Que é pra mode nós mostrá pra eis que quando Deus mandá levá nós, eis sabê cumé que era que nós achô e vamo dexá. E quando pessoá de fora vié, que venha sabeno como que é o ritmo de nós, no nosso lugá – aonde nós nasceu, aonde criô. O jeito que nós é criado e de que jeito nós toca a nossa vida.*

– *Esses de agora....*

– *Pois é, mas os véio...*

– *Mais eu tô falano dos novo, pra eis vê a tradição de nós, a criação nossa. Eis vai vê como é que é, porque nós num vai voltá não.*

– *Nóis parô um tempo, num parô?*

– *Parô.*

– *Mais esse negócio que falo que nós era calunguero nós vai continuá cumo que era.*

– *É, cumo que era.*

– *Num vamo pará não, vamo botá pra frente.*

A descrição da Folia do Cipó, seguida de comentário, está presente no documentário e no CD áudio que acompanham a dissertação. É possível perceber a importância da voz dos dois calungueiros: o timbre, a altura, o tom. São elementos que fazem parte da performance e que, como estuda Zumthor, compõem um conjunto de valores. Valores que não são comparáveis a nenhum outro, uma vez que fazem parte da formação da cultura e de diferentes formas de arte.

Creio ser razoável dizer que a voz é uma coisa, isto é, que ela possui, além das qualidades simbólicas, que todo mundo reconhece, qualidades materiais não menos significantes, e que se definem em termos de tom, timbre, altura, registro. Isso tanto é verdade que o costume, nas diferentes sociedades, freqüentemente liga um sentido próprio a algumas dessas qualidades. [...] As sociedades humanas, contrariamente (talvez) às sociedades animais, me parecem caracterizadas pelo fato de que identificam, entre todos os ruídos da natureza, sua própria voz e a identificam como um objeto, como alguma coisa que está ali, jogada diante delas, em torno da qual se cristaliza um laço social.... e (na medida em se trata de linguagem) uma poesia¹⁰²

A voz também é estudada a partir dos cantos apresentados. A sussa:

Me ajudá meu companhero

¹⁰²ZUMTHOR. *Escritura e nomadismo*, p. 62.

Que eu também te ajudáei
 Eu ando pelo meio da rua
 Procurando um amô que eu tenho
 Mas eu ando, meu companhero
 Pelo meio da rua
 Procurando um amô que eu tenho
 Olê olê olê olá olá olê
 [neste momento começam os tambores]
 Me dá o laço
 Me dá o laço
 Me dá o laço qué pra pegá
 Me dá o laço

Zumthor¹⁰³ diz que a voz ultrapassa a língua, uma vez que é mais rica, mais completa e coloca-se como presença: [...] *chega-se a certos momentos em que a voz somente modula sons desprovidos de existência lingüística* ¹⁰⁴. Como exemplo, o canto. Observemos no caso dessa sussa: *Olê olê olê olá olá olê. Me dá o laço Me dá o laço qué pra pegá*. O importante para a voz é que a palavra seja enunciada como uma lembrança, algo que traz ou faz certo sentido, mesmo que de forma um pouco confusa e ou inconsciente.

*[...] na hora em que, em performance, o texto (que geralmente, na nossa cultura, é composto por escrito) se transforma em voz, uma mutação global afeta suas capacidades significantes [...]. O tempo que continua a audição e que dura a presença, o gesto e a voz colaboram (necessariamente) com o texto para compor o sentido.*¹⁰⁵

A dança e o toque dos tambores que acompanham o canto nos direciona à noção de espaço, que também precisar ser considerada na performance. Ainda segundo Zumthor, [...] *a voz expande o corpo, deslocando seus limites para muito além da sua epiderme; mas, em contrapartida, o corpo a ancora no real vivido*.

Não somente nos cantos apresentados, mas também nas narrativas de vida, construções históricas a partir da memória coletiva e discursos políticos, temos a voz que é armazenada e transmitida pelo corpo. Transmissão que é, algumas vezes, controlada pelos efeitos que chegam de fora: as canções da Folia

¹⁰³ ZUMTHOR. *Escritura e nomadismo*, p. 63.

¹⁰⁴ ZUMTHOR. *Escritura e nomadismo*, p. 64.

¹⁰⁵ ZUMTHOR. *Escritura e nomadismo*, p. 149.

de Reis, por exemplo, não são cantadas na festa de Nossa Senhora da Abadia. Por sua vez, a sussa é cantada em todas as festas ou momentos de descontração em determinadas casas. Mas isso também não quer dizer que saem para o rio cantando sussa.

*O tempo da poesia oral é, se assim posso dizer, corporalizado. É um tempo vivido no corpo: naquilo que denomino um tempo real. No entanto, outros efeitos temporais, mais externos, são produzidos pelas coações sociais que pesam sobre o exercício da poesia oral: tal performance se dá, de preferência, e talvez obrigatoriamente, no tempo.*¹⁰⁶

Falar da voz nos remete a noções importantes presentes na poesia oral: o tempo, o espaço e novamente a performance. A voz do narrador carrega uma identidade, saberes que se acumularam a partir de experiências passadas. “A performance de uma obra poética encontra assim, a plenitude de seu sentido na relação que a liga àquelas que a precederam e àquelas que a seguirão. Sua potência resulta de fato, em parte, à movência da obra.”¹⁰⁷

A poesia oral presente nas narrações e diálogos da comunidade Calunga é a personificação da memória coletiva. No corpo e na voz dos sujeitos, as marcas do passado são materializadas e atualizadas. A cada história, cada tempo e cada público, o poeta oral recria sua obra, inaugurando o lúdico da transmissão. A poesia oral, dessa forma, é um eterno processo de atualização e recepção, perdendo o sentido de folclórico e tornando-se autônoma. A narrativa oral não se limita ao tempo e espaço da contação da história. Como foi possível observar, o narrador é primeiro ouvinte, preserva a tradição pela memória. A partir da atualização, ele tem funções importantes na sociedade de tradição oral: ele incorpora a voz e memória coletiva da comunidade, troca informações e experiências com outros moradores e ou narradores, dá sentido próprio e atualizado ao que ouviu e transmite performaticamente ao público presente. Ou

¹⁰⁶ ZUMTHOR. *Escritura e nomadismo*, p. 89–90.

¹⁰⁷ ZUMTHOR. *Tradição e esquecimento*, p. 92.

seja, enquanto ouvinte-narrador, ele empresta voz ao texto e o atualiza. Aí está o sentido de coletividade. O contador de histórias calungas, enquanto ouvinte-leitor, pode contar o que ouve, criar imagens, recriar.

Neste trabalho, ouve um encontro de vozes: no primeiro capítulo, a partir da minha experiência como viajante, fui a primeira ouvinte que se tornou narradora. Uma narrativa que, no entanto, é traduzida como registro escrito. Um discurso que foi sendo modificado e lapidado ao longo da pesquisa acadêmica e dos contatos com o povo calunga. Nos demais capítulos: o discurso oral – respeitado e observado a partir de um território onde dialogam as artes, as vozes e as letras.

A narrativa oral calunga segue aberta, sendo criada e atualizada a cada novo encontro.

Gravações e transcrições

Ao longo das viagens feitas à comunidade Calunga, foram utilizados diferentes meios técnicos para registrar a voz e a performance. Gravadores analógico e digital, máquina fotográfica e filmadora. Os registros de áudio permitiram a transformação da linguagem oral em escrita.

Na linguagem escrita, no entanto, certos sentidos se perdem à medida que a voz transforma-se em letra: o ritmo, a entonação, a performance. São esses sentidos que transmitem emoção ao outro: construção de frases inacabadas, marcadas por silêncios. Gestos no lugar de palavras. Onomatopéias. Assim, a transcrição tem como função auxiliar na análise da poesia oral e também registrá-la no tempo e espaço. Os textos orais aqui transcritos são caracterizados pelas pessoas que os narraram, em determinada época e contexto. Enquanto vocalidade, eles serão sempre atualizados porque as pessoas ouvem e recontam. Essa é uma das mágicas da poesia oral.

Como observa Zumthor acerca da vocalidade, seus elementos só produzem sentido juntos, a partir da performance, onde estão presentes o tempo, o lugar, a transmissão, os gestos, a resposta do público. Buscando uma aproximação dessa complexidade, apresentei aqui, além da transcrição para linguagem escrita, complementei a dissertação com um livro de imagens e textos, um cd de áudio e um documentário audiovisual.

Na imagem, sem a presença física, a performance tem suas características modificadas. A principal mudança acontece porque não se tem mais a recepção coletiva, o ouvinte participa com suas próprias fantasias, uma vez que o meio utilizado não possui mais a voz viva, a tatilidade, o peso, volume, olfato, presença do corpo, entre outros elementos.

No entanto, apesar da presença do corpo vivo desaparecer, a imagem permanece – o que leva a uma transformação das performances ou vocalidades. Não se pode mais tocá-lo, mas é possível observar alguns de seus sentimentos, a energia, olhares. De qualquer forma, a presença de um corpo. Elementos vocais, gestualidades, tatilidades continuam presentes, revelando performances rítmicas que se preservam e reverberam nos ouvintes.

A partir de todo um aparato técnico (como gravações e filmagens digitais, música de fundo, inclusão de créditos), o registro tenta “guardar” a complexidade das manifestações da voz encontrada na comunidade Calunga.

Dessa forma, o conjunto deste trabalho (dissertação, livro, cd de áudio e documentário) quis, além de reconhecer a voz calunga como poesia oral, captar e conservar a performance dentro dos limites técnicos e acadêmicos. A intenção foi também produzir um trabalho que fosse fonte histórica e literária, para armazenar a obra, dentro do possível, “tal como foi”. E além disso, produzir um

registro que retorne ao povo. Que saia do Calunga, mas que volte até eles, até suas escolas e casas.

História contada com eles, por eles e para eles.

Referências

Escravidão – Quilombos – África

- ANDRADE, Lúcia. *Os 300 anos de Zumbi e os quilombos contemporâneos*. São Paulo: SNCR/PT, 1994. (Teoria & Debates, 31).
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *Territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil: primeira configuração espacial*. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2000.
- BAIOCCHI, Mari de Nazaré. *Kalunga: povo da terra*. Brasília: Ministério da Justiça/Secretaria dos Direitos Humanos, 1998.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Negros e quilombos em Minas Gerais*. Belo Horizonte: [Imprensa Oficial], 1972.
- BERND, Zilé. *A questão da negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CARNEIRO, Edison. *Antologia do negro brasileiro*. São Paulo: Globo, 1950.
- CARNEIRO, Edison. *Ladinos e crioulos: estudo sobre os negros no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- CHIAVENATO, Julio J. *O Negro no Brasil - da senzala à guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. São Paulo: UNESP, 1998.
- COUCEIRO, Solange Martins. *Bibliografia sobre o negro brasileiro*. São Paulo: Centro de Estudos Africanos/CODAC/USP, 1974.
- DAVIDSON, Basil. *Os africanos: uma introdução à sua história cultural*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- FREITAS, Décio. *Palmares, a guerra dos escravos*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1971.
- GUIMARÃES, Carlos Magno. Mineração, quilombo, Palmares – Minas Gerais no século XVIII. In: REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 139-163.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (coord.) *História Geral da África: I. Metodologia e Pré-História*. São Paulo; Ática; Paris: Unesco, 1982.
- IANNI, Octavio. *As metamorfoses do escravo*. São Paulo: HUCITEC; Curitiba: Scientia et Labor, 1988.
- KARASCH, Mary. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás. In: REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 240-262.
- LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia de viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- LEITE, Ilka Boaventura (org.). *Ética e Estética na Antropologia*. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da EFSC/CNPQ, 1998.
- LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Etnográfica*, v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000.

- LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- MERTEN, Luiz Carlos. "Cafundó" investiga mundo das religiões populares. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 abril 2000. Caderno 2, p.3.
- MOURA, Clóvis. *O negro - de bom cidadão ao mau escravo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1977.
- MOURA, Clóvis. *Quilombos, resistência ao escravismo*. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- MOURA, Clóvis. *Rebeliões na senzala, quilombos, insurreições, guerrilhas*. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1988.
- MOURA, Glória. *Uma história do povo Kalunga*. Brasília: MEC, 2001.
- MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. *Revista USP*, São Paulo, n. 28, p. 56-63, dez.95-fev.96.
- O'DYWER, Eliane Cantarino (Org.). *Terras de quilombos*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995.
- O'DYWER, Eliane Cantarino (Org.). *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: FGV/ABA, 2002.
- PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- QUERINO, Manuel. *Costumes africanos no Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1988.
- QUEIROZ, Sônia. A voz de Paul Zumthor. *Suplemento literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, V. 43, P. 18-21, nov. 1998.
- QUEIROZ, Sônia. *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- RAMOS, Arthur. *As culturas negras no novo mundo*. 3.ed. Brasília: Editora Nacional; São Paulo: INL, 1979. (Brasiliiana, 240).
- RAMOS, Donald. O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais no século XVIII. In: REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 4.ed. Brasília: Editora Nacional; São Paulo: INL, 1976. (Brasiliiana, 9).
- ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. *A narrativa africana de expressão oral*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Angola: Angole-Artes e Letras, 1989.
- SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. *Economia e escravidão em Goiás colonial*. Goiânia: Ed. da UFG, 1983.
- SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.
- SLENES, Robert. "Malungu, ngoma vem!": África coberta e descoberta do Brasil. *Revista USP*, São Paulo, v.12, p. 48-67, dez.91-fev.92.
- VAINFAS, Ronaldo. Deus contra Palmares – representações senhoriais e idéias jesuíticas. In: REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 60-80.
- VERNHAGEN, Francisco de Adolfo de. Escravidão de africanos: perigos ameaçadores. In: _____. *História geral do Brasil*. 7.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1959. v.1, cap.14, p. 222-230.

VOGT, Carlos & FRY, Peter. *Cafundó: a África no Brasil - língua e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras; Campinas: Editora Unicamp, 1996.

História – Memória – Narração – Performance

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Obras escolhidas*. Tradução de S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense. 1972. v.1, p. 197-221.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. *O Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1984. (Reconquista do Brasil, 84).

CASTELLO BRANCO, Lúcia. *A traição de Penélope*. Belo Horizonte: Annablume, 1994.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Contos populares da Bahia: aspectos da obra de João da Silva Campos*. Salvador: [s.n.], 1978.

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Lisboa: Celta, 1993.

CONY, Carlos Heitor. *Quase memória*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

CULLER. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Disponível em: <http://www.rubedo.psc.br/Artlivro/insinver.htm> Acesso em: fev. 2006.

FERREIRA, Amauri & GROSSI, Yonne. Razão narrativa: significado e memória. *História Oral: revista da Associação Brasileira de História Oral*, São Paulo, n. 4, p. 29-43, jun. 2001.

FERREIRA, Jeruza Pires. *Armadilhas da memória (conto e poesia popular)*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991. (Casa das Palavras, 8)

GUIMARÃES, César. *Imagens da memória: entre o legível e o visível*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

LE GOFF, Jacques. *Ensaio de ego-história*. Lisboa: Edições 70, 1987.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LEÓN, Maria Teresa. *Memória de la melancolia*. Barcelona: Bruguera, 1979.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 1997.

MEYERHOFF, Hans. *O Tempo na literatura*, São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. *História Oral: revista da Associação Brasileira de História Oral*, São Paulo, n. 3, p. 110-115, jun. 2000.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1998.

PENALVA, Gilson. *Literatura oral no sudeste paraense*. 2002. 218 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

RICOEUR, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires: FCE, 2000.

SANTOS, Idelette M. F. Escrita da voz e memória do texto: abordagens atuais da literatura popular brasileira. In: BERND, Zilá & MIGOZZI, Jacques (Orgs.). *Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França*. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 31-43.

SOUTO, Maria Generosa Ferreira. *Eu nunca vi não... só vejo falá*. 2001. 210 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história*. 3. ed. Brasília: UNB, 1995.

VIRNO, Paolo. *El Recuerdo del presente: ensayo sobre el tempo histórico*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *A tradição e o esquecimento*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: HUCITEC, 1997.

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e nomadismo*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sônia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Inês de Almeida e Maria Lucia Diniz Pochat. São Paulo: HUCITEC/EDUC, 1998.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e Leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.